

EPCAr - EAer

1962 - 1964 - 1965



Turma Agora Vai

2012 - Cinquentenário

Turma Agora Vai



1962 - 1964 - 1965

2012 - Cinquentenário

EDITORIAL

Cinquenta anos se passaram. Quase uma existência, e parece que foi ontem que tudo começou. O tempo voou, mas somos da Força Aérea Brasileira, e ela faz o tempo voar mais depressa.

A saga da Turma AGORA VAI teve início em 8 de março de 1962, data da nossa chegada à Escola Preparatória de Cadetes do Ar, Barbacena – Minas Gerais.

A presente obra se restringe ao período acadêmico. O relato aborda acontecimentos comuns aos componentes da turma, dentro do possível, pois recebemos amigos não somente em 1964, mas também em 1965. E nem todos têm a mesma visão daquilo que vivenciamos nos chamados “anos dourados”, mesmo os que ingressaram em 1962.

Há algumas digressões que nos remetem ao *futuro-já passado*, mas elas só serviram para convalidar as decisões dos nossos líderes.

São relatadas memórias e opiniões, e são, também e principalmente, transcritos fatos cujos registros constam da nossa vida de aluno e cadete.

Nossa história é caracterizada por mudanças de toda espécie, algumas de fácil assimilação, outras nem tanto.

Éramos jovens naquela época, e a contestação fazia parte do nosso DNA, embora só se tenha passado a falar nisso – DNA – quando a juventude cedeu lugar à maturidade. O progresso da ciência, contudo, não modificaria nosso comportamento e nossa maneira de ver o mundo e julgar que todos, exceto nós, estavam equivocados.

O registrado reflete alguns arroubos, e estou certo de que é revelada a opinião da maioria naquele período – 1962/1968. Estou certo, igualmente, de que a maioria concorda que as mudanças impostas durante os anos de Afonsos foram acertadas e benéficas para a Força Aérea.

Conforme explicitado no texto a seguir, a parte mais importante deste trabalho repousa na memória de cada amigo da turma. O que é apresentado só terá cumprido seu objetivo se cada um se dedicar ao garimpo de suas próprias lembranças. O tempo passado em Barbacena, Afonsos e Pirassununga é um manancial inesgotável de ótimas recordações.

Aos que *pertencem* à Agora Vai através de seus esposos, descendentes, ascendentes e amigos, que o relato os ligue ainda mais a uma turma que contribuiu sobremaneira para a construção da Força Aérea Brasileira da qual nos orgulhamos. Vocês são muito importantes para nós, para a Força e para o Brasil.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho, que trata quase exclusivamente de fatos ocorridos no período 1962-1968, demandou algumas pesquisas e a participação de vários colaboradores, aos quais externamos nosso reconhecimento através desta menção. Assim, agradecemos a todos quantos nos ajudaram, sob diversas formas, e citamos:

- Celestino e Ernani, pelos artigos que tão bem refletem o espírito de seus autores e da Agora Vai;

- Castro, Caravellas e Victor, por relatos que geraram a redação de "causos" e acontecimentos marcantes dos nossos anos acadêmicos;

- Hoog, por ter permitido, através de suas inserções no "site" da turma, menção a amigos muito queridos, a par de ter "autorizado" que sua criação – a bolacha – compusesse a capa desta Revista;

- Bellon, Bezerra, Cavalin (*in memoriam*), Daemon e Elbert, por terem enviado fotos de inestimável valor;

- Rodrigues (*Curupa*), pelo empenho durante tantos anos, com uma paciência de Jó, na cobertura fotográfica de nossas reuniões. Seu trabalho gerou a sessão **Túnel do Tempo**, de autoria do Porto;

- Abel, por ter ensejado condições operacionais de edição do DVD sobre as reuniões da turma;

- SO Ivana e funcionários Eduardo e Reginaldo, do Superior Tribunal Militar (STM), pelo precioso assessoramento prestado durante o período de formatação da Revista;

- Brigadeiros Russo e Alvani, ex-comandantes da EPCAr, por nos terem facilitado o acesso às publicações relativas à turma, e

- amigos que foram "personagens" de alguns "causos", embora tenhamos procurado preservar-lhes a identidade, e amigos cujos nomes foram explicitados neste relato.

Nossas escusas antecipadas a quem se sentir magoado, por qualquer motivo. A intenção foi a melhor possível.

Walter Miglorância Filho - Redator

Carlos Geraldo dos Santos Porto - Formatação

SUMÁRIO

<u>Começo “Desconhecido” da Nossa História – Primeiros Dias de 1962.....</u>	<u>9</u>
<u>Inspeção de Saúde – ISCP / Futuro Laranjal – Afonsos.....</u>	<u>10</u>
<u>Escola Preparatória de Cadetes do Ar – 1962 – Primeiro Ano – Terceira Esquadrilha.....</u>	<u>14</u>
<u>1963 – Segundo Ano – Segunda Esquadrilha.....</u>	<u>27</u>
<u>1964 – Terceiro Ano – Primeira Esquadrilha.....</u>	<u>32</u>
<u>Canção da Escola Preparatória de Cadetes do Ar.....</u>	<u>41</u>
<u>Nossos Comandantes.....</u>	<u>42</u>
<u>Homenagem – Aos Mestres, Com Carinho.....</u>	<u>43</u>
<u>Generalidades Extracurriculares – Ou Quase.....</u>	<u>44</u>
- Rififi no “Rendez-Vous” ou Confusão na Zona.....	44
- A Balalaica.....	45
- As Noites de Barbacena e o Carrilhão de São José.....	46
- A Rainha da Praça de Esportes.....	46
- A Escrivanhinha que “Engravidou”.....	47
- FIFA Reconhece Cinquentenário da Invencibilidade do Fazendão F. C.	48
- Miglorância, O Vagabundo e A Máquina do Tempo.....	50
- Algumas Curiosidades.....	52
- Punições Dignas de Registro.....	53
- Saudosos Momentos – I.....	56
<u>Escola de Aeronáutica – Campo dos Afonsos – RJ – CCAer – 1965 – Primeiro Ano.....</u>	<u>67</u>
<u>“Os Quatorze do Eletroencefalograma”.....</u>	<u>70</u>
<u>Rotina do Primeiro Ano – 1965.....</u>	<u>72</u>
<u>1966 – Segundo Ano.....</u>	<u>78</u>
<u>1967 – Terceiro Ano.....</u>	<u>83</u>
<u>1968 – Quarto Ano.....</u>	<u>97</u>
<u>Nossos Comandantes.....</u>	<u>107</u>

<u>A História do Hino da Academia da Força Aérea.....</u>	<u>108</u>
<u>Bandeirantes do Ar.....</u>	<u>110</u>
<u>Causos e Acontecimentos dos Tempos de Cadete.....</u>	<u>111</u>
- Saldanha, Sabino e Timbó.....	111
- Os 18 do Forte.....	111
- Fez Jus à Fama, Passei a Reconhecer.....	113
- Ten Cel Carvalho – Comandante do CCAer.....	114
- Madalena, Seus Filhos e Agregados.....	114
- O Primeiro Serviço de Cadete de Dia como Aviador.....	115
- Fechamento das Portas – I.....	116
- Fechamento das Portas – II.....	118
- Nosso Primeiro Imortal.....	119
- Uma Comemoração que Virou Tragédia.....	120
- Relato de Um PQD.....	121
- A Agora Vai em Números, e Um Dos Papéis dos PQD's.....	123
- Nosso Eterno Amigo e Comandante de Esquadilha.....	124
- Saudosos Momentos – II.....	127
<u>Túnel do Tempo.....</u>	<u>141</u>
<u>Para Nossa Reflexão.....</u>	<u>188</u>
<u>Eternos Companheiros.....</u>	<u>190</u>
<u>Relação do Pessoal Matriculado na Turma Agora Vai.....</u>	<u>194</u>
<u>Pequeno e Modestíssimo Glossário.....</u>	<u>202</u>

RESENHA DO CINQUENTENÁRIO DA TURMA AGORA VAI

RELAÇÃO DOS COMPANHEIROS QUE ESTIVERAM EM BARBACENA



COMEÇO "DESCONHECIDO" DA NOSSA HISTÓRIA PRIMEIROS DIAS DE 1962

1 - Elogio a Oficial:

Este Comando cumpre o dever de elogiar o Capitão-Aviador BAYARD FERREIRA DA COSTA nos seguintes termos:

Ao apresentar-se no dia 30 DEZ 61 para entrar em gozo de férias, tomou conhecimento de que o avião C-45 2821, desta Escola, que transportava ao Norte e Nordeste os Oficiais Fiscais de Provas do Exame de Admissão, encontrava-se paralisado em SBVT, necessitando de substituição de peças. Sabedor da falta de piloto no momento, ofereceu-se voluntariamente para providenciar a obtenção do material em SBRJ e transportá-lo para SBVT.

Decolou o Capitão BAYARD de SBBQ no T-6 1420, já enfrentando condições atmosféricas desfavoráveis, tendo, após tentativas em outras Unidades sediadas em SBRJ, conseguido o material para o socorro no Parque de Aeronáutica dos Afonsos, em dia em que não havia expediente, graças ao seu desembaraço e iniciativa. Decolou, então, para SBVT às 20:00 P, já sabendo que a rota encontrava-se com pesadas formações de CB's e turbulências, chegando ao destino após enfrentar corajosamente e com perícia as condições adversas.

Graças a esta missão foi possível o prosseguimento da viagem do C-45 2821 a tempo de serem efetuadas as provas, em todo o Brasil, na data prevista.

Elogio, pois, o Capitão BAYARD, que mais uma vez provou ser um Oficial de grande espírito de cooperação, iniciativa, alta noção de responsabilidade, aliadas às qualidades excepcionais de piloto e de elevado padrão profissional.

OCTÁVIO DE VIÇOSO JARDIM – Ten.- Cel.- Av.
RESP PELO COMANDO
(transcrito do Bol n. 29, de 08 FEV 62, da EPCAr)



A história da AGORA VAI é rica em emoções e mudanças de rumo. A transcrição acima relata um fato que muitos companheiros – na verdade, quase todos – desconheciam: nosso exame de admissão esteve a ponto de ser adiado. Embora o texto não explicita, presume-se que as provas do concurso também estivessem no C-45 2821. O elogio ao Capitão Bayard atesta nosso singular envolvimento em ocorrências inusitadas, geralmente ligadas a cronogramas, mesmo antes do ingresso nas fileiras da Força Aérea.

O exame teve sua data prevista mantida: se bem me recordo, concentração no dia 2 e provas escritas nos dias 3 e 4 de janeiro de 1962. Pelo menos alguns dos futuros componentes da turma ainda curtiam um resquício das festas de final de ano sob a forma de uma *leve ressaca*, quem sabe. Se nos dedicarmos à análise dos matriculados em 8 de março poderemos nos divertir. Ou alguém duvida que o 62-.... Deixa pra lá.



INSPEÇÃO DE SAÚDE – ISCP FUTURO LARANJAL – AFONSOS

Entre a divulgação do resultado do exame de admissão e a apresentação em Barbacena (BQ, viríamos a aprender com o tempo) fomos submetidos à inspeção de saúde, e naquela ocasião os futuros *laranjeiras* passaram por um rigoroso teste físico-



mental extraoficial no Campo dos Afonsos. A inspeção ocorreu, para todos os candidatos, no edifício do Ministério da Aeronáutica, Rio de Janeiro. Marcamos ponto no ISCP (Instituto de Seleção, Controle e Pesquisa) durante alguns dias, e ao término das sessões previstas para cada jornada a turma era dispensada temporariamente. Os futuros *bananeiras* retornavam a seus lares;

candidatos que, embora não residindo em RJ, tivessem parentes ou amigos próximos na área iam para as casas desses parentes ou amigos. E o resto? O resto, o *laranjal*, encarava o trem da Central do Brasil até Cascadura, onde fazia baldeação para o ônibus Cascadura-Bangu (Casca-Banga, para os íntimos). Mesma coisa no sentido inverso. Uma verdadeira viagem, que demorava muito mais quando éramos obrigados a pegar o trem parador. Os *bananeiras* só compartilhariam desse transporte três anos depois, em 1965, apesar de alguns cariocas já conhecerem os prazeres do percurso, mas não como *militares de escol*.



E como os *laranjeiras*, após um dia estafante de inspeções e deslocamentos, eram recebidos nos Afonsos? Melhor perguntar, primeiramente, **quem os recebia?** Literalmente, *um bando de recalçados*, composto de cadetes desligados ou do voo, ou da própria Escola de Aeronáutica, ou que houvessem retornado ao Corpo de Cadetes para realizar exames de segunda época. Quanta frustração acumulada! Havia outras hipóteses mais amenas, como a que contemplava os cadetes com alguma ligação afetiva no Rio, mas estes não eram lá muito mais mansos do que os componentes das três categorias anteriores: só perturbavam *menos* porque ficavam *menos* tempo na Escola. Benditas namoradas, tanto para os cadetes quanto para os candidatos.



Aprendemos – sim, fui um dos **afortunados hóspedes** dos Afonsos como candidato – o que era o trote na prática, em pleno verão carioca, na zona mais quente do Rio. No começo não entendi patavina, pois me submetiam a provas às vezes insólitas por causa do meu... sobrenome! Condenado por me chamar *Miglorância*, sem direito a apelação! Tudo bem, esquisito, mas não era prenome. Pensava que a aporrinhção tivesse acabado no curso primário. Ledo engano, e lá estavam

os recalçados, de todas as categorias, para me mostrar que a vida seria, no mínimo,



de luta. Como disse Millôr Fernandes, numa paródia à fábula *Lupus et Agnus*: “pra quem quer pretexto qualquer pretexto é pretexto”. O pretexto? Meu nome. Foi, contudo, um bom preparo, e nessa época pude travar contato com alguns futuros grandes amigos, talvez, em parte, pelas agruras sofridas lado a lado naqueles *breves-longos-difíceis* dias de inspeção de saúde.

Bem, já ficou patente minha condição de laranjeira desde os primórdios da carreira, apesar de não conhecer, até o início de 1962, outra conotação para o termo que não a que definisse a árvore da laranja, **a laranjeira**. Mas, voltando à questão da recepção aos *laranjeiras-candidatos* pelos *laranjeiras-cadetes*, nossa entrada no Corpo era *festiva*, quase *triunfal*: fosse qual fosse a hora, mesmo durante a madrugada, havia sempre um cadete, pelo menos, para anunciar aos berros a chegada dos infelizes. O que nos aconteceu a partir de fevereiro de 1965, como turma, pode dar uma ideia daquilo que os laranjeiras enfrentaram em fevereiro de 1962, com uma diferença: em 1965 éramos quase duzentos, incluindo os que ingressaram naquele ano, e já tínhamos uma certa experiência, fora os três anos acrescentados à vida. Em 1962, como candidatos, éramos uma “meia dúzia” de adolescentes empolgados, acreditando que o mundo era só alegria. Enfatizo: ainda estávamos na condição de **candidatos**, civis portanto, e alguns nem seriam aprovados no exame médico.

Terminada a fase de inspeção de saúde, os laranjeiras cujos resultados já haviam sido divulgados puderam voltar para suas cidades de origem. Outros tiveram de permanecer em RJ, aguardando a definição de alguma pendência, e houve – se não me falha a memória – candidatos que permaneceram nos Afonsos até o embarque para BQ por residirem em local muito distante da Cidade Maravilhosa. Estes se deram parcialmente bem, e explico: seria definida, em breve, a data de apresentação para a viagem rumo a Barbacena. Teríamos que entrar em contato com os QG’s das Zonas Aéreas a partir de um dado momento, quando seríamos informados de outras providências a serem tomadas – por exemplo, alguns documentos, peças de enxoval, etc., que deveríamos levar conosco para a nova vida.

Fixado 8 de março como dia da concentração final e embarque para BQ, os laranjeiras que haviam voltado para suas cidades tiveram de retornar ao Rio, de forma a cumprir o calendário, e nenhum deles, por mais *tapado* que fosse, iria deixar para chegar ao QG da Terceira Zona Aérea às sete horas da manhã do dia subsequente à quarta-feira de cinzas do carnaval de 1962. E para onde o *então laranjal quase efetivo* se mandou?



Para os Afonsos. E quando? Pelo menos no dia 7 de março, a quarta-feira de cinzas já citada, véspera do embarque. E com quem os cadetes recalçados pelos mais diversos motivos, embora em menor número, resolveram *prantear* o encerramento do carnaval? Com o “bloco” dos laranjeiras que voltavam ao Corpo de Cadetes, todos acompanhados de imensas malas de viagem, mais parecendo *retirantes*, não somente pela bagagem, mas pela fisionomia de quem sabia do sofrimento que os aguardava.

Sem qualquer consulta, fomos considerados *foliões*, nossas roupas e bagagens, *fantasias e adereços*, respectivamente, e tivemos de *dançar* a noite toda. Quem tinha permanecido na Escola após a inspeção de saúde deu uma saída estratégica até Bangu, Realengo, Cascadura e adjacências. Houve gente que já tinha se engraçado com moça do Rio e curtiu até a madrugada do dia 8, mas quem voltou para pernoitar nos Afonsos *se ferrou*, em umas poucas horas, mais do que se havia *ferrado* durante todo



o período do exame médico, ou quase. E os laranjeiras que haviam permanecido no Rio já estavam familiarizados com os cadetes bons... *de trote*, razão pela qual se deram bem, foram poupados.

Vocês vão perguntar: não havia oficiais para coibir o trote? Qual o quê! Só me lembro de um alvoroço entre os *cadetes-trotistas* quando *pintou* na pérgula, numa manhã qualquer, o Brig. Antônio Raymundo Pires, então Comandante da Escola de Aeronáutica. O quadro que me vem à mente: *ratos abandonando o navio* (perdoem-me os ratos). Soube do nome do brigadeiro e do seu cargo por um *cadete-não-trotista*.

Resumo da ópera: acabamos nos tornando amigos até dos *cadetes-trotistas*, pois com alguns viemos a servir como oficiais e, recordando aquela época, demos boas gargalhadas. Em tais ocasiões discorriamos, inclusive, sobre a função *sócio-econômico-cultural-educativa* do trote. A bem da verdade devo ter exagerado "nas cores" com as quais pinte a tragédia; alguns trotistas tinham a mente fértil (tão fértil a ponto de ser *fertilizante*), mas ninguém, realmente, atentou contra nossa integridade física ou mental (bem, houve um japonês, hoje meu amigo, que me mandou ingerir um pedaço de pedra de anil com sabão. Finalidade? Fazer bolinha colorida. Ha-ja imaginação! Isso aconteceu na madrugada do dia do embarque para BQ, e foi uma ordem descumprida, mas *eu* ainda não era militar, e o *japa* devia estar blefando). Houvesse qualquer sentimento de mágoa, não estaria aqui teclando, com saudade, lembranças de coisas ocorridas faz meio século. E tem mais: pode parecer masoquismo, mas ajudou na nossa formação, principalmente *física*. Quanto a isso, não há dúvidas.

A estada nos Afonsos nos temperou para o futuro, para a jornada que teve início em 8 de março de 1962. Naquela manhã de quinta-feira uma viatura da Escola de Aeronáutica nos levou ao local da concentração (pátio do QG-3), onde chegamos antes das 7h. Pudemos, então, travar um contato mais efetivo com os bananeiras – os quais seriam maioria da turma até nos formarmos – não somente no momento de sabermos nossos números de matrícula, mas, principalmente, durante a viagem rumo a Barbacena (curta, por sinal). A tensão reinante não permitiu, na hora da divulgação dos números, a tradicional ovação ao 62-24 como seria de se esperar (os tempos eram outros) de um grupo de adolescentes partindo para o início de uma nova vida – na verdade, para o início da própria vida, porquanto, em princípio, iríamos permanecer durante os trinta anos subsequentes nas lides castrenses, onde nos tornaríamos profissionais, constituiríamos família e consolidaríamos a amizade, então incipiente, entre aqueles 128 **adolescentes/jovens** que haviam abraçado o ideal da aviação.



Muitos amigos se lembram do seu companheiro de viagem e das paradas do comboio, composto por cinco ônibus da ÚTIL. Não me recordo de quem se sentou ao meu lado, mas sei – e quem não sabe? – que ao chegarmos à EPCAr desembarcamos no Pátio da Bandeira, e os mais antigos estavam nos aguardando, sorridentes. Pelo jeito, já havia amizade entre alguns veteranos e bichos, e estes se gabavam de conhecer aqueles como se isso fosse um salvo-conduto. Era hora

do almoço. Do pátio fomos conduzidos ao rancho dos alunos. O arremate da refeição



– ótima, por sinal – foi uma sobremesa de pêssego em calda. Indelével tudo o que viveríamos a partir daquela quinta-feira, 8 de março de 1962, data do início da história da **Turma Agora Vai**, que assim seria conhecida apenas alguns anos depois, na Escola de Aeronáutica, Campo dos Afonsos.

Como já mencionei, a refeição foi ótima, e não por causa da sobremesa, mas aquele pêssego em calda ficou marcado. Por quê? Estou me permitindo mencionar umas poucas facetas da minha vida *antemilitarismo* (não confundir com *antimilitarismo*, por favor!), e vocês tenham paciência, mesmo porque alguns companheiros passaram por situações semelhantes. Isso não é desdouro para ninguém; pelo contrário, a menção a certas experiências vividas antes do ingresso em BQ deve ser vista como uma homenagem àqueles que enfrentaram mais dificuldades e, sobretudo, sirva para que se reconheça quão importantes têm sido as Forças Armadas na admissão, em seus diversos quadros, de pessoas das mais variadas camadas sociais, sem qualquer tipo de discriminação. Seria preciso lembrar que o grosso dos nossos efetivos, em todos os níveis, é composto de representantes das classes mais humildes? É onde se inicia a integração promovida por Exército, Marinha e Aeronáutica, desde sua criação, em nosso país.

Antes de ir para BQ trabalhava durante o dia e estudava à noite. Era, por necessidade, um *marmiteiro*, porquanto o escritório distava uma hora de ônibus da minha casa. Aliás aprendi, com os cariocas, que **me escondia**, não **morava**. Marmiteiro, quando comia sobremesa, dispunha de banana, ou maçã, ou laranja, etc., *in natura*. Pêssego em calda? Como? Ainda que muito bem acondicionado iria sobrar calda na pasta onde estava a marmitta e, pior, melar os livros e cadernos escolares. Assim, pêssego ou figo, só se fosse doce de lata, que em BQ alguns companheiros chamavam de *doce de #%* (o preenchimento do campo fica por conta de cada um), tamanha a frequência com que eram servidos (os doces), principalmente no jantar e em finais de semana.

Durante a permanência nos Afonsos, como candidato, quando comi algo diferente de laranja e banana na sobremesa foi sob a forma de “molotov”, com ovos, arroz, carne, *doce-do-que-fosse*, café, leite, etc., tudo misturado numa caneca de aço inoxidável, vocês conhecem o assunto. Está explicada minha fixação naquela primeira sobremesa como aluno? E sem “molotov”.

A narração, até aqui, abordou fatos ocorridos antes da matrícula na EPCAr, formalizada em 8 de março de 1962, mas faz parte da nossa vida militar. Cada um teve sua história antes dessa data, e a partir dela passamos a viver uma rotina padrão, uma trajetória quase comum, embora com alguns desvios previsíveis em um grupo de adolescentes-jovens, num período que culminou com nossa formatura, em 1968. Muitos companheiros deixaram a carreira pelos mais diversos motivos, mas não romperam a ligação com o tempo passado em Barbacena, nos Afonsos e em Pirassununga. Mais importante: mantiveram os laços de amizade e camaradagem estabelecidos a partir do ingresso na Escola Preparatória de Cadetes do Ar e na Escola de Aeronáutica.

O relato que se segue não visa a apresentar novidades. Pelo contrário, tem como objetivo estimular os amigos a um exercício muito saudável na nossa idade atual: recordar uma época maravilhosa para a maioria. Alguns podem pensar: “Pô, logo agora, quando mal me lembro de um passado recente, tenho que me ver às voltas com reminiscências da minha juventude?” Calma, pessoal; como diz o refrão, “recordar é viver”. Cada um pode, intimamente, enriquecer este pobre trabalho. A parte mais importante repousa, adormecida, na nossa memória. Afinal, somos todos sessentões, temos muitas experiências acumuladas. ÀS RECORDAÇÕES, PORTANTO.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR BARBACENA – MINAS GERAIS



1962 - PRIMEIRO ANO TERCEIRA ESQUADRILHA



Após o almoço, fomos conduzidos aos nossos *aposen*tos. Beliches para todos, exceto para o Chefe de Alojamento, Aluno 60-156, Enildo, do terceiro ano, orientador da turma. Alguns detalhes, como arrumação de cama, procedimentos a serem observados no interior do recinto, utilização dos armários, etc., foram tratados. Ajeitamos a bagagem da melhor maneira possível nos minúsculos armários (na verdade, metades de armário), os quais ficavam próximos aos banheiros, e nossas malas, já esvaziadas, foram recolhidas ao depósito da esquadrilha. Detalhe que chamou atenção: o rolo de papel higiênico em evidência sobre a cama, ainda por arrumar. Sua (do papel higiênico) distribuição seria quinzenal (ou semanal?). Bem, quem precisasse de mais poderia adquirir no Reembolsável, a preços módicos. As gozações foram inevitáveis e só ficaram no limite por estarmos começando vida nova, dentro do militarismo, em terreno ainda inexplorado.



Depois da ambientação com o alojamento deslocamo-nos para o Almoxarifado, onde receberíamos o enxoval militar. Até cuecas nos deram, e eram padronizadas, com exceção do tamanho, e na cor branca, talvez para mostrar ao aluno que já estava na hora de outro banho (alguns não eram muito chegados ao *esporte* e teriam no frio um *aliado*) ou de outra cueca. Por falar *nela*, lembro-me de um companheiro, excelente *camarada*, que não se importava muito com a *organização*, para dizer o mínimo, do armário, em cujo interior conviviam, pacificamente e em íntimo contato, cuecas usadas, ostentando as marcas características do uso, com lenços limpos, e vice-versa. Devia ser uma confusão, mas o amigo, *que chegou a perder um capacete no dito armário*, jamais se preocupou com *detalhes*. *Preocupações? Pra quê?* Alguém sabe quem era o tal *camarada*? Ou melhor: alguém *não* sabe?

Após esta digressão, voltemos ao fardamento. O encarregado da distribuição observava o aluno e *mandava ver, pelo jeito*, camisas azul-oxford, calças de brim, quepe, bibicos, bico-de-pato, etc., tudo na quantidade preconizada. Alguns itens eram passíveis de troca, mas na maioria dos casos eram necessários ajustes. Recordo-me do Vita circulando com calças de brim e camisas do sexto uniforme que lhe assentavam muito bem, mas como *barracas*. E ele era todo felicidade, acreditem!

Quanto aos calçados, havia a clássica pergunta: "que número você usa"? Recebíamos sapatos sociais, sapatilhas (as *maratonas*), borzeguins e botas de meio cano (os *bate-búttis*). Aí, nos pés, a coisa pegava, e os calos também, com o decorrer do uso. Mas tudo se ajeitava, e depois de alguns dias, já amaciados os alunos e os calçados, a convivência se tornava até tranquila. Volto ao Vita, novamente feliz da vida por ter recebido um par de borzeguins, nosso calçado de quase todas as horas, com uma tira de couro no alto do cano. Tal tira facilitava o "calçamento". Talvez nem o próprio Vita se lembre disso, mas é fato. Ele se jactanciava de ser o único a ter aquela preciosidade e, com o decorrer do tempo, passaria a apregoar uma máxima do Cap. João Reis: "O homem calçado não chega atrasado".

Recebemos, ainda, os agasalhos e as peças próprias para Educação Física – sunga, calções, camisetas, meias e abrigos. Alguns companheiros costumavam dar *GP*, quando em suas cidades, com determinados artigos (camiseta regatas e *bleuse*) nos quais vinha estampado o "sobre alado", a asa da FAB.

A japona e as ceroulas foram utilíssimas, pois em BQ fazia frio. Com o tempo, muitos alunos providenciaram uma japona civil a partir de outra peça do fardamento – a pelerine, com a qual, confesso, fiquei encantado. Talvez tenha sido um dos poucos membros da turma a preservar a pelerine, que guardo até hoje. Como é bonita! Um azul-ferrete chamativo, a gola em veludo preto com laços amarelos e os botões metálicos dourados. Bem, já vão pensar coisas indevidas. Chega.

Valeu, mais do que nunca, o "não tem tu vai tu mesmo". Dá *pra* imaginar alguns companheiros terem sido matriculados com indicação de regime alimentar para **ganhar peso**? Com certeza foi o caso do Altair, do Esteves e do Fernandes Lima, e tenho minhas dúvidas sobre o Castro (não, já não tenho mais: ele, o Castro, acaba de me confirmar por e-mail). Então, justificava-se o critério adotado para a distribuição de certas peças do fardamento: *no jeito*. E todo mundo saiu contente. Hoje, com raras exceções, nossa preocupação é inversa, a balança é um inimigo atroz. Não sei de um companheiro sequer que em 1962 tenha tido indicação de regime alimentar para *perder peso*. Passados cinquenta anos, a história se inverte. Felizmente. Um desafio: quem, na sua opinião, era "o mais gordo" da turma? Difícil responder. Mais fácil seria apontar os "menos magros".



Houve peças que caíram como luvas em todo e qualquer companheiro: o cinto com a fivela, as meias pretas, as de Educação Física (brancas), as ombreiras (platinas), as gravatas, o cinto de guarnição e mais...mais o quê? Ah! as luvas brancas – de desfile – e as toalhas. Bom, *né?* E o cachecol. Como ter problemas nestas peças? Tamanho único. Você se lembrava de haver recebido todos esses itens? E nos três anos do curso (com algumas exceções, como o bate-búti, o “quinto”, a pelerine, a japona e poucos outros, distribuídos somente no 1º ano).

PS – Puxa, não é que eu ia me esquecendo (parafraseando o saudoso Saboia) da tarjeta de identificação? E mesmo a “própria” pediu *reparos* em alguns casos, como o do Curado, ou melhor, Vaz-Curado. Logo veremos.

Ao final da tarde, o alojamento era uma festa, cada aluno às voltas com seu fardamento. A gozação era generalizada, como se ninguém, *exceto os outros*, tivesse problemas, o maior deles concentrado no tamanho das calças de brim e das camisas azul-oxford, de mangas compridas. *Pra variar*, o pessoal que comporia a *reta* (refiro-me aos de menor estatura física, e não à *reborreia*, cuja conotação só conheceríamos algum tempo depois) foi o mais prejudicado: sobrava pano. Mas tudo se ajeitou rapidamente.

Se houve outras atividades programadas para o dia não me recordo. Com certeza tivemos de preparar o uniforme – sexto interno – para a manhã seguinte, quando haveria reunião no Auditório. Após o jantar, fomos apresentados à barbearia do Corpo de Alunos, e já era noite. Corte de cabelo em linha de montagem, numa rapidez estonteante, sem direito a qualquer manifestação de vontade. Interessante: ninguém se achou bonito após a *operação*, *exceto*, talvez, o Barbosa (Maomé), cuja fama – ele se achava, em termos de beleza, simplesmente o máximo, um verdadeiro Apolo do século XX – ainda não era conhecida. O corte de cabelo tinha nome: Príncipe Danilo. Depois de nos “*enturmarmos*” na cidade e conhecermos certas figuras da sociedade local, uns poucos companheiros passariam a frequentar um “salão” onde o atendimento era preferencial, e o profissional fazia o serviço cantando, por exemplo, *Granda*. Seu nome artístico? Isso é com seus clientes de então. Claro que somente se recorria aos seus *préstimos* eventualmente, e alguns alunos nada pagavam. O *barbeiro-cantor* marcou época em BQ.

Primeira revista do recolher, ao lado dos beliches. Como ocupamos o tempo entre a revista e a ceia, às nove horas da noite? Provavelmente às voltas com nossos armários, agora com mais vagar. Ainda não havíamos sido apresentados às salas de aulas, e alguns amigos escreveram cartas apoiados em suas camas; outros, preocupados com perturbações dos veteranos, usaram os banheiros (para escrever cartas).

Dez da noite, toque de Silêncio. Que maravilha! Inesquecível, não somente pela forma como foi executado, mas pelo tanto que mexeu com aqueles adolescentes, alguns talvez passando pela primeira vez uma noite fora de casa, sem a companhia da família, que dera lugar e vez a outra, maior, mais agitada e sonhadora, composta só de irmãos. E o céu de Barbacena emoldurando o quadro. Aliás, como era lindo aquele céu!

Consagramos o Sargento Moreira como o *corneteiro-mor* da Escola, e ele o foi, justiça se lhe faça, mas justiça se faça, também, a quem entoou o toque de Silêncio de 8 de março de 1962, o *nosso primeiro Silêncio*: o Cabo Belusci. Será que alguém da turma perdeu o **evento**? Bem, quem não se inspirou com aquele toque foi exceção. Terá havido exceção?

Na sexta-feira, 9 de março, novamente o Cabo Belusci na corneta, desta vez para tocar o Alvorada, despertando-nos pela primeira vez em Barbacena, mas os



acordes da noite anterior ainda ressoavam em nosso íntimo. Fazer o quê? Pular da cama – e arrumá-la – para a jornada inicial na “Cidade das Rosas”, incrustada na Serra da Mantiqueira. Friozinho gostoso, manhã de céu limpo, prenúncio de boas novidades. Higiene pessoal, muita gente se barbeando por obrigação (alguns eram quase imberbes, ou será que o Vovô, “um teis mea”, Machado Neto, tinha algo a ser removido do rosto além das espinhas características da idade?), café da manhã e últimos preparativos para a primeira reunião da 3ª Esquadilha com o Capitão Bayard, comandante designado, e o Tenente Lara, subalterno. Os monitores seriam os sargentos Hélio Siqueira (o *Foca*), Jurandir Vieira Soares e Geraldo César Barbosa. Os alunos envergavam o 6º interno, uniforme de todos os dias durante muito tempo. Percebia-se a satisfação com que cada um trajava seu fardamento, apesar dos ajustes necessários. Pouquíssimas brincadeiras, e somente até a entrada do Capitão e sua equipe. Ouviu-se um “SENTIDO”, ao qual a maioria respondeu meio desajeitada, mas como experiência *deu pro gasto*. E contávamos com o Osolins, já se aventurando a dar *macetes*, e o Falcão, ambos militares “antigos”.

O Capitão nos impressionou vivamente desde suas primeiras aparições – e notem que nem tínhamos conhecimento do episódio narrado no início deste histórico, senão ele seria **um deus**. Cabelo escovinha bem rente, porte atlético, boa-pinta, andar altivo, se fosse norte-americano teria sido astronauta ou artista de Hollywood, não somente pela *estampa*, mas pelo envolvimento em tudo que fazia, pela condição física, pela iniciativa e pela *marra*. Era líder, estava no lugar certo, uma escola de formação. Um vibrador, numa só palavra. O elogio da abertura desta revista reflete, com propriedade, o Capitão Bayard.

Pois bem, o Bayard conduziu a primeira reunião, basicamente informativa, com a turma. Introduziu os professores responsáveis pela implantação do Plano de Ensino, cuja novidade era o sistema de Estudo Dirigido (os de BQ sabem do que se trata, embora alguns não liguem “o nome da coisa à coisa”). Os professores Allevato e Heraldo, da Divisão de Instrução Fundamental, fizeram uma exposição do método, baseado nos planos Batávia e Colúmbia. Sinceramente, *trepidei*; achei tudo muito avançado para um recente ex-marmiteiro, mas se tinha sido aprovado no concurso de admissão deveria ter condições de prosseguir como aluno da EPCAr. Até hoje não sei definir o que foram os planos Batávia e Colúmbia – alguém sabe? –, mas o Estudo Dirigido foi uma *senhora mão na roda*, uma grande facilitação para o aprendizado, e, conseqüentemente, para a aprovação ao final do ano letivo. As repetências praticamente deixaram de existir.

O Bayard voltou após a explanação dos professores e pintou um quadro da Escola:

“Aqui somente os bons subsistem. Temos no Corpo de Alunos desde filho de ex-presidente da República até filhos de lavadeira, e todos são tratados de acordo com sua aplicação e seu procedimento, e não de acordo com seu nível social ou sua origem.” E por aí foi, querendo incentivar e mostrar o que nos competia fazer. Devemos ter ouvido, pela primeira vez, a célebre frase de estímulo “Na aviação só o perfeito é aceitável.” Na verdade, um desafio.

Sabemos que só houve um filho de ex-presidente da República como aluno, uns poucos filhos de famílias abastadas, uns raros parentes de oficiais e sabemos, também, que houve, principalmente, muitos filhos de gente humilde na Escola. E quantos não fomos filhos de lavadeira? Sempre foi assim, ainda hoje esta é a realidade, e graças a Deus por isso.



Pensei com meus botões: “tenho que entender esse tal de Estudo Dirigido, caso contrário vou voltar para a vida de marmiteiro, e o meu pai não vai ficar contente.” E o *velho*, calabrês, *bravo pra caramba*, autodidata por necessidade, era exigente. Estudar ou estudar, eis o dilema. Que Deus e o tal de Estudo Dirigido me ajudassem, principalmente este último.

Ao final da explanação espaço aberto para esclarecimento de dúvidas. Ninguém se manifestou sobre os Planos Batávia e Colúmbia, Estudo Dirigido e que tais. Houve uma ou outra questão levantada, e me surpreendeu a ousadia do Vaz-Curado. Dirigindo-se ao Bayard, solicitou a retificação do seu nome de guerra, o qual tinha sido grafado como Curado (já usávamos as tarjetas). Nosso companheiro, por “a+b”, provou que Vaz-Curado era uma palavra só, seu nome não era Curado, mas Vaz-Curado, com hífen, e sua tarjeta tinha de ser modificada. O Capitão colocou um ponto final: “Muito bem; o *senhor*, por ora, permanece Curado, e será Vaz-Curado oportunamente. Satisfeito?” O Vaz-Curado recorda-se do fato e pode fazer alguns reparos a detalhes, mas o básico é isso aí. A modificação foi processada rapidamente, e o Curado passou a ser Vaz-Curado, conforme assegurara o Bayard. E assim permanece até hoje.

A Escola, comandada pelo Brigadeiro do Ar Homero Souto de Oliveira, tinha como Chefe do Departamento de Ensino o Tenente-Coronel-Aviador Otávio de Viçoso Jardim, e como Comandante do Corpo de Alunos o Major-Aviador Cassiano Pereira. O Brasil *vivia* o Parlamentarismo; nosso Presidente era João Goulart, o Primeiro Ministro, Tancredo Neves, e o Ministro da Aeronáutica, Clóvis Monteiro Travassos. Haveria mudanças neste quadro, e não poucas, até 31 de março de 1964.



O 2º Tenente-Aviador Fernando Vanderlei Lara, Subalterno da 3ª Esquadrilha quando de nossa apresentação em Barbacena, foi designado Comandante em 29 de março de 1962, tendo exercido o cargo, de fato, até concluirmos o curso, em 11 de novembro de 1964, e sermos desligados da Escola Preparatória de Cadetes do Ar com destino à Escola de Aeronáutica, nos Afonsos. Outros oficiais exerceram o cargo, de direito, mas enfatizamos: o Tenente Lara sempre foi o Comandante de fato da nossa turma. Sua última dispensa, publicada no Bol. 020, de 29 de janeiro de 1965, marcou o fim de um ciclo. Soube ser Oficial e Amigo de seus subordinados. Impôs-se pela serenidade, pela dedicação, pelo envolvimento. Um exemplo para todos os que compartilhamos da ventura de tê-lo como Comandante. Em pouco tempo passaria a ser conhecido como **Larinha**.

No sábado, 10 de março, houve a abertura do ano letivo de 1962, com a presença de todo o efetivo do Corpo de Alunos no Auditório da EPCAr. A solenidade teve início às 10h e contou com as presenças do Brig. do Ar Eng. João Mendes da Silva, que ministrou a Aula Inaugural, e do Maj. Brig. do Ar Henrique Fleiuss, Diretor Geral de Ensino da Aeronáutica.

Naquela oportunidade começamos a adquirir noções mais efetivas de civismo: o Hino Nacional foi entoado na abertura e no encerramento da solenidade. Emocionante cantá-lo ao som da Banda de Música pela primeira vez na vida! E como militares de carreira! E da Força Aérea Brasileira!



Nossa matrícula foi publicada no aditamento ao Boletim Interno nº 47, de 8 de março. Na relação não constam os nomes do Antero (61-230), que permaneceu conosco até o fim de 1964, e do *Pimpão* (obviamente *apelido*), o outro remanescente da turma de 61, cujo nome me foge à memória, até porque se desligou uns quinze dias depois de rematriculado. Quase não tivemos contato (o Porto descobriu o nome do Pimpão: José Alberto Carvalho Machado).

Houve atividades durante a tarde do sábado – provavelmente visitas às instalações da Escola, Instrução Militar, palestras sobre a rotina, etc. – e no domingo, quando após o almoço, sob a orientação do Ten. Lara, conhecemos o pavilhão de aulas e fizemos uma faxina naquelas que seriam nossas salas. Eram cinco e ficavam em frente ao alojamento. Importante: o Tenente pegou no escovão, participou dos trabalhos como se fosse um de nós, deu o exemplo, e ninguém *chiou*, todos se envolveram com empenho numa tarefa voluntária. Hoje, recordando aquela tarde, me pergunto: “será que o Fulano estava lá?” Todos estávamos, e com alegria! Muitas pilhérias, e ao final das *atividades* as salas estavam uma maravilha, cheirando a limpeza, prontas para nos receber a partir do dia seguinte.

Para a divisão do grupo – éramos, então, 130 – em cinco turmas foi usado o seguinte critério: alunos cujos números de matrícula terminassem em 1 e 6 formariam a turma A; finais 2 e 7, turma B, e assim sucessivamente, até a turma E, composta pelo pessoal terminado em 0 e 5.

Segunda-feira, 12 de março, início das aulas e do contato com o Corpo Docente. Nem todos os professores eram comuns às cinco turmas em virtude da carga horária. Como exercício de memória, segue a relação das disciplinas estudadas no primeiro ano. Procure se lembrar dos seus mestres – a maioria já em outra esfera – e associá-los às matérias. Um preito de gratidão a quem se dedicou tanto a nós:



Português, Inglês, Matemática, Física, Química, História Geral, Geografia e Desenho. Uma dica: o apelido do professor de Português da turma E era *Quincas P.D.*



Tivemos nos primeiros dias algumas aulas de Francês, mas a disciplina foi retirada do currículo. De seu titular, lembro-me da figura, mas o nome me fugiu à memória; talvez fosse Prof. Sebastião.

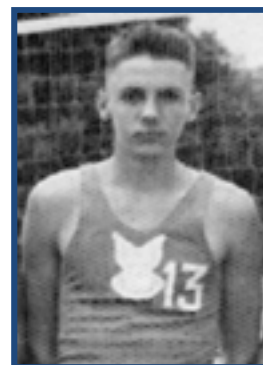
Vieram as sessões de Instrução Militar – aí entra o Cap. João Reis –, e com elas os jargões exaustivamente entoados por alguns companheiros: *a mãe do militar é a bandeira; o pai do militar é o comandante, etc.* O pessoal, não raro, *enriquecia* as frases, mas isso é impublicável.

Ordem Unida, 10º uniforme, Pátio da



Bandeira, três da tarde, sol causticante. Até hoje não consegui entender – e pergunto: alguém conseguiu, em algum tempo? – a *marcha* do Ito. Com que perfeição o japonês era capaz de marchar *errado*, o braço esquerdo acompanhando a perna esquerda, e o braço direito acompanhando a perna direita, contrariando totalmente o deslocamento natural do ser humano. Com o fuzil 08-34, mais conhecido como *mosquetão*, em Ombro-Arma!, era um deus-nos-acuda. E acho que ele pensava ser o único certo na tropa. Mas o Capitão João Reis deu um jeito, e o Ito aprendeu a marchar *normalmente aos 17 anos*, como militar. Demorou um pouco, é bem verdade. Curioso: o Ito era velocíssimo na corrida e até considerado um dos craques do Fazendão – *aquele* time de futebol do Ernani e Cia. –, e não tinha *problemas de deslocamento*. Ele deve ter sacaneado, e nem percebemos. Ou não era chegado a uma marcha.

Educação Física, muito estimulada pelo Capitão Bayard. Alguns amigos, principalmente cariocas, eram atletas de clubes, praticavam esportes em nível de competição – quem não se lembra do Lopes e sua *performance* nos 100 e 200 metros rasos? Esportes coletivos, seleção para as equipes, o *zero-meia* se apresentando em todas as modalidades, o futebol de salão da turma começando a despontar, como começava a despontar um aluno visivelmente magro e aparentemente franzino, por quem não se daria um vintém como atleta: um tal de Bellon, que viria a ser não somente nosso zero-um, mas um *cara* completo (ou quase, pois até onde sei não aprendeu a cantar, parece que um elefante lhe pisou a cabeça quando criança e só afetou a área musical). Seu desempenho beirava a perfeição – e em toda e qualquer atividade, fosse no campo intelectual, esportivo ou operacional. Sua trajetória é do conhecimento da FAB.



Houve, também, um nadador singular na turma. Como nosso efetivo era reduzido, foi difícil selecionar componentes para todas as equipes, e a de natação sofreu com a limitação de valores. O nosso *exímio* nadador, cheio de moral, se apresentou para disputar lugar na equipe. Nem era preciso, bastava saber nadar. Pois é: numa competição, lá pelos 25 metros (e não era prova de fundo), ele quase sucumbiu! Isso mesmo, o nadador quase se afogou! Dizem que confundiu estilos e partiu *pro* seu preferido, daí ter sido consagrado como Siri Atômico. Referimo-nos ao Abel, grande amigo até hoje. E uma pergunta: já aprendeu a nadar, Abel?

Começo da rotina. O horário do Corpo de Alunos sofria algumas alterações esporádicas, mínimas e pontuais; o Alvorada oscilava, muito pouco, em função da estação do ano, pois em BQ fazia frio intenso no início da manhã. De qualquer modo, só aos domingos podíamos curtir um sono após as 6h, quando o Alvorada, tocado às 7h, era opcional, assim como as refeições do dia. De resto, café da manhã entre 06h15 e 06h45; aulas entre 7h e 11h45; almoço e Parada Diária entre 12h e 13h15; Instrução Militar entre 13h30 e 15h15; Educação Física após 15h15, com duração variável em função de treinamentos de equipes, prática de esportes coletivos, corridas de resistência, etc. E as marchas eventuais.

Depois da instrução programada, banho, jantar, estudo obrigatório – das 19h às 21h –, revista do recolher, ceia (opcional), estudo opcional ou lazer (quando escrevamos cartas), silêncio, mais estudo opcional. Sempre sobrava um tempo para circular pela Escola durante a noite e contemplar aquele céu magnífico, coalhado de estre-



las, onde a lua despontava em toda plenitude como rainha do firmamento. Memoráveis os momentos passados ao redor do *lago do Brigô ou no Jardim de Alá*.

Semanalmente, uma sessão de cinema para os alunos. Filmes selecionados, e o pessoal vibrava quando o assunto era aviação. Bem, a vibração existia em qualquer circunstância, pois o horário ensejava recordações gostosas, até e principalmente para quem não quisesse ir ao cinema.

Aos sábados, aulas de manhã e tarde livre. Podíamos ir à cidade, que distava uns dez minutos, a pé, da Escola. Programa quase obrigatório: sessão de cinema no Palace, uma pizza no Gino's (ou seria Bela Nápoles?) e o *footing*, no qual desfilavam moças da sociedade barbacenense, verdadeiro regalo para os olhos. Para encerrar a noite, o Pinóquio.

No domingo o Alvorada era tocado às 7h, conforme já mencionado. Tudo opcional, e a maioria preferia permanecer na cama a se deslocar para o café da manhã. Quem ia ao Rancho trazia o que era possível para os dorminhocos. Muitos amigos recebiam a visita de parentes, geralmente do Rio. Lembro-me de familiares do Póvoas, do Vita, do Baptista. Na época das competições esportivas, a festa era dobrada, com os alunos e seus familiares torcendo pela esquadriha (a propósito, nas disputas sempre fomos campeões de torcida). Lembro-me, também, da dona Adília, mãe do Ferreira – depois passou a se chamar Wancler, mas nunca deixou de ser o *Cri-cri*. Por falar nele, poderia estar rico, pois “introduziu” na turma a meia que só tinha o cano. Verdade ter realizado a proeza por absoluta *falta de saco*, mas o engenho foi digno de um visionário.

Após o almoço, alguns alunos desciam à Praça de Esportes, geralmente para um banho de sol à beira da piscina ou uma prática esportiva, obviamente. A tarde também era aproveitada para colocar as disciplinas em dia, e então nos demos conta da importância do Estudo Dirigido.

Tínhamos horário de retorno à Escola, pois haveria a revista do recolher antes do Silêncio. A saída, aos domingos, era de 5º uniforme, e aos sábados, em trajes civis.

Com o início das aulas entramos de vez na rotina. Não houve trote, e os que tinham sido hóspedes nos Afonsos, como candidatos, desconfiaram, pois esperavam algo parecido com *aquele* tratamento. Uma gozação aqui, outra acolá, e só. As brincadeiras de que éramos alvo nada tinham de sadismo. Uns poucos companheiros dizem ter sofrido trote; se tivessem passado pelos Afonsos... Mas “tudo tem seu tempo, e há tempo para todo o propósito de Deus sobre a face da terra”, segundo o sábio Salomão, no livro de Eclesiastes. Os Afonsos voltariam três anos depois, e então para todos, e todos saberiam diferenciar trote de brincadeira sadia (esta última frase nos remete ao Apocalipse).



Teve início a preocupação com os estudos, e a confirmação: o Estudo Dirigido era, mais do que “uma mão na roda”, *uma verdadeira mãe*.



Alguns alunos começaram a se destacar. Lembro-me de o professor de Física entrar em nossa sala – eu era da turma E –, depois de ter dado duas aulas na turma D (as aulas eram “dobradinhas”, como preconizava o Estudo Dirigido) e exclamar: “Aí na turma ao lado tem um *menino* muito inteligente, capta os ensinamentos com uma facilidade incrível, parece gênio, mas deixa a impressão de escrever com uma caneta de três pontas, e as pontas são móveis; verdadeiros garranchos, não dá para entender nada! Acho que o nome dele é Cavalinho.” Era o Cavalin.

Outro da turma D a despontar desde o início foi o Kraemer, cuja letra também era sofrível. Foi tão bom em Matemática que virou tema de música.

Na turma B pintou o Pimenta, e o Bellon, da turma C, ainda na *moita*: só foi aparecer no início de 1963, quando do resultado para promoção ao 2º ano: 01 (zero-um). Sua letra, para dizer o mínimo, era (terá mudado?) catastrófica, a ponto de um companheiro ter feito curso para *acompanhá-la*. Aliás, tal companheiro se gaba de entender a letra do Bellon melhor do que o próprio.

Voltando ao Lara, ele promoveu uma enquete lá pelo meio do ano. Lançou a seguinte pergunta à turma: “QUEM VOCÊ CONVIDARIA PARA PASSAR UM FINAL DE SEMANA EM SUA CASA?” A pesquisa foi feita em um tempo de aula, e cada um deveria indicar 10 (dez) companheiros. Não se divulgou o objetivo do teste, e os alunos se alvorocaram, foi um tal de “vote em mim que eu voto em você!” Logicamente as indicações tenderam a se concentrar nas turmas, ou seja, o pessoal da turma A votando no pessoal da turma A, e assim por diante. Sabe como é: *boca de urna* existe desde a Grécia Antiga. Depois de recolhidas as *cédulas* – na verdade, folhas comuns –, o Tenente revelou a finalidade: queria saber quem mais se destacava como amigo. Resultado da apuração: Berto. Realmente o Berto, desde o início, sempre foi amigo, de trato fácil, ponderado. Teste simples e eficaz. E a turma, em BQ, ao final do primeiro ano, teve somente três conceitos **excepcionais: Bellon, Sá e Berto**, os três mais do que merecedores da distinção.

Tão logo nos acostumamos à rotina começamos a raciocinar com a passagem do tempo em função dos *licenciamentos*, não os de final de semana, mas os de cinco/sete dias de duração. Isso foi abordado no início do curso: disseram-nos as épocas, e contávamos as semanas, os dias e as horas para a dispensa. O primeiro, em 1962, aconteceu na segunda quinzena de abril, por ocasião da Páscoa. Surgia o *bizu* e ficávamos indóceis pela confirmação. Falou-se em 19 de abril, e a ansiedade aumentava à medida que os dias passavam. Houve licenciamento cuja data só foi confirmada na véspera. Enfim, a dispensa era certa, mas seu início pagava emoção.

Por ocasião do primeiro licenciamento, de 18 a 23 de abril, ainda não havíamos recebido o 5º uniforme. Alguns companheiros, todos do Rio, pediram emprestado aos veteranos. Dizem que houve até quem pagasse pelo favor, tamanha a vontade de dar GP.

Os demais licenciamentos de 1962 ocorreram assim:

25 a 30 de maio	após aniversário da Escola
29 de junho a 29 de julho	férias
7 a 11 de setembro	após o desfile
31 de outubro a 4 de novembro	após a Semana da Asa

Ansiedade gostosa: hora da entrega de cartas, geralmente feita pelo Aluno de Dia à Esquadilha ou seu Auxiliar em intervalo de instrução, ou antes da Parada Diária, às 12h45. Namorávamos por correspondência, não se podia sequer pensar em



telefone. Hoje a moçada desconhece o que seja uma carta, e graças a Deus pela Internet, apesar do estorvo provocado na cabeça da geração d'antanho.

Em dezembro havia férias prolongadas. A data da dispensa dependia do aproveitamento escolar: quem ficava em recuperação era liberado depois, duas semanas, se tanto. O pessoal de 2ª época tinha de voltar em data prefixada, normalmente no início do ano seguinte. Esse esquema foi válido, também, para 1963, com alterações pouco significativas. Em 1964, último ano, as coisas mudaram bastante, pois houve o exame médico para matrícula na Escola de Aeronáutica.

O pessoal do Rio e vizinhança viajava por ocasião das dispensas curtas, mas os companheiros do sul e nordeste dependiam de transporte aéreo, só possível nas férias. Na verdade, em Barbacena todos fomos laranjeiras, uns mais, outros menos.

No mês de maio comemorava-se o aniversário da Escola. Extensa programação era cumprida. Em 1962, as festividades, que sempre coincidiam com as competições esportivas entre as esquadilhas – Troféu Lima Mendes –, tiveram início no dia 6, com o Jramento do Atleta. Após duas semanas nas quais os alunos se empenhavam na disputa de várias modalidades – e algumas demonstrações ocorriam, como “shows” aéreos pelo 1º Grupo de Aviação de Caça e pela Esquadilha da Fumaça – oferecia-se um almoço às autoridades e, à noite, havia o Baile, cujo encerramento era marcado pelo coroamento da Rainha dos Alunos. Isso acontecia, normalmente, no dia 21.



Geralmente havia licenciamento para o Corpo de Alunos logo após o Troféu Lima Mendes. Nossa turma jamais ocupou o topo do pódio, durante os três anos de BQ, na contagem final dos pontos, e isso se deveu ao nosso efetivo, reduzidíssimo se comparado ao das demais esquadilhas. Poderíamos ter levantado o troféu em 1964, nosso último ano de BQ, mas por *uns poucos dias* perdemos, apesar do esforço dos atletas e da torcida. Tentarei explicar oportunamente.



Imagem recorrente quando me lembro das competições: o Larinha no nosso alojamento, cercado pela turma, fazendo contas depois de alguns resultados parciais e estimulando com um AINDA DÁ! Infelizmente, Larinha, apesar dos seus esforços, do seu incentivo e da sua exortação, nunca deu, jamais fomos campeões em BQ. Como o importante é competir, cumprimos bem nosso

papel. E sempre fomos destaque no quesito *torcida*. Já é um consolo.

Meados do ano – estamos em 1962 –, a situação política, preocupante desde a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, começou a *esquentar*. Em um intervalo de poucos dias, o cargo de Ministro da Aeronáutica foi passado pelo Brig. Clóvis



Travassos ao Brig. Armando de Souza e Mello Ararigboia, e deste para o Brig. Reynaldo de Carvalho Filho. Mudou, também, o Primeiro Ministro – não se esqueçam, o sistema de governo era Parlamentarista –, assumindo Brochado da Rocha em substituição a Tancredo Neves. Brochado da Rocha renunciaria no início de setembro, gerando a exoneração de todo o Conselho de Ministros. E a confusão prosseguiu, embora tenhamos ficado livres de seus efeitos.



Em 4 de julho, a partir das 17h, a EPCAr entrou em regime de Prontidão Parcial, que se estendeu até o dia 6, quando passou à situação de Sobreaviso Limitado. Gozávamos férias.

Agosto, treinamentos para o desfile de 7 de Setembro, o primeiro da turma. Evento muito aguardado, não somente por nós, alunos, mas também pela comunidade barbacenense. O Alvorada, festivo, era entoado pela banda de música e pela banda marcial. O uniforme do Corpo de Alunos era o 6º especial arma-

do, mais conhecido como "homem-bala". Concentrávamo-nos na Av. Bias Fortes, onde se realizava a parada. Uma emissora de rádio local se referia ao nosso grito de guerra se realizava a parada. Uma emissora de rádio local se referia ao nosso grito de guerra como "A! B! C!", na verdade "E! P! C!". Alguns dias depois do evento, o clássico elogio: "... por ter desfilado com garbo..."

Retornamos para a Escola e fomos licenciados logo depois do almoço. Os cariocas fretavam ônibus da Útil, que estacionavam na própria Escola. Os demais alunos se viravam como era possível. Os paulistas, por exemplo, iam até a rodoviária local, embarcavam em ônibus da Viação Go-



reti e rumavam para Juiz de Fora. Lá, aguardavam até 19h ou 22h, dependendo da disponibilidade, quando seguiam viagem para São Paulo através da Cometa. Logicamente o retorno era a mesma coisa, com pequenas modificações de horário. A Sociedade dos Alunos organizava tudo, e isso facilitava muito nossa vida.

Houve, também em setembro, a primeira edição da Maratona Cultural do Lions Clube de Barbacena, que se tornaria tradição. A Escola foi tricampeã durante nossa permanência, como turma, em BQ.

Outubro, festividades da Semana da Asa, cujo auge era o Baile do Aviador, embora para nós o evento mais significativo tenha sido o Juramento à Bandeira. Num dos treinamentos para o desfile caiu *aquele toró*, mas não houve paralisação. Após o término da instrução, todos encharcados até a medula, deslocamo-nos para o rancho e...surpresa! serviram-nos conhaque para *afastar* um pos-



sível resfriado. Prevenção nos mínimos detalhes. Alguém deve ter repetido a dose. Nosso juramento ocorreu no dia 23 de outubro, e seus termos eram um compromisso de fidelidade à Força Aérea e ao País:



“Incorporando-me à Força Aérea Brasileira, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades,... respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas e com bondade os subordinados, e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderei, com o sacrifício da própria vida.” (As reticências devem comportar umas poucas palavras que me fugiram à memória. Contribuam.)

Introduziram-se algumas modificações com o passar dos anos, mas o nosso juramento foi, é e sempre será esse.

Novas alterações na política, uma constante até 31 de março de 1964.

Puxávamos, no primeiro ano, serviço de Auxiliar à 3ª Esquadrilha e Plantão. Neste último, nos revezávamos de hora em hora, cabendo a cada componente da equipe dois turnos. O horário da madrugada era temido por alguns, pois contavam-se histórias sobre fantasmas que rondavam a Escola. Um desses fantasmas era o *Barão*, sabe-se lá de onde surgiu. A noite é péssima conselheira, e na turma havia companheiros que acreditavam em assombrações, mula sem cabeça, lobisomem, etc. Havia, também, os *espíritos de porco*, que viviam de *sacanagem*. O Chieza, muito querido por todos, dava crédito às lendas. Num de seus plantões alguém aprontou: metido sob um lençol estancou diante do Chieza e proferiu umas baboseiras quaisquer. Dizem que o Chieza desandou a fazer o sinal da cruz com os dedos e gritou: *Vade retro, Satanás!* Funcionou? Sei lá, mas divertido foi, exceto para o Chieza; ele, desde então, passou a tirar plantão com uma réstia de alho e um crucifixo no pescoço. Deve haver exageros nesta história, mas em se tratando do Chieza tudo é possível.

Por falar no Chieza, quem não se lembra de seu *desfile individual*? Ele alegre, *marchando* feito um soldadinho de chumbo, com um lápis entre os dentes, *dedilhando* o Hino Nacional? A turma adorava. E suas habilidades na ginástica? E sua mania de hipnotizar os companheiros? Não acredito que tenha obtido qualquer sucesso neste último tópico, até porque o pessoal não colaborava, logo caía na gargalhada. Há outras histórias sobre o Chieza – o “problema” *da calça*, por exemplo. É sempre um prazer vê-lo nos almoços anuais e relembrar fatos pitorescos dos quais foi o personagem principal.

Dia 5 de dezembro, término do ano letivo. A solenidade, iniciada com o canto do Hino Nacional, encerrou-se com o canto do Hino da Escola. Nosso uniforme foi o 5º, e todos estávamos com as peças no tamanho adequado, até porque muitos ganharam peso, altura e massa muscular. Como foi gostoso cotejar aquele momento com a reunião presidida pelo Bayard, em 9 de março! Que satisfação ver os esforços



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

recompensados, o Estudo Dirigido provando sua eficácia, apesar do mistério representado pelas palavras Batávia e Colúmbia.

“Missão Cumprida, Retorno à Base!” Voltaríamos no ano seguinte, 1963, com outras perspectivas. O ano de 1962 voara.

Pátio das Paineiras





1963 - SEGUNDO ANO



Nossa apresentação de retorno de férias escolares se deu em 3 de março, um domingo. Os alunos não oriundos do Rio chegaram pela manhã (os paulistas), e alguns dias antes o pessoal do sul e do nordeste – quando falo nordeste entenda-se também norte –, por causa da programação dos órgãos que prestavam apoio, geralmente o COMTA (Comando de Transporte Aéreo). Melancólico reentrar nas dependências da Escola, principalmente no alojamento, e encontrar tudo quase às moscas. Os cariocas vinham em comboio, chegavam no horário limite, e a algazarra se formava. Éramos uma turma novamente, pronta para o segundo ano, com a designação de Segunda Esquadrilha.



O novo alojamento era amplo. Não precisaríamos utilizar beliches, havia espaço para camas individuais. Importantíssimo: recebemos armários novos, de duas portas, bem espaçosos; poderíamos acomodar convenientemente nossos pertences. Enfim, o início de 1963 foi auspicioso, até porque já não éramos bichos.

Teríamos conhecimento da farta distribuição de LS (licenciamento susinado) na manhã seguinte ao nosso retorno, pois muitos haviam cultivado “aquela juba” durante o recesso escolar. Valia a pena. Lembro-me do Britto (sim, o Britosco) sendo anotado pelo Larinha: seus cabelos quase “envolviam” o bibico. Manifestação do tenente ao *cravar* os alterados: “Você não acha que está um pouco cabeludo?” (Logicamente tratava-se de uma pergunta retórica.) E a sequência clássica: “LS-2, tá OK?” Sempre esteve OK. Logo depois da “canetada” corte de cabelo geral. Ah! havia os companheiros que se viravam de alguma forma para não serem punidos, e isso compreendia corte feito por amigos da própria turma – quando o resultado era cômico e desastroso – e também o recurso a um profissional da arte, o *barbeiro-cantor* já citado, o de *Granada*. Ele não podia atender a todos e tinha suas predileções. Alguns alunos possuíam cadeira cativa no *salão*, talvez por serem mais chegados à *música*. Outros até faziam *dupla* com o artista.

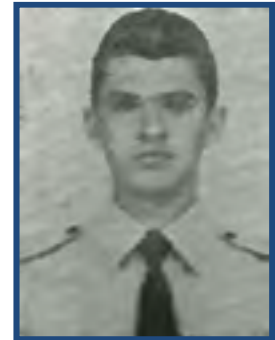
Reuniões de praxe na segunda-feira, reinício das atividades. Tivemos ciência dos desligamentos do 62-113 Santiago e do 62-133 Paesler, ambos a pedido e publicados, respectivamente, em 11 de dezembro de 1962 e 16 de janeiro de 1963. O pioneiro dos desligamentos havia sido o “Pimpão”, que nem chegou a “esquentar banco”



e era oriundo de 1961. Várias defecções ocorreriam daí *pra* frente, mas em contrapartida muitos novos companheiros se juntariam à turma em 1964 e 1965.

Durante nossas férias, em janeiro de 1963, o Brig. Homero Souto de Oliveira foi exonerado do cargo de Comandante da EPCAr, tendo assumido, interinamente, o Ten. Cel. Jardim até a nomeação do novo Comandante, Brig. Ary Presser Bello. Nesse mesmo mês, já sob o regime presidencialista, assumiu o Ministério da Aeronáutica o Maj. Brig. Reynaldo de Carvalho Filho. Continuava como Presidente da República João Goulart.

Em março, logo após nosso retorno e de acordo com parecer do Conselho de Instrução, foi desligado o 62-117 Reis. Uma brincadeira sem qualquer consequência para o calouro, sem nenhum contato físico, foi considerada "falta grave", e o Reis – alegre e expansivo como poucos – nos deixou contra a sua vontade (e a nossa). No ano anterior, como "bichos", passamos por situações idênticas e nos divertimos: "bicho, imita isso..." "faz de conta que você é *bicha!*..." "vai até aquele *cara* (veterano, geralmente) e diz assim..." Não conseguíamos conter o riso, e às vezes na presença dos próprios veteranos, o que aparentemente os enfurecia (só aparentemente, pois eles também riam do nosso embaraço). E ficava tudo por isso mesmo, ou melhor, estabelecia-se uma amizade mais sólida entre as turmas. O Reis, incapaz de qualquer atitude hostil, foi penalizado. A propósito, no ano anterior, por ocasião do *show* dos alunos, coube-lhe entoar uma paródia, certamente de autoria de um veterano, em cujo estribilho criticavam-se, com muito bom humor, certos costumes de uma ínfima parcela da sociedade carioca de então.



O veterano, autor do esquete, provavelmente se inspirou em carnavais daquela época, e nada do que foi apresentado era de todo desconhecido do pessoal. O Reis e seu parceiro de representação enriqueceram o texto, com alguns trejeitos não incluídos no *script*.

Não me lembro do seu parceiro de esquete – a paródia contava com dois companheiros, que *só representavam!* –, até porque o Reis, como se diz entre os aficionados do teatro, *roubou a cena*. Repito e ênfase: *era só uma representação!* Talvez inspirado por esse episódio o Reis tenha "ordenado" a um calouro que desse "uma afrescalhada", como ele havia representado no ano anterior. Deu azar, pois no auditório repleto foi engraçado, mas fora dele foi considerado ato atentatório à moral.



O *show*, autorizado pelo Comando, contava com a presença de oficiais na plateia. Todos tinham diversão sadia e gratuita por quase duas horas, os quadros eram comentados até alguns dias depois do evento e são lembrados ainda hoje, decorridos 50 anos.

O Reis tinha uma gargalhada característica – quase um *escárnio*, no bom sentido. Fez escola em certas gozações. Lamentavelmente pagou um tributo muito alto para que se estabelecesse um paradigma. Então passo a recordar nossa esta-



da nos Afonsos, como candidatos, e é inevitável um cotejamento, cuja conclusão leva à questão de "dois pesos e duas medidas". Mas não se veja nisso qualquer crítica, pois em BQ as regras eram claras e se não fossem cumpridas, aos costumes!

Passamos a ter aulas no pavilhão recém-construído, situado sobre o cassino, também novo. A turma E do primeiro ano – aquela composta pelos alunos cujos números de matrícula terminavam em 0 (zero) e 5 – foi dissolvida, e seus membros distribuídos pelas demais turmas. Novos professores e novamente um exercício de memória, como homenagem aos mestres. Procure associar a disciplina ao seu titular:

Português, Inglês, Matemática, Física, Química, História Natural, História do Brasil e Desenho. Dicas para a turma D: o professor de Português tinha o apelido de "Espadachim", e o de Matemática, ao tratar da Teoria dos Determinantes, usava a onomatopeia "pá pápá pá..." ao executar a matriz da resolução.

A rotina sofreu poucas alterações, e uma delas foi nossa participação no serviço de Patrulha, cuja finalidade era manter a ordem, por parte dos alunos, na cidade. Havia localidades típicas de problemas potenciais em BQ, como de resto em toda e qualquer aglomeração urbana. Lugar mais visado pela Patrulha? É, *aquele* mesmo onde nossos amigos aprontaram um *bafafá* (ou entraram de roldão) no primeiro semestre de 1962: a *zona* (abordaremos o episódio em outra seção). Quem concorresse à Patrulha não puxaria Plantão, mas dava na mesma. O uniforme da Patrulha era o homem-bala sem o mosquetão. Pensando bem, melhor puxar Plantão, apesar das madrugadas: o alojamento era mais confortável, seguro e menos problemático. Pelo menos até o ano de 1963, pois em 1964 não foi fácil tirar plantão: ficava-se com o *rabo na reta* durante os "quartos". Pior, mesmo, era o serviço de Aluno de Dia à Esquadri-lha; teve até música.

O Corpo de Alunos passou a ser comandado pelo Maj. Niel Vaz Correa, que substituiu o Maj. Cassiano. O Ten. Lara foi exonerado do comando da 3ª Esquadri-lha – a nossa no ano anterior – e designado para o comando da 2ª Esquadri-lha – a nossa *então* atual. Nada mudou, portanto, com relação ao *nosso* comandante.

Um susto: em junho foi publicada a transferência do Ten. Lara para a Base Aérea de São Paulo, logo tornada sem efeito.

Promovido a Coronel, o Ten. Cel. Jardim passou para a reserva. Foi o maior responsável pela implantação do Estudo Dirigido (sistema plenamente aprovado) na EPCAr e o cabeça das medidas que deram ensejo ao fim do *tro-te clássico* – se se pode chamar assim alguns atos melhor caracterizados como "sandice".



Os eventos festivos se repetiram nas mesmas épocas do ano anterior, era tradição. Continuamos tendo uma participação ativa, dedicada, mas sem retorno em termos de resultados na Lima Mendes. Todas as equipes se destacaram apesar das limitações impostas pelo efetivo reduzido, mas o Futebol e o Futebol de Salão, mercê de uns craques, sobressaíram.



Voltamos ao regime presidencialista, conforme já registrado, mas as mudanças e agitações continuaram. No meio do ano tínhamos novo Ministro da Aeronáutica, o Maj. Brig. Anísio Botelho, que permaneceu no cargo até abril de 1964.

No final de junho, o episódio caracterizado pelo O Globo como OS VÂNDALOS DE AZUL: atrito entre um aluno do 3º ano e um jovem barbacenense, provavelmente por causa da namorada de um deles – ou de ambos, sabe-se lá – gerou o envolvimento da Escola e da sociedade barbacenense. Imagem que me vem à mente: o Larinha voltando da cidade, numa noite de sábado – ou domingo, não tenho certeza –, dentro de um ônibus lotado de alunos. Isso mesmo: o Comando determinou que os alunos fossem *arrebanhados* na cidade para evitar confrontos! Uma rádio local descrevia a situação de uma maneira nada tranquilizadora, e do nosso lado também havia os *bombeiros usando gasolina pra apagar incêndio*. Felizmente o saldo não apontou feridos com gravidade, mas os familiares somente sossegaram com o início das férias. E o Larinha, apesar de sua estatura física moderada, tornou-se um gigante aos meus olhos. Seu bibico estava atravessado sobre a cabeça – assim como costumam caracterizar Napoleão – por causa da confusão enfrentada. O Ten. Lara foi General naquela ocasião. Pena não ter sido Brigadeiro na carreira. Mas **a quem honra, honra**, e ele foi Quatro-Estrelas para a Agora Vai.

Outro evento marcante de 1963: a visita, em 18 de agosto, de Ex-Alunos do Colégio Militar, fundado em 1913 onde era – e continua sendo – a EPCAr. Foram celebrar o seu cinquentenário! Estiveram presentes figuras conhecidas, dentre as quais o Gen. Machado Lopes, líder do levante pró-posse de João Goulart em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros. Numa carta enviada à namorada, registrei: "...só se via gente idosa, com, no mínimo, sessenta e tantos anos..." O mundo dá voltas, perdoem-me o truísmo. Em breve estaremos comemorando o nosso cinquentenário, provavelmente em BQ, como fizeram os "veteranos" de 1913, e todos nós com *sessenta e tantos anos*. Naquele fim de semana frio e chuvoso consegui localizar o meu "colog" – lembram-se do termo? – entre tantos respeitáveis cidadãos. Deus vai permitir que sejamos abordados por um jovem quase imberbe que se dirija a nós e pergunte: "o senhor é o aluno 62-...?" Muita emoção só de pensar não somente no futuro, mas nos cinquenta anos passados como turma. Voaram! **Tudo tem sido muito rápido nos últimos cinquenta anos.**

O pessoal gostava muito de Saint-Exupéry e J. G. de Araújo Jorge, por motivos óbvios e totalmente diferentes. Quem não foi estimulado a pelo menos folhear "O Pequeno Príncipe"? Leitura obrigatória. Aliás, um dos trotes que me deram em 1962: "ler a obra e me trazer o resumo." Provavelmente a namorada do veterano pediu-lhe um *favor*, e ele, não muito chegado às *filosofias da vida*, transferiu o ônus. Sinceramente, preferiria o trote dos Afonsos a isso, mas não tive escolha.

O aratacal e os sulistas adoravam livros sobre aviação, e Voo Noturno, de Exupéry, era uma referência. Bacana ver o Bosco *pagando mistério* sobre suas leituras. Pergunta: como ele conseguia localizar livros no seu armário? Bem, devia recorrer à biblioteca, pois seu armário era a chamada *zona*. Curioso: o Bosco costumava citar um ditado acerca do cumprimento de uma missão, fosse qual fosse: "Se lhe pedirem para apresentar um elefante, apresente-o de qualquer jeito, se possível limpo, mas apresente-o, ainda que sujo". *Pô, Camarada, logo você, que nunca foi ligado a detalhes? Limpeza? E em elefante? Pera lá!* Saudade dos bons tempos.



O Gaia, bom jogador de basquete, era mais chegado a J.G. de Araújo Jorge. De vez em quando dizia que não se ofendia se o chamassem de J.G. de Araújo Gaia. *Tá legal, Gaia! E servia também Simonal, Pitigrilli,...* Você era um artista completo, pois batia bem nos esportes, na poesia romântica, na crônica e na música popular brasileira. Um amigão.

Final de agosto, início de setembro: começaram a circular *bizus* de que iríamos para os Afonsos em 1964, onde cumpríamos o terceiro ano, daríamos início à instrução especializada relativa ao voo e **voaríamos**. A realidade foi muito diferente, não somente quanto à ida para RJ, mas principalmente quanto à duração do curso e ao início da instrução aérea.

Entre 10 e 12 de outubro nova prontidão. Se estou certo, foi nessa época que o Montgomeri (então Rebouças), de serviço, disparou a pistola – ou revólver – .45, acidentalmente, dentro do alojamento. Felizmente era horário de Educação Física, o alojamento estava às moscas, e tudo não passou de um enorme susto para o Rebouças e de uns pequenos danos em alguns armários e na parede. Bem, o nosso amigo teve de indenizar a FAB pelo custo do projétil, mas saiu barato. Por muito menos perdi, recentemente, o ouvido musical (?) e parte da audição, mas me conformo quando relembro o ditado "Preferível ser surdo a ouvir certas coisas." Só consolo.

A partir de 7 de dezembro entramos em férias escolares. Retornaríamos à Escola em 14 de fevereiro de 1964. Seria um ano diferente, para dizer o mínimo.





1964 - TERCEIRO ANO



Para cumprir o último ano retornamos a BQ em 14 de fevereiro, não sei se por determinação (obviamente da Escola) ou por medida de precaução (nossa), pois normalmente após as apresentações não havia programação a cumprir em finais de semana. Como 64 foi atípico em muitos sentidos não seria de se estranhar um retorno numa sexta-feira; só faltou ser dia 13. Com certeza o pessoal do Rio chegou depois, em cima da hora, mas sem perder prazos.



Deveria, em princípio, ser um ano sem licenciamentos intermediários – aqueles de sete dias –, mas para tudo dá-se um jeito, e os cariocas sempre “inovavam”. Num dia de expediente normal afixaram um aviso na porta da sala de aulas da turma A, no qual se lia: “ESTAMOS NO LABORATÓRIO”. Não foram localizados pelo Larinha no Laboratório nem em qualquer outra dependência da Escola. Deviam estar num **laboratório** qualquer do Rio de Janeiro, e a manobra foi detectada. Os “pesquisadores” que se encarreguem de rememorar as circunstâncias, consequências e o resultado do trabalho executado fora de sede sem a devida autorização.

Somente nós, do 3º ano, nos apresentamos no dia 14 de fevereiro; as demais esquadrilhas retornariam no final de março. Previsão de dispensa oficial: a partir de 18 de julho, para gozo de férias escolares de quinze dias.

O Ten. Lara, através de Decreto de 20 de janeiro, foi promovido ao posto de 1º Tenente. Permaneceu no comando da Esquadrilha.





Não mudamos de alojamento, mas voltamos para as nossas salas de aulas de 1962, no pavilhão antigo. As turmas foram formadas a partir da classificação obtida na promoção ao terceiro ano e permaneceram em número de quatro. Alguns amigos haviam pedido desligamento no final de 63, outros no início de 64. Logo nos primeiros dias de atividades normais recebemos quatro "pqd's" oriundos de 63: Moura Lima, Dieguez, Franklin (ou Danilo, ou *Sapão*) e Mourão. Os demais "pqd's" foram chegando gradativamente, e todos classificados na turma D, que teve poucos alunos de 62 em seu efetivo. Os últimos a se apresentar foram o Bira e o Mello Maia (matrículas publicadas em 15 de julho), o Joesse e o Chagas (matriculados, respectivamente, em 16 e 20 de julho). Isto não significa terem se apresentado nessas datas; provavelmente se incorporaram bem antes. Este raciocínio é válido para todos quantos ingressaram na turma em 1964.



Os "pqd's" foram muito bem recebidos, mas encaram algumas brincadeiras. O Bira, por exemplo, *caiu nas graças* do Vita – dá *pra* imaginar o quadro? –, e o Pereira (no início era o Bruco's, forma apocopada de Brucutu) foi batizado de *Kirk* (guardava uma certa semelhança com Kirk Douglas, ele mesmo, o *Spartacus* – ou o *El Cid*? – do filme) pelo mesmo Vita. Fora o pessoal de 63, o primeiro a se apresentar foi o César Costa. A turma se viu enriquecida

com mais vinte e quatro alunos, oriundos da própria Escola, do Colégio Militar ou do meio civil.

Como já registramos, houve exclusões a partir de 1962. Em resumo, dos 130 alunos que éramos no início do curso, foram promovidos, do 2º para o 3º ano, 116, e vários pediram desligamento durante 1964. E um caso único: nosso companheiro Rosas, o 62-118, foi promovido ao 1º ano da Escola de Aeronáutica, nos Afonsos (depois retornaria à nossa turma).

As disciplinas do terceiro ano: Português, Inglês, Matemática, Física, Química e Desenho. Matemática e Desenho gerariam no ano seguinte, nos Afonsos, uma *disputa* saudável entre os oriundos de BQ e os do Colégio Militar. Uma dica, por falar em Desenho: seu titular tornou-se um grande amigo da turma, às vezes um verdadeiro aluno, apesar da diferença de idade. Exigia, em algumas ocasiões, que lhe desferíssemos socos no abdome – isso mesmo: socos no abdome! Trote ao contrário? Não, Defesa Pessoal! Sempre perdíamos, mas aprendíamos.



O Galhardo foi eleito Presidente da Sociedade Acadêmica, cuja composição ficou assim: Sanchez, Henrique, Faria, Figueiredo Filho, Falcão, Lopes, Miglorância, Victor, Gaia, Esteves, Sá, Rodrigues (o Curupa), Hoog, Bellon, Berto e Millan. Cada qual sabe



a função exercida, e o reconhecimento da turma a todos na pessoa do Galhardo; seu envolvimento na defesa dos interesses do Corpo de Alunos foi notável.

O pessoal do primeiro ano se apresentou à Escola no dia 24 de março. Era uma turma imensa, tanto que ocupou o alojamento do piso superior, geralmente destinado aos mais antigos. Bem, nem tínhamos efetivo para preencher o espaço.

Uma semana depois, no dia 31, eclodia a Revolução de Março de 1964, movimento apoiado pela sociedade brasileira. Sem violência, foi deposto João Goulart, presidente do Brasil desde a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961. Ocupou o cargo tanto no regime parlamentarista (instituído após a renúncia de Jânio como condição para Jango poder assumir), como no presidencialista (aprovado mediante plebiscito em janeiro de 1963). Ranieri Mazzilli, então presidente da Câmara, substituiu João Goulart, que se havia refugiado no Rio Grande do Sul; tornou-se presidente da República em 2 de abril, e no dia 11 do mesmo mês Castello Branco foi eleito. O Brig. Correia de Melo assumiu o Ministério da Aeronáutica. Nós, alunos, ficamos "confinados" no Pátio da Bandeira no dia 1º de abril (ou no dia subsequente), pois o Comando queria preservar nossa segurança e a tranquilidade de nossos familiares. Durou pouco o "confinamento": duas horas, tempo suficiente para se fazer uma revista de armário a fim de recolher rádios de pilha. Tal medida visava a evitar alvoroço. Não sabemos o que se passou nos bastidores, mas pela sequência dos acontecimentos nada fugiu à normalidade. O clima de inquietação, aumentando desde a renúncia – na verdade, desde a posse – de Jânio, exigia um "basta", e a Revolução deu este "basta". O resto é história, mas a História há de nos fazer justiça.



Pra variar, não vencemos a Lima Mendes: obtivemos um honroso segundo lugar, a exemplo do ano anterior. Não estou certo, mas acredito que poderíamos ter sido campeões se os quatro alunos matriculados na segunda quinzena de julho – Bira, Mello Maia, Joesse e Chagas – tivessem chegado antes. O Joesse e o Mello Maia eram excelentes no futebol, porém não fizeram tanta falta, pois a nossa equipe sempre se destacou na modalidade (fosse Futebol de Campo ou de Salão), mas o Bira

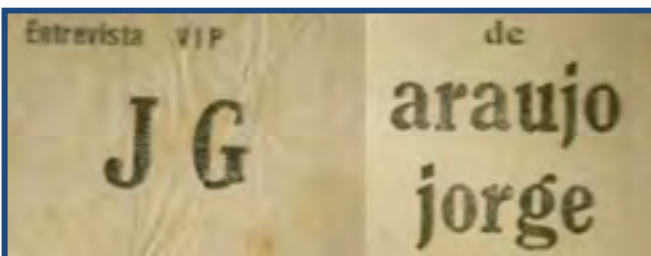
e o Chagas dariam *aquela força* no Atletismo, cujo peso era maior no cômputo final. E o Bira era muito bom também no Vôlei e no Basquete. Bem, quem declara isso é um atleta frustrado, e me perdoem se estou equivocado. Fica o consolo do **se...** Só *pra* lembrar: o Chagas era imbatível em corridas de meia distância e ainda fazia seus arremessos – disco e dardo –, com ótimos resultados; o Bira era bom em corridas de velocidade, princi-





palmente nos 400 m, e simplesmente recordista em arremessos, nas três modalidades. Dava, ainda, seus saltos em altura, extensão, triplo e o que mais se lhe pedisse. Como se não bastasse, poderia participar do Cabo de Guerra e de alguns revezamentos. Suposições, pois não descarto a hipótese de os quatro terem participado da Lima Mendes e termos perdido mesmo com eles.

A partir de julho o Comandante da EPCAr passou a ser o Brig. Itamar Rocha; o Chefe do Departamento de Ensino já era o Cel. Camarão desde maio, e o Comando do Corpo de Alunos foi assumido pelo Cap. Pedro Luiz.



Tivemos quinze dias de dispensa a título de "férias escolares" entre 18 de julho e 2 de agosto. A Sociedade dos Alunos havia lançado um "concurso literário", cujo tema era "A Obra Romântica de J.G. de Araújo Jorge". Os participantes fizeram o trabalho durante as férias. Uma excelente iniciativa através da qual foi prestigiado o autor mais citado pelos alunos daquela época. Conforme já registrado, JG e Exupéry, por motivos totalmente diferentes, ocupavam o imaginário do "alunal" da EPCAr nos anos 1960, mormente JG, uma verdadeira *coqueluche*. Nada havia de hermético nas poesias de JG e nas obras de Exupéry. Dois autores que nos ajudaram a ser sonhadores, mas sempre com os

olhos fitos na realidade. O tempo passou mais depressa por causa deles, e hoje me dou conta de ter passado depressa demais.

olhos fitos na realidade. O tempo passou mais depressa por causa deles, e hoje me dou conta de ter passado depressa demais.

Era editado no Corpo de Alunos um periódico – "jornalzinho" soaria mais familiar – de nome O ALBATROZ. Nele eram publicadas matérias elaboradas pelos alunos, fossem poesias, crônicas, entrevistas, etc. Colaboravam, também, professores e personalidades conhecidas e admiradas por sua contribuição nos diversos campos de atividade. Como não poderia ser diferente, a seção mais "chamativa" era a que tratava de *fofocas* e *gozações* entre os companheiros, quando se comentavam apelidos e suas razões, manias, defeitos e *causos* envolvendo a turma.



Os testes de Educação Física também fizeram parte da nossa rotina, assim como as "provas" de Instrução Militar – Ordem Unida. E valia grau!

Por falar em Educação Física, e voltando ao ano de 1962, na segunda semana de Escola fomos submetidos a uma avaliação física, na qual éramos testados através dos cinco exercícios clássicos: abdominal, flexão de braços com apoio sobre o solo (a *flexão*), barra, canguru e o...o... Esqueci o nome do danado, só sei que acrescentando uma flexão (ou seriam duas?) a cada repetição sua tinha-se o "grosso" – e bote "grosso" nisso! Era



de lascrar! (Ops!, depois de um cochilo, literalmente, me veio o nome do exercício: barreira. Ou terei sonhado?) Fiquei impressionado com a facilidade de alguns companheiros, mas a maioria *pastou* no primeiro teste. Ao final do ano, nova avaliação do gênero: resultados animadores. Isso aconteceu nos três anos de BQ.

Quanto às provas de Ordem Unida, quem não se recorda do Cap. João Reis, com aquela entonação peculiar, querendo nos aplicar *uma pegadinha*? E sempre que “embarcávamos” perdíamos pontos. Era um tal de “Meia Volta...*última forma!*” A moçada ficava irada, mas fazer o quê? Bem, a Ordem Unida era mais democrática do que a Educação Física, pois com exceção do Ito todos aprendemos a marchar em poucos dias; já quanto à Educação Física e aos esportes, pelo menos meia turma era de *Itos*, com um porém: somente alguns desenvolveram habilidades que lhes permitiram fazer parte da equipe da Esquadilha. *Dá pra* entender a razão de não termos vencido a Lima Mendes.

Se a Ordem Unida era “democrática”, o que dizer da Balalaica? Sem dúvida a demonstração mais democrática do nosso currículo de alunos. Mas isso é uma história *pra* depois.

Os *Beatles* estavam na *crista da onda* havia já algum tempo. Os *Quatro de Liverpool* revolucionaram a música, e os jovens foram os mais atingidos pelo fenômeno. Pena que, como militares de carreira, não pudéssemos curtir a vasta cabeleira, uma das características da banda, mas parodiávamos, com sucesso, várias obras de *Lennon* e *McCartney*.

No *show* dos alunos, em 1964, Sanchez, Ernani e Cia. nos brindaram com paródias brilhantes de algumas obras do conjunto. Fato digno de menção: nossos *autores* criaram versão, em Português, que até rimava com a edição original, em Inglês. Coisa de gênio! É bem verdade ter havido uma *impropriedade* num dos números, e só vou citar detalhes do fato porque o Sanchez, no almoço anual da turma em 2010, deu uma explicação. Pois bem, vamos lá (a explicação do Sanchez merece).

Lembram-se de *From me to you*? Começava assim: *If there's anything that you want; if there's anything I can do...Tradução adaptada dos nossos artistas: Professor, assim não é possível; a prova está difícil pra xuxu...* Num dado momento, o nosso vernáculo era ferido mortalmente: *Para mim passar de ano, terei de me virar; em todos os testes, a nota 10 terei de tirar.*

Voltando ao almoço da turma, lembrei ao Sanchez, numa brincadeira, que com aquele *mim* nem se o professor de Português fosse santo o grau seria suficiente para alguém escapar da *recupera*. O Sanchez, com a presença de espírito e o humor característicos, explicou: “*Pô, Migli, havia um aluno cujo nome era Mim, e nós nos referíamos a ele.*” Que rapidez de raciocínio! E bom humor! Só faltou dizer que o personagem da música era *chinês* e não pertencia à nossa Esquadilha. Querer comprar *briga* com o Sanchez era – e continua sendo – perder na certa. Grande amigo, apesar daquele *chinês* da música. Valeu.

Outro evento ocorrido em 1964 de que poucos se recordam: contribuição em benefício da campanha “Ouro para o Bem do Brasil”. Todos participamos com a doação da importância equivalente a um dia de soldo, descontada dos vencimentos.





Por falar em soldo, como era feito o nosso pagamento? Geralmente no Pátio da Bandeira, onde a equipe da Tesouraria se instalava com os envelopes já prontos, contendo a quantia exata que nos cabia (e tome de moedas). Aqueles *caraminguás* eram importantíssimos, e com eles bancávamos um cinema no fim de semana, mandávamos cartas para a namorada e até nos aventurávamos a uma pizza por mês no Gino's. Havia companheiros que recebiam dinheiro de casa, não por serem ricos, mas por serem *gastões*. Lembro-me de o Hoog, logo no início da nossa jornada em BQ, ter finalizado uma carta aos pais com o seguinte PS: P\$ - "Preciso de dinheiro!" *Taí* outro *cara* de imaginação fértil e excelente caricaturista, criador da bolacha da Agora Vai.

O assunto abordado a partir de agora deveria constituir um capítulo à parte, mas vai em poucas linhas mesmo, pois dele todos, com exceção do Bellon - por ter sido sempre o Zero-Um - têm conhecimento prático: as escalas a que concorriamos no terceiro ano de Escola. Relembrando: só fomos puxar Aluno de Dia ao Corpo e Aluno de Dia à Esquadilha *no ano da graça de 1964*. E éramos veteranos, e havia os companheiros chegados a um VI, e havia os dorminhocos, e havia os "matadores" de instrução, e havia outros que simplesmente não davam satisfação da ausência, e havia... E por aí ia. Também entrava no rolo o Auxiliar à Esquadilha, a Primeira. Como os titulares desses serviços se lascavam! Se o Aluno de Serviço acochambrasse e não houvesse retorno de chama, virava um herói; se não acochambrasse, caía na boca do povo; se acochambrasse e fosse pego, ambos dançavam, o Aluno de serviço e o *golpista*, geralmente mais aquele.

Esta situação foi muito bem retratada numa das paródias dos nossos artistas. Dizia a letra, adaptada a uma canção dos Beatles:

Quem quer ser Aluno de Dia à Primeira?
Quem quer ser Auxiliar à Primeira?
Eu não, eu não; eu não, eu não; eu não, eu não; eu não, eu não!!!
Serviço cruel! Aluno de Dia parece um pastel!
Se enrola mais do que uma carretel
E sempre acaba aos *créu!*

E a paródia tinha sequência:

Prefiro encarar uma sentinela no portão das lavadeiras...

Realmente, não foi fácil a vida do Aluno de Serviço ao Corpo e à nossa Esquadilha no 3º ano.

Em 8 de outubro, o Juramento à Bandeira dos companheiros incorporados à turma em 1964, com exceção dos que já o haviam feito. Mesmas palavras que havíamos proferido em 1962, no dia 23 de outubro (pensando bem, não devo ter omitido nada quando abordei o assunto anteriormente, referindo-me aos termos do juramento do pessoal de 62, mas fica o desafio, assim como ficam as reticências. É com vocês).





Tivemos, entre tantos *artistas* da turma, um especial, *artista mesmo!* Quem não se lembra do Daemon passando uns dias nos Afonsos, quando em companhia do irmão (turma de 64) participou de um documentário sobre o início da formação de piloto na FAB? Casualmente vi a película. Nosso amigo deve ter ficado com o queixo brilhante de tanto alisá-lo, mas galã é isso aí. E o episódio rendeu-lhe um *pouco* de trote, pois o pessoal dos Afonsos não perdoava nem a mãe.



Em meados de outubro, nova inspeção de saúde, agora para fins de matrícula no primeiro ano da Escola de Aeronáutica. A turma se deslocou para RJ em grupos, de acordo com programação da EPCAr e do famigerado ISCP. Muita ansiedade, talvez mais até do que a experimentada por ocasião do ingresso na Escola (e não deveria ser assim, pois os três anos passados em BQ só nos fizeram melhorar as condições físicas e intelectuais). Nada seria novidade na inspeção, os exames seriam praticamente os mesmos de 1962. Estávamos, também, mais maduros e conscientes do nosso ideal. Estávamos? Mais maduros, com certeza.

A inspeção teve início em 15 de outubro e na primeira fase se estendeu até 2 de novembro. Houve convocação de alguns companheiros para a repetição de determinados testes e a realização de exames em grau de recurso.

A partir do final de outubro começaram a ser publicados os resultados. Vários foram considerados "incapazes para o fim a que se destinam", e a quantidade de amigos "reprovados" na seleção nos surpreendeu. Um dos "incapazes" foi o Ivan Nunes. Ele faria história no tempo devido.

Onze de novembro de 1964, encerramento do curso. Graças aos professores, aos auxiliares, ao Estudo Dirigido e, logicamente, ao esforço de cada um, aprovação em massa. Haveria três exceções, mas elas somente seriam conhecidas no ano seguinte, após os exames de segunda época. Nesta altura, a única coisa a nos preocupar era o resultado da inspeção de saúde. E a tristeza pelos "incapazes para o fim a que se destinam". Às 15h30 teve início a cerimônia de passagem do Estandarte da Escola do 1º aluno do 3º ano para o 1º aluno do 2º ano. Nossa última solenidade com o uniforme de parada na Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Trechos da Ordem do Dia:

JOVENS DA EPCAR:

Aqui estamos reunidos mais uma vez, dando cumprimento à rotina da nossa vida militar-escolar, a qual, dada a repetição dos movimentos uniformes, em face do treinamento às vezes exaustivo a que nos submetemos...

Hoje, por exemplo, a passagem do "Estandarte" da EPCAr nos cala de maneira profunda a todos, especialmente ao Corpo de Alunos. Não significa somente o término de um ano escolar. Assistimos, mais uma vez, à renovação de valores, à injeção de vigor juvenil que se aplica ao ambiente onde são formados os elementos básicos que constituem nossa Força Aérea, os quais terão de ser sempre de primeira qualidade...; não é com tristeza que presenciamos a despedida dos jovens do 3º ano que hoje anunciam sua partida... Dessa forma, esperamos em breve vê-los em serviço ativo, numa permanente vigília nos céus do Brasil, em defesa da nossa Pátria.

Aos que ficam, bastam nossas palavras e nossos exemplos.

(a) Brigadeiro do Ar ITAMAR ROCHA
COMANDANTE



O Bellon passou o Estandarte. Soube honrá-lo. Foi nossa última "formatura" no **Pátio da Bandeira**, que nos recebera em 8 de março de 1962 e presenciava nosso derradeiro desfile como Alunos da EPCAR. O dispositivo foi o mesmo das "paradas" de sexta-feira, mas o significado se revestiu de uma importância singular.

Às 19h30 daquele dia teve início a cerimônia interna de encerramento de curso. Local: o mesmo auditório onde em 9 de março de 1962, numa manhã ensolarada, nos reunimos fardados pela primeira vez para a palestra com o Capitão Bayard e sua equipe, quando conhecemos aquele oficial recém-formado que exerceria uma influência muito grande em todos nós: o



Tenente Lara, subalterno à então Terceira Esquadrilha. Desde aquele instante, ele foi nosso comandante de fato. O programa, na íntegra, transcrito do Boletim Interno nº 212, de 10 de novembro de 1964:

- I - Abertura solene pelo Exmo Sr Comandante da EPCAR**
- II - Entrega de prêmios aos três primeiros alunos do 3º ano, melhores classificados**
- III - Entrega dos certificados de conclusão de curso**
- IV - Oração alusiva pelo Professor Fernando Victor de Lima e Costa**
- V - Alocução do Comandante da Esquadrilha - 1º Ten. Av. Fernando Vanderlei Lara**
- VI - Despedida do 3º ano, pelo aluno 62-02 Jorge de Sá**
- VII - Palavras pelo Aluno 63-36 Luiz Carlos Ballock, do 2º ano**
- VIII - Canto do Hino da Escola por todos os presentes**
- IX - Encerramento**

A partir daí somente os alunos de "recupera" e o pessoal com pendências no exame médico teriam obrigações junto ao Corpo de Alunos.

O seguinte cronograma foi estabelecido para o pessoal de 1962:

	SAÍDA PARA FÉRIAS	REGRESSO À EPCAR
Formandos/64	Após Inspeção de saúde	24/25 JAN, até 6h
2ª época - 3º ano EPCAR	5 DEZ 64	17/18 JAN, até 6h

Deve ter havido alterações das quais não fui informado oficialmente (eu me "escondia", não "morava", lembrem-se). Retornei à Escola em 24 de janeiro e encontrei somente uns "gatos pingados", além do pessoal da 2ª época. Tomei conhecimento



de que a apresentação à Escola de Aeronáutica seria em 26 de fevereiro de 1965. Antes, um bate-pronto em BQ. A história se repetia: novo carnaval, nova permanência no Rio de Janeiro, novas experiências, tudo isso "três anos depois". Imaginava que o trote iria rolar solto, e estava preparado, mas só pode ter sido *sacanagem* determinarem nossa apresentação nos Afonsos na sexta-feira imediatamente anterior ao carnaval do Quarto Centenário da Cidade Maravilhosa. Se três anos antes, como candidatos, havíamos fechado a festa dançando e ralando na quarta-feira de cinzas, agora dançaríamos e ralaríamos no carnaval todo, e mais umas semanas. Quanto ao período de carnaval, isso se aplicou somente aos laranjeiras, *pra* variar. Mas a vida tem seu curso, só nos cabe cumpri-lo da melhor maneira possível. E como já sabíamos, trote não faz mal a ninguém.

Muitas novidades nos aguardavam em RJ, e quase todas fugiram à nossa expectativa.

Deveríamos nos apresentar em BQ no final de fevereiro de 65. De lá, seguiríamos para o Rio. Houve, certamente, uma contraordem, pois a quase totalidade dos alunos foi diretamente para a Escola de Aeronáutica. Acabamos nos encontrando – os que tínhamos ido para BQ e os que foram diretamente para RJ – no portão de entrada da Escola, nos Afonsos, todos devidamente uniformizados com o 5º A, no final da manhã de 26 de fevereiro de 1965, uma *gloriosa* sexta-feira.

A inspeção de saúde prosseguiu rendendo durante um bom tempo. Alguns resultados foram modificados – de incapaz para apto –, mas vários companheiros foram desligados, entre eles o Ivan Nunes. Um número expressivo de desligados optou por seguir carreira no Exército, pois se oferecia esta oportunidade. O bicho-papão da época tinha um nome de meter medo: Eletroencefalograma. E já o havíamos enfrentado anteriormente.

Bem, iríamos para os Afonsos, onde a vida deveria ser aquela sonhada havia três anos. Alguns amigos seguiriam destino diferente. Logo muitos outros nos deixariam, e outros tantos retornariam ao nosso convívio. Antes, porém, vamos relembrar alguns acontecimentos "pitorescos" do período de alunos da EPCAr, além de tudo que já foi relatado.

A deus, Pátio da Bandeira!





Canção da Escola Preparatória de Cadetes do Ar

Letra e Música: Ten IG R. G. de Breyne
Orquestração: SO Q IG MU Nestor Gomes da Silva

Somos da Escola Preparatória
De Cadetes do Ar,
A nossa glória
É honrar a farda,
Nosso lema
É estudar.

(ESTRIBILHO)
Escola de Barbacena,
Entre montanhas
E o céu de anil,
Preparas, para o futuro,
Os jovens do Brasil.
Mais tarde, *lá nos Afonsos*,
Como pilotos
Na paz ou guerra,
Levaremos bem para o alto
O pendão
De nossa Terra.

Nós os alunos da Força Aérea,
Com valor, com moral,
Sempre lutando
Alcançaremos
Nossa meta
Nosso ideal.

(ESTRIBILHO)
Escola de Barbacena,
Entre montanhas
E o céu de anil,
Preparas, para o futuro,
Os jovens do Brasil.
Mais tarde, *lá nos Afonsos*,
Como pilotos
Na paz ou guerra,
Levaremos bem para o alto
O pendão
De nossa Terra.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965



N O S S O S C O M A N D A N T E S



Brig Ar Homero Souto de Oliveira
11 Mar 1961 a 15 Fev 1963



Brig Ar Ary Presser Belo
17 Abr 1963 a 23 Jun 1964



Brig Ar Itamar Rocha
24 Jun 1964 a 21 Dez 1964

C O M A N D A N T E S D O C O R P O D E A L U N O S 1 9 6 2 A 1 9 6 4



Maj Av Cassiano Pereira



Maj Av Niel Vaz Correa



Cap Av Pedro Luiz de Sá Couto Guimarães

Nota: Entre o Major Niel e o Capitão Pedro Luiz, assumiu o Comando o Maj Av Waldir Castro de Abreu



HOMENAGEM

Como homenagem, o nome de alguns professores da nossa turma – quase todos: Clodoaldo, Fernando Victor, Paolucci, Anastácio, Baptista, Manhães, Joaquim...(Quincas P.D.), Jorge Alves Pôssa e Jorge Aurélio Pôssa, Amim, Allevato, Vasconcellos, Nusca, Pupo Nogueira, Conegundes, Newton Fonseca, Noé de Assis Lima, Tollendal, Welfane Cordeiro, Tião Baumgarth, Grossi, Camargo, Boratto, Rolla, Cruz Machado, F.O. *Ficou fácil descobrir seus mestres de BQ?* Com certeza foram muito importantes naqueles anos e no decorrer da nossa carreira. Saudade de todos.

AOS MESTRES, COM CARINHO





GENERALIDADES EXTRACURRICULARES – OU QUASE

RIFIPI NO “RENDEZ-VOUS” ou CONFUSÃO NA ZONA, fica a seu critério. O título não fará a menor diferença: foi um rolo, é isso aí.

Corria o ano de 1962, ainda primeiro semestre. O Brasil se montava para disputar a Copa do Mundo e fazia alguns jogos preparatórios, com Garrincha, Pelé e Cia. Era o time a ser batido, pois se havia consagrado campeão em 1958, na Suécia. A sede, agora, seria o Chile, e a base da seleção – como de resto quase a equipe toda – se mantivera.

No primeiro licenciamento para a nossa esquadilha (não se esqueçam que ficamos de *quarentena* quando chegamos a BQ) alguns companheiros resolveram conhecer a *zona*; afinal, longe de casa era fácil e não custava nada dar uma *bordejada pelo bordel* (*taí* um quase-pleonasma com o qual eu nunca sonhara). De repente, poderia sobrar um *programinha, né mesmo?*

Por favor, não esperem nomes. Os personagens, se possível, serão caracterizados por fatos, lendas, números de matrícula, apelidos e até pela fama, adquirida justa ou injustamente, mas nada de nomes. Entendam a preocupação.

Quem me relatou a história disse que estava com outro amigo da turma, pois já se conheciam desde os tempos de RJ antes do ingresso na EPCAr. Resolveram fazer uma missão de aproximação, porquanto se tratava de um ponto estratégico para alguma *eventualidade*. Quando chegaram ao local, *quem* já estava lá? **Ele**, cuja fama de *azarento* ainda não era conhecida, e o *Vinte* (o número, na época, foi incorporado como apelido). Ouviu-se um **gol** (e não considerem um **orgasmo**, mas um gol mesmo, sem metáfora, a bola entrando na rede literalmente). Num dos quartos estava um par, logicamente formado por uma *cortesã* – um baita eufemismo, pois as moças ali *davam* no duro mesmo, nada de sofisticação – e seu *cliente*, que devia estar “ouvindo” o jogo a par de desenvolver a atividade pela qual indenizaria sua companheira.

Ele, o *Azarento*, quis saber de quem tinha sido o gol e cismou de incomodar o cidadão – infeliz coincidência: não simpatizava com os *alunos*, não gostou da interrupção e partiu de cuecas para agredir nosso companheiro. O *Vinte*, o mais forte dos quatro – os outros dois eram bem magros, um deles até com recomendação de “ganhar peso” e o outro, *dono* de uma letra muito bonita, mais magro ainda, embora sem a tal recomendação –, resolveu partir em defesa **d’Ele** e levou uma garrafada na cabeça. Sangue! O *cliente*, mais enfurecido ainda, voltou correndo ao quarto e de lá saiu armado. Nossos quatro companheiros fugiram apavorados. Os dois magrelos se mandaram para o centro da cidade, e **Ele** e o *Vinte* voltaram para a Escola, onde foram atendidos no Posto Médico.

O *bizu* correu entre o alunal, formou-se uma horda que se dirigiu para a zona e, segundo o relator deste *causo*, *não restou pedra sobre pedra*. Os dois *magrelos* não participaram da quebradeira e nem sabiam de sua ocorrência, mas foram contemplados com 10 P cada um. Não se sabe, com exatidão, quantos participaram da destruição do prostíbulo, mas alguns pegaram 10 P, como já citado, e outros *somente* 4 P, como parece ter sido o caso **d’Ele**. Deu sorte. Na verdade, muito do que se fala a seu respeito é puro folclore, e traduz uma grande amizade da turma. Não custa nada elogiar: apesar de estarmos na casa dos sessenta e tantos, sempre é tempo de certas precauções.

O prejuízo foi pago – não sei como – pelos alunos envolvidos em todas as fases do conflito, e só não houve desligamentos por serem, os *réus*, primários e por algumas *interferências*. Resumo: quem se *apresentou* levou 10 P, quem *apanhou*, 4P, e



todo mundo saiu feliz. Detalhe: ninguém *bateu*. Data desse episódio uma brincadeira do saudoso Matt. O *Vinte*, também saudoso, vivia apregoando que "levou azar" (meia verdade, pois se fazia acompanhar por **Ele** e foi defendê-**Lo**, como faz todo bom amigo na hora do *pega-para-capar*). Quando *gozado*, o *Vinte* tentava se explicar: "Não fiz nada, *dei azar*." Como ambos, o *Vinte* e o Matt, eram da mesma turma, a E, a qualquer lance o Matt exclamava: "O *Vinte* deu azar." Na verdade, quem daria azar, se o *Vinte* estivesse no quarto com a *moça*, teria sido ela, e a quebradeira teria sido outra: uma *senhora pauleira! E não era mole! O bicho era bom de briga nesse aspecto*.

O *Vinte* e o Matt deixaram saudade. Que Deus os tenha.

Colaboração do Castreba, relator do *causo*.

A BALALAICA

Até hoje não sei a razão do nome do exercício, embora não desconheça as conotações do termo. Bem, faz diferença saber ou não? Continuo *pastando* quanto aos métodos Batávia e Colúmbia, e nem por isso a vida deixou de seguir seu rumo. Há coisas que simplesmente existem, saibamos ou não de suas origens e finalidades. Caso da Balalaica, uma "Demonstração de Instrução Militar/Ordem Unida".

Conforme já mencionei em outro trecho, foi o exercício/demonstração mais democrático dos alunos de BQ. Quando se fala em Cama Elástica, o que nos vem à memória? Uns caras enxutos, elevando-se a alturas consideráveis, fazendo "n" piruetas *prum* lado e *pro* outro, invertendo tudo de vez em quando, girando *feito broca* e *pousando* nos ombros do homem-base, este bem mais parrudo, se comparado aos *voadores*. O Galhardo era o nosso representante e, claro, pela sua configuração física, um homem-base. Tudo isso *pra* mostrar que a Cama Elástica exigia muito dos seus praticantes, verdadeiros silfos da mitologia, deuses do ar (*pra* quem logo seria cadete era um bom preparo, até porque o maior incentivador da modalidade era o Bayard). Ficávamos tontos só de assistir.

Qualquer esporte, individual ou coletivo, exigia habilidades. Houve gente que se aventurou em todos, mas *nada* (e por falar em *nada*, me volta a figura do Abel, o *Siri Atômico*, quase se afogando). Competir pela esquadilha era uma honra e ainda dava ao atleta certas regalias, além de uns pontos a mais no grau de Instrução Militar e, conseqüentemente, no grau final. Os uniformes eram coloridos, chamativos, até nos faziam pensar que "o atleta era melhor do que realmente era". E as moças adoravam os atletas.

E a Balalaica? Tão democrática que até o Ito era "convidado" a participar. Se as outras modalidades eram altamente seletivas, a Balalaica nos igualava, a começar pela "indumentária": 10º uniforme *pra* todo mundo, sem exceção. E tome de movimentos programados. Para quem não foi de BQ, uma simples comparação: o exercício para recebimento do Espadim. Só que neste o uniforme era o branco da cintura *pra* cima e azul ferrete da cintura *pra* baixo, com luvas, quepe, talins, etc. Ao final da cerimônia o tão esperado símbolo da FAB: o sabre alado. E a *plateia*, composta só de gente *bonita e importante*: nossas namoradas, nossos parentes e muitos convidados especiais. Já na Balalaica, o peso começava no uniforme: o mesmo usado *pra* cumprir punição de prisão ou detenção: calças e "gandolas" (ou seriam camisas?) azuis, de brim, o indefectível bico-de-pato, bate-búti e o fuzil 08-34, mais conhecido como mosquetão. Ao final da cerimônia, um fora-de-forma com um "boa" bem alto, sem qualquer *plateia*. Ou havia *plateia*?



Todos participávamos, desde o melhor atleta e o aluno mais destacado até o Ito, que demorou a marchar por conta própria (se brinco assim com o japonês é porque somos amigos, e ele entende). A vibração era contagiante, um verdadeiro paradoxo! Não víamos naquilo senão um motivo a mais para nos dedicarmos com afinco à carreira, ainda incipiente. E os treinamentos eram exaustivos, demorados.

Esta era a Balalaica, o único exercício que “não exigia prática nem habilidade”, mas treinamento, muito treinamento. Contemplava igualmente todos os alunos do primeiro ano da EPCAr, e ninguém escapava, a não ser por motivo de saúde, e sério. Ah! e não dava grau *pra* ninguém!

P S – Acabei de ter um lampejo: a finalidade da Balalaica deve ter sido “igualar os desiguais”, nos dizeres de Rui Barbosa, pelo menos durante meia hora, pois a igualdade duradoura e plena só se atinge com o trabalho. Quanto ao nome, fico no aguardo de outro lampejo.

AS NOITES DE BARBACENA E O CARRILHÃO DE SÃO JOSÉ

Desculpem-me os discordantes, mas não consigo dissociar aquele céu lindo, cheio de estrelas emoldurando a lua, das batidas do sino da igreja, de cujo nome não tenho certeza. Que seja, realmente, São José, como nos acostumamos a chamá-la em 1962.

Alguns *puristas* vão dizer – e com razão – que a lua e as estrelas só se manifestavam aos nossos olhos à noite, céu limpo, e o badalar dos sinos acontecia durante as 24 horas do dia, sete dias por semana, etc., fosse qual fosse o céu. Associá-los por quê? O fato é que tanto o céu quanto o carrilhão nos faziam viajar para bem longe de Barbacena, nas asas da imaginação.

Se estivéssemos em sala de aula, o carrilhão soava *diferente* às nove horas da noite. Durante o dia, suas badaladas eram encobertas pelo alarido dos alunos, e o significado nada mais era do que o anúncio das horas, mas à noite, principalmente se estivéssemos escrevendo cartas para as namoradas, ou já recolhidos a nossas camas, aquele “blem...blem...blem” nos transmitia paz e nos levava para o mundo dos sonhos. E que sonhos!

Circular pela Escola em noites abertas era uma experiência inspiradora, e quando o soar do Carrilhão de São José e o céu estrelado se juntavam e nos surpreendiam nas proximidades do *lago do Brigô* ou no *Jardim de Alá*, processava-se uma verdadeira catarse.

Adolescentes, ainda, aprendemos a dar *valor* às coisas que realmente têm *valor*: um céu estrelado e enluzado, o badalar de um carrilhão nas horas de inspiração, um lago pequeno, sem qualquer arranjo, um jardim comum, tudo muito simples, mas refletindo a maravilha que é a natureza.

Fomos uns privilegiados. Pertencemos à EPCAr e pudemos desfrutar de tantas bênçãos. Barbacena nos brindou com inúmeras dádivas. Seu céu estrelado em noites memoráveis e o Carrilhão de São José são duas delas.

A RAINHA DA PRAÇA DE ESPORTES

Dizem que aparecia quando menos se esperava, e quando o fazia despontava no horário em que os alunos retornavam do licenciamento local, nas noites de sábado e domingo. Não a conheci, mas ouvi falar muito a seu respeito. O início das au-



las, às segundas-feiras, era recheado de comentários alusivos ao que ocorrera no fim de semana em que ela “pintara no pedaço”.

Era um alvoroço, um deus-nos-acuda quando o pessoal se dava conta de sua presença! Moça dadivosa, atendia a todos indistintamente, jamais discriminou quem quer que fosse. Antiguidade, *pra* ela, era coisa de velho, e não de militar.

Sua “performance”, cantada em prosa, verso e caricatura, lhe permitia desempenhar suas funções com resultados invejados pelo pessoal do ramo (dela).

Surgia um *problemão* na segunda-feira subsequente à agitação do final de semana: o Posto Médico registrava uma procura, em termos numéricos, inusual, mas nunca houve baixa à enfermaria por causa dela. E as preocupações com reações indesejadas se restringiam a poucos dias e se diluíam com umas boas doses de penicilina. Ninguém jamais ficou inoperante, nem nos calços, por causa da Rainha.

Que saudade daqueles tempos, quando nossa preocupação maior era estudar!

O nome da protagonista? *Pra* quê? Vai fazer alguma diferença? Quem se locupletou sabe muito bem a quem me refiro, e quem não se locupletou ouviu falar a seu respeito. Quanta ansiedade ela gerou entre os alunos!

Não sei por quanto tempo reinou naquela área, mas deixou marcas na turma.

Salve, Rainha!

A ESCRIVANINHA QUE “ENGRAVIDOU”

Neste *causo* vou me permitir caracterizar, pelo apelido, um amigo, o qual, embora não tendo qualquer responsabilidade no evento, era o “usuário”, mediante *comodato* (ou o *comodatário*, como queiram) do objeto que consubstanciou o crime. Citarei, também, dois nomes como exemplos, não se devendo imputar-lhes qualquer participação no ato (sim, pois não deixou de ser um *ato*).

O fato ocorreu numa noite/madrugada do primeiro semestre de 1963, no pavilhão de aulas da nossa esquadrilha, na sala da turma C, aquela composta pelos alunos cujos números terminavam em 3 e 8. Só a título de exemplo, pertenciam à turma os amigos “Paolo Maltese” (o *comodatário*), Bellon (58 – já era o zero-um –, cidadão acima de qualquer suspeita) e Ito (123 – cuja ascendência nipônica elimina qualquer possibilidade de participação no *feito imoral*). Compunham a turma, ainda, alguns oriundos da ex-turma E, pulverizada no início do ano.

Na calada da noite/madrugada, um aluno, muito provavelmente *segundanista* e com toda certeza *onanista*, perpetrou a barbaridade: ejaculou (é isso mesmo: ejaculou!) na escrivaninha do “Paolo”. Foi aquele salseiro, pois o indivíduo não se limitou a aliviar a tensão no tampo do móvel ou em suas (do móvel) pernas; abriu a “donzela” e “obrou” no seu interior, sobre livros, cadernos e o que mais houvesse lá dentro, vocês podem imaginar o quadro e as consequências.

O “Paolo”, lógico, não aceitou passivamente a situação. Ficou transtornado, possesso mesmo, pagou decisão a torto e a direito, desafiou o mundo. Lembro-me de ele, num intervalo de aula daquela fatídica manhã, entrar na turma D brandindo uma vassoura – isso mesmo: uma vassoura – e lançando o desafio: “quem for homem se manifeste!” Eu ainda nem tinha tomado conhecimento do lance, assim como quase toda a turma, e alguns companheiros ensaiaram uma risada, mas pararam no ensaio,



pois o "Paolo" estava alucinado. E com razão, pois isso não se faz a uma pobre escrivaninha, quanto mais a do "Paolo".



Havia na turma D um aluno de quem o "Paolo" desconfiava, e esse aluno era, realmente, uma suspeita fortíssima. Como ninguém se manifestou – até porque isso não iria aplacar a ira do nosso amigo (pelo contrário, só faria piorar a situação) –, o "Paolo" atirou a vassoura ao chão, com violência, e vociferou, sem qualquer cerimônia: "Não tem macho nesta porra?" (talvez pensando no conteúdo parcial da escrivaninha). Ato contínuo, retornou para sua sala, sob os aplausos da galera.

Muitos suspeitos, mas jamais se chegou ao autor do *estupro*. Ainda há uma chance de esclarecimento da ocorrência, mas é inviável economicamente porquanto envolveria possíveis descendentes da escrivaninha e todos os alunos da turma, para realização de exames de DNA. A escrivaninha deve ter sido descarregada há já muitos anos, e com ela não se pode contar. Daí, mais um caso sem solução para os anais dos criminalistas. Um mistério que acompanhará a turma até quando? Vai que o *onanista* "do caso" (já que à época do delito nossa idade predispunha a "certas" práticas, muitos se aventuravam ao onanismo eventualmente, mas "despejar" na escrivaninha de um companheiro é outra história) confesse, e tudo se resolve numa boa. Pensando bem, melhor ficar como está: se a escrivaninha não prestou queixa, deixa pra lá. E o crime já prescreveu.

FIFA RECONHECE CINQUENTENÁRIO DA INVENCIBILIDADE DO FAZENDÃO FC

Por: Ernani Barbosa (Al 62-142)

Era uma manhã de domingo em 1963. Nada para fazer.

Naquele dia, um grupo de alunos da turma de 1962 resolveu, para passar o tempo, fazer uma longa caminhada. Eis que numa estrada avistamos um vale onde existia uma bela fazenda com um campo de futebol, cuja grama era de fazer inveja a qualquer estádio do mundo e onde alguns rapazes batiam bola. Resolvemos descer até a fazenda (daí a origem do "Fazendão") e desafiá-los para um confronto, de pronto aceito.

Nascia, ali, um dos times mais gloriosos da nossa geração. Podia, sem exageros, ser comparado ao Santos de Pelé ou ao Botafogo de Garrincha. A partida terminou 2 X 0 a nosso favor, início de uma longa invencibilidade daquele time, que depois venceu as seleções das turmas de 63 e 64 (esta, inclusive, com Pinha e Crivano, dois craques). O América de Barbacena foi derrotado em jogo amistoso por 2 a 0, gols de Figueiredo (62-35) e Matt (62-90), o último em cobrança de falta.

A essa altura os resultados do Fazendão começaram a incomodar a Seleção da nossa turma (62), repleta de craques, que diariamente nos desafiavam para uma partida "tira-teima". No entanto, um clássico daquela natureza merecia toda uma estratégia de "Marketing", de forma a exceder, em importância, até mesmo a um jogo da seleção brasileira.

Durante 63 e 64, o Fazendão continuou surrando seus adversários, até o dia do grande confronto. Não me lembro exatamente a data, mas foi na primeira quinzena de outubro/64. Muitos da Esquadrilha desceram até a Praça de Esportes para acom-



panhar o "clássico". A seleção de 62 estava completa, com exceção do meia Tancillo (62-107), contratado pelo Fazendão.

Desde o momento inicial do prélio, o Fazendão sofreu enorme pressão do adversário, com bolas batendo na trave, gols sendo salvos em cima da linha e defesas mirabolantes do nosso goleiro Reginaldo de Jesus Carvalho (Turma de 63). Próximo aos 20 minutos da primeira etapa, Millan (62-112), lateral esquerdo da seleção, tenta ir à linha de fundo e perde a bola para Fernandes Lima (62-17); este faz um lançamento nas costas daquele lateral para o camisa 7, Soledade (62-137), que dispara pela direita. O zagueiro central Póvoas (62-55) sai na cobertura e é batido em velocidade pelo ponta, que cruza rasteiro para o centroavante Ernani (62-142). Ernani não teve trabalho em empurrar para o fundo das redes do goleiro Urso (62-68), indeciso se saía ou não do gol.

Com 1 a 0, o Fazendão se retrancou ainda mais, e a "Seleção" passou a usar da violência. Aos 35 minutos, por falta de segurança e considerando a agressividade em campo, o árbitro suspendeu a partida, dando a vitória por 1 a 0 para o Fazendão. Neste momento, Rosário (62-80), inconformado, tentou agredir Sua Senhoria e o Fernandes Lima, enquanto Sílvio, Madeira, Alcântara e outros corriam atrás do Ito (62-123), com a mesma intenção. Foi um final quente para uma partida de muita rivalidade. Até hoje Wilson, Rosário, Urso e Vinhosa recorrem ao tribunal da CBF, pedindo a anulação do jogo e a realização de nova partida. No entanto, tal atitude resultará inócua, de vez que a **FIFA acaba de reconhecer o Cinquentenário da Invencibilidade do Fazendão**, recomendando, inclusive, que tal feito seja registrado no "**Livro dos Records**".

Foto do gol do Fazendão publicada no Jornal dos Sports. Urso, **desolado**, pega a bola no fundo da rede.



Ao lado, uma foto "mais ou menos atual" de alguns craques do Fazendão e, a seguir, a escalação daquele timaço.

Da esquerda para a direita, em pé: Marcelino, Benincasa, Ito e Fernandes Lima; agachados: Figueiredo, Ernani e Soledade



FAZENDÃO F. C.

Reginaldo de Jesus Carvalho (Turma de 63)

Fernandes Lima (62-17) Henrique (62-62) Genaldo Maia Paes (Turma de 63)

Tancillo (62-107) Figueiredo (62-35) Matt (62-90)

Soledade (62-137) Ernani (62-142)

Banco: Marcelino (62-144) Benincasa (62-82) Almeida (62-32)

SELEÇÃO 62

Urso(62-68)

Menezes (62-87)

Póvoas (62-52)

Silvio (62-72)

Alcântara (62-54)

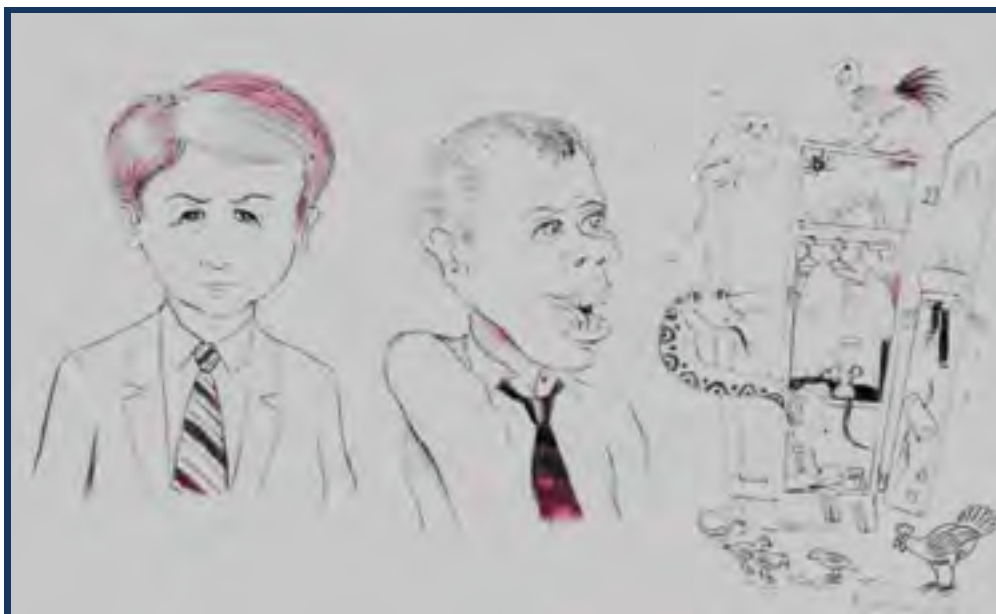
Rosário (62-80)

Madeira (62-138)

Wilson (62-60)

Vinhosa (62-119)

MIGLORÂNCIA, O VAGABUNDO E A MÁQUINA DO TEMPO



Por: Ernani Barbosa (Al 62-142)



“NON MULTA SED MULTUM”. O lema da Escola Preparatória de Cadetes do Ar. “POUCOS, PORÉM BONS”.

Nossa turma foi um marco até nesse aspecto, pois milhares de jovens do Brasil disputaram tão somente 150 – isso mesmo: cento e cinquenta – vagas para ingresso no primeiro ano da EPCAr, em 1962. Nossos veteranos, apesar de também serem reduzidos em quantidade, foram melhor aquinhoados quanto ao efetivo, pois contavam com mais de 200 alunos por turma.

Dos 150 aprovados e convocados, apresentaram-se em Barbacena 128 *heroicos* jovens, aos quais se somaram 2 remanescentes da turma de 1961. Éramos, portanto, 130 alunos na Terceira Esquadrilha em 8 de março de 1962, data do início da nossa história como turma.

Formávamos, sem dúvida, um seleto grupo, e me atrevo a declarar que o menos inteligente daqueles “meninos” seria capaz de fazer sombra a EINSTEIN. Modesto, eu, hein?

Esta introdução se faz necessária para que se possa definir, neste contexto, o termo **vagabundo**.

Nesta categoria – a dos **vagabundos**, digamos assim – enquadravam-se os discentes que estudavam somente o imprescindível para a obtenção da média 6,00 (seis), que os livraria da prova final – a famigerada “recupera” – e lhes asseguraria mais uns dias de férias escolares.

Exemplos de **vagabundos** – entre os quais honrosamente me incluo – existem muitos, e somente não os nomino por uma questão de ética. O fato é que os “**vaga**” se divertiam o tempo todo, dentro ou fora da Escola. Enfim, além de “**vagabundos**” eram uns **inconsequentes**.

Isto posto, passo a narrar um episódio que jamais tive coragem de contar a quem quer que fosse, pois me rotulariam de louco (no que teriam certa dose de razão...), mas agora, decorridos 50 anos, talvez me deem crédito.

Certo dia, em 1964, tive de ir ao banheiro, *aliviar* uma emergência; isso me atrasou (e eu já não era muito chegado a esse negócio de horário) para a formatura do jantar. Após a operação de *alijamento*, caminhando em direção à saída do alojamento, percebi que o Sylvio (62-72) havia deixado a porta do seu armário aberta, e os pintos que ele criava estavam fugindo.

Não poderia deixar o companheiro na mão. O **Larinha** era o Oficial de Dia e por certo, se se desse conta da farra dos pintos do Sylvio, iria punir o amigo. Resolvi voltar e colocar os pintos no devido lugar, ou seja, no armário do Sylvio, mas a curiosidade me fez olhar com atenção o que havia naquele terrível e infecto ambiente.

Ao tentar enxergar o fundo do armário, na parte de baixo, senti-me tragado e, quando tentei gritar por socorro, estava de novo na parte externa, porém num ambiente completamente diferente, o qual descobri, depois, tratar-se do alojamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica, em Cumbica, e, pasmem: no ano de 1982! Parecia ter chegado naquele momento àquela Escola.

Ao sair do quarto, no corredor, dei de cara com o Miglorância, já major, “intitulando-se” Instrutor da Instituição, além de Chefe do Curso, e me dirigindo as seguintes palavras: “Veja bem, seu salafrário, aqui você não vai zonestar, não! Se faltar à minha aula vai se ver comigo! Nada de matar instrução pra ficar dormindo!”



Sequer tive tempo de responder, mas deu pra sentir a "resposta". O "Mig" sempre foi aquele cara sério, disciplinado, estudioso, jamais fez parte da turma dos "vagabundos."

No dia seguinte teve início o curso. O "Mig" lecionava algumas disciplinas e, em suas aulas, sempre reservava pelo menos uma pergunta *pra* mim, a fim de checar se eu estava prestando atenção, ou se estava dormindo, ou se estava de "galinhagem". A cada resposta errada eu era cobrado, e o auditório se divertia, em que pese todos saberem que, apesar das aparências, éramos grandes amigos.

Numa determinada noite, eu e vários companheiros de turma caímos na farra e voltamos para a EAOAr às quatro da madrugada. Ao toque de Alvorada todos se levantaram e foram cumprir suas obrigações. *Eu continuei dormindo*, estava "aos tapas". Alguns amigos tentaram me acordar, mas qual o quê!? Nada deu certo.

Naquele dia a primeira aula era do "Mig", que, segundo alguns colegas, lá pelas tantas fez uma pergunta "ao Cap Ernani", eu mesmo! Foi um silêncio sepulcral no auditório, até que o "Mig" percebeu que *eu não estava presente*. Paralisando a aula, dirigiu-se ao meu quarto e, lá chegando, puxou as cobertas e esbravejou: "**Acorda, vagabundo! À minha aula você não vai faltar, não! Tem um minuto pra se arrumar e ir pro auditório**". E retornou para sua instrução rapidamente.

Saí correndo para o armário, *pra* me arrumar, mas não encontrei os sapatos, até que percebi estarem no fundo. Tentei pegá-los, quando novamente fui abduzido pelo móvel e, repentinamente, me vi de novo no alojamento da Esquadriha, em Barbacena (1964), com o Miglorância de Aluno de Dia à Primeira, gritando: "Ô seu Ernani, já tocou o *Reunir*; se chegar atrasado eu vou anotar, estou avisando!" Mais do que depressa passei pelo "Mig" e entrei em forma antes do toque de *Sentido*.

A viagem no tempo me deixou contente por ter visto o "Mig" já major, como instrutor da EAO. Valeu pelos "esporros" e pela surpresa causada pelo armário do Sylvio, que servia de tudo, até de **MÁQUINA DO TEMPO**.

ALGUMAS CURIOSIDADES

- O primeiro aluno de 62 a baixar à Enfermaria da Escola foi o "Paolo Maltese", e isso nada tem a ver com o caso da escrivaninha. Sua (do "Maltese") alta ocorreu em 13 de março de 1962, e o episódio da escrivaninha mais de ano depois, assim como o que gerou "um dos apelidos do nosso amigo". Quanto a este último, não se fala mais nisso, e ponto.

- Quem se desligava após permanecer na Escola durante um ano era relacionado como S1 Q IG FI. Nosso primeiro S1 Q IG FI foi o 62-113 Santiago, desligado em 12 de dezembro de 1962.

- O Américo, que ingressou na Escola em 1964, já no terceiro ano, foi o companheiro mais novo da turma: nasceu em 7 de março de 1947. Quanto ao mais velho, preciso verificar, mas há fortes chances de ter sido o Aragão, que nasceu em 25 de maio de 1942. Ambos já iniciaram nova vida há muitos anos, estão "numa boa".

- Claro que todos nos lembramos da Banda de Música, mas quem sabe o nome dos Mestres? Eram o SO MUS Nestor Gomes da Silva e o 1S MUS José Antônio da Cunha, carinhosamente tratados por Sub "Batatinha" e Sargento "Caramelo", respectivamente.

- Apesar de já haver citado o fato anteriormente, os três primeiros conceitos excepcionais – EXCEPS, como dizíamos – da turma foram o Bellon, o Sá e o Berto. E



uma homenagem ao Sá: desde o primeiro ano de BQ dedicou-se ao Curso de Alfabetização de Adultos promovido pela Escola. Obteve resultados excelentes. Exemplo de dedicação e desprendimento. Viria a se tornar jornalista de renome. Também está “numa boa”.

- Havia um almoço mensal, quando eram homenageados os aniversariantes do período. Geralmente ocorria na última sexta-feira (ou seria no sábado?) do mês, o cardápio era melhorado, e todos, aniversariantes ou não, mergulhavam num ambiente festivo, até porque, se não me engano, eram servidos chope e refrigerantes. Evidentemente alguns amigos se excediam.

- Assim como a Balalaica igualava todos, o Cabo de Guerra era altamente *seletivo* e *discriminador*: dele só tomavam parte os mais fortes e, por que não dizer, “toscos”. Pior: nem nisso ganhávamos e tínhamos “toscos” às pencas na turma. Sem nomes.

- Veja essa: “Descarregada da Carga Geral desta Escola e da Parcial do Serviço de Transporte e Material Bélico a munição abaixo, indenizada pelo Aluno 62-27 Rebouças... Grupo 13 –CLASSE 1305 – Cartucho de bala comum, calibre .45 M1 – 1 por Cr\$ 4,30”. Pois é, como eu disse: saiu barato. O anjo da guarda de muita gente se assustou. Isso ocorreu no final de 1963, numa das prontidões do governo João Goulart.

- O ano de 1964 foi bissexto, portanto atípico desde o princípio. Quanto rolo!

- Em 1964, após o Sete de Setembro, alguns alunos foram beneficiados com Relevação de Castigo, tendo em vista o aniversário da Independência do Brasil. Eram contemplados os militares que já houvessem cumprido, na data, pelo menos metade da punição.

PUNIÇÕES DIGNAS DE REGISTRO

Conforme se poderá notar pela “amostragem”, as punições variaram em *quantidade* e *qualidade* com o passar do tempo e nossa conseqüente promoção de bichos a veteranos. Pouca coisa a se registrar em 1962 e 1963, pois a maioria das punições se limitou a transgressões leves, que exigiram, no máximo, uns dias de detenção (D). Muitos LS-2, geralmente por atrasos e descuido com a aparência pessoal – barba, cabelo e uniforme. Separamos algumas dignas de menção. Vamos a elas, com comentários *pertinentes*.

- 18 ago 62: Al 62-136 Machado Neto (ele mesmo, o Vovô); 2 D, “por estar usando cachecol com o 5º A em via pública, no Rio de Janeiro.” Deve ter sido flagrado por um veterano quando dava GP durante as férias e era tão *anjo* que desconhecia o uso do cachecol. Aliás, cachecol no Rio? *Pô*, Vovô, dá *pra* explicar? Por que não usou a pelerine? Pelo menos não transgrediria e estaria mais bem agasalhado. Ah! e até poderia ter usado o cachecol por baixo da gola da pelerine.

- 28 mar 63: Al 62-146 De Almeida; “jogando alimento em seus colegas no interior do Rancho.” Guerrinha de pão, certamente.

- 23 ago 63: Al 62-XYZ; 2 D, “foi público ter-se portado de maneira inconveniente na Enfermaria, quando baixado ao serviço médico, sendo reincidente em faltas desta natureza.” Sabem por que o XYZ foi considerado “reincidente em faltas desta natureza?” Recebera *alta*, anteriormente, por “motivo de indisciplina.” *Alta* da Enfermaria por *indisciplina*, pode? Realmente uma punição inusitada, insólita. Um doente



expulso da Enfermaria por *indisciplina*! Diz ele que foi uma simples guerra de travesseiros. Mas no Posto Médico? Não terá sido na hora da injeção?

- 31 ago 63: Al 62-135 Carvalho; 2 D, "por ter *permitido* futebol no alojamento quando de Auxiliar do Aluno de Dia à 2ª Esquadrilha." Creio que o Carvalho jamais soube o que fosse futebol; permitir, então...

- 13 set 63: Al 62-20 Queiroz; 2 D, "por ter *permitido*, quando de serviço de plantão, jogo de futebol dentro do alojamento." Como se o plantão pudesse, no 2º ano, impedir alguma coisa. E o Queiroz, apesar de vascaíno, desdenhava do esporte bretão: seu jogo era outro.

- 13 dez 63: Al 62-39 Gaia; 2 D, "por ter faltado à parada diária quando de serviço de Auxiliar à 3ª Esquadrilha." O Gaia deve ter ido "aliviar o ventre" ou "drenar o tanque" na hora H, ou então *surtou*.

- 27 set 63: Al 62-97 Nogueira; 2 D, "por ter pulado a janela do alojamento após o fora-de-forma da Revista do Recolher." Só pode ter sido pressa para pegar um lugar na sinuca.

Como se pode inferir, transgressões inocentes, sem quaisquer consequências. Mas havia regulamentos, e tínhamos que cumprir. Ainda bem.

Houve transgressões mais sérias, tratadas com o devido rigor. Exemplo: o "quebra-quebra" na zona, já abordado. Nesse episódio, nossa turma foi vítima, *deu azar*, como diria o "Vinte", mas sobrou *pra* todo lado. Ossos do ofício. Já em 1964 o caldo engrossou. Vamos a algumas punições do tempo de mais antigos da Escola.

- 8 mar 64: Al 62-99 Vita; 4 D, "por ter sido encontrado em um bar da cidade trajando uniforme de Educação Física, contrariando ordens em vigor." O Vita devia estar voltando da Praça de Esportes e resolveu dar uma passada no Mariano. Acertei, Vita?

- 13 mar 64: Al 62-119 Vinhosa; 4 D, "por ter distribuído biscoitos à tropa durante a instrução de Educação Física." *Taí* um ato de caridade não compreendido por quem canetou o Vinhosa. Dar parte de quem alimenta os semelhantes? Tudo bem, o momento não era propício, mas... Valeu a intenção. A propósito, quem teria anotado o Vinhosa? Cara da turma não foi. Se foi, *tava* louco.

- Qualquer dia de 64: Al 62-150 Sales; 2 D, "por ter sido encontrado, quando de serviço de Aluno de Dia ao CA, com os pés em cima da mesa." O zero-último era marrento. Autoridade era com ele mesmo!

Não por acaso as duas próximas ficaram para o final, pois fugiram à normalidade das punições (até parece um contrassenso, pois punição não é algo normal, ou não deveria ser). Hoje recordamos com saudade até fatos como esses, mas há meio século os personagens *tremem na base*, como se dizia.

- 9 jul 64: Al *INCÓGNITO I*; 15 P, "Por ter sido encontrado pela Patrulha na cidade em visível estado de embriaguês alcoólica, sendo recolhido a esta Escola, tendo, porém, tornado a sair por local não permitido, sendo novamente recolhido pela Patrulha, e nesta ocasião tendo faltado com o devido respeito ao comandante da mesma." *Pô*, o *INCÓGNITO I* havia chegado recentemente à Escola, era da turma que entrou em 64. Deve ter *brotado* deste episódio seu apelido. O *INCÓGNITO I* foi fundo. E recalcitrante. Cabra macho! E me pergunto até hoje: havia outra espécie de embriaguês além da *alcoólica*? Vai que o nosso amigo estivesse embriagado por outra razão. Pai-xão, por exemplo. É com você, "*INCÓGNITO P*"!



- 29 out 64: Al *INCÓGNITO II*; 20 P, "por ter dado entrada na Enfermaria em completo estado de embriaguês alcoólica, tendo sido, momentos antes, observado por um oficial superior desta Escola gritando palavrões em via pública..." Penso que o *INCÓGNITO II* devia estar comemorando o resultado da Inspeção de Saúde e se excedeu. Quase levou *aquele torpedo: ficou pendurado, e só lhe restou andar nos trilhos por um bom tempo. Ói* ela aí de novo, a embriaguês alcoólica. Agora "em completo estado", pois geralmente era "em visível estado".

Vamos a uma sequência envolvendo um mesmo aluno:

- 12 mar 64, 4 abr 64, 10 set 64 e 25 set 64: Al 62-101 Leal, "por ter permanecido deitado após o Alvorada"; "Idem anterior": "Idem anterior"; "Por ter, quando de plantão, dormido em seu quarto de serviço." Levou, respectivamente, 2D, 4 D, 4 D e 2 D. Não ficou barato? Fora as ocasiões em que não foi pego dormindo quando não deveria. Um dos apelidos do Leal era GATO DE ARMAZÉM! Quer algo mais apropriado?

Espero que os companheiros citados não se aborream, pois hoje tudo isso é lenda. Alguns já *partiram*, estão "em outra". Sinceramente, devemos ter muita saudade daqueles tempos e acontecimentos. Éramos jovens.

A punição mais recorrente no Terceiro Ano foi a de "acochambração", sem qualquer dúvida. Como se lascaram nossos amigos quando de serviço ao CA ou à Esquadilha! Hoje vejo como *elogio* a aplicação de "tantos P por ter deixado de comunicar falta de aluno da turma à instrução..." Não estou fazendo apologia do golpe, absolutamente, mas a expressão maior da camaradagem é a cumplicidade sem imoralidade, vocês me entendem. *É deixar o seu na reta pra livrar o de um amigo*. Vivíamos no mesmo alojamento, cumpríamos a mesma rotina estafante, éramos submetidos às provas mais duras a todo momento. E nada maculou a moral de quem quer que fosse. Houve exageros de *golpistas*, mas fazer o quê? Emblemática a punição a seguir transcrita:

"Detenção:- A 3.7.1964, por ter trabalhado mal quando de serviço de Aluno de Dia à 1ª Esquadilha, deixando de comunicar faltas de alunos à Instrução de Educação Física em 18 JUN (nº 14 e 39 do Artigo 10 com agravantes dos nº 5 e 11 do § 3º e atenuante do nº 1 do § 2º do Artigo 13, tudo do RDAer, transgressão média), fica deitado por 4 (quatro) dias a partir de 27.6, tendo sido posto em liberdade em 1.7, permanece no bom comportamento." (sic)

"Contemplado (s)": *n* companheiros da turma, tanto na EPCAr quanto na EAer.

Analisando o que se passou naqueles tempos concluo que os artifícios usados por alguns amigos não impediram que se tornassem excelentes profissionais, tanto na vida militar quanto na civil. Houve exceções? Claro. Houve excessos? Sim. Mas no cômputo geral o resultado não poderia ter sido melhor. Não estou fazendo defesa do descumprimento de ordens, do golpe ou de coisas semelhantes, repito, mas a compreensão que tiveram conosco foi reconhecida, e seremos eternamente gratos àqueles que nos ajudaram a trilhar o nosso caminho. Por vezes nos desviamos, mas retomamos o rumo quando imperioso. Uns levaram mais bordoadas, outros menos, mas ninguém deixou de merecer o castigo. A propósito: se tivéssemos sido punidos a cada transgressão cometida muitos não teriam concluído o curso. Esse raciocínio vale principalmente para os Afonsos, quando estávamos mais maduros.



SAUDOSOS MOMENTOS - I



Barbacena - Cidade das Rosas

Instituto Imaculada Conceição



Igreja da Boa Morte



Cabana da Mantiqueira



Jardim da Liberdade





Uma visita ilustre:
dona Zélia, mãe do
Póvoas, e seus
afilhados



→
Sylvio - Japa - Gouvêa - Millan - Nascimento - Narahara - Casado

Sylvio - Madeira - Casado



Cerdeira



Pimenta - Ramos

Osolins - Britto de Mello

Alcoforado - Batalha - Barros



→



Ramos

Sotto Mayor e seu pai



Brandão

Britto de Mello



→

Sotto Mayor
Britto de Mello
Ramos

Brandão
Osolins



Aniversário da Escola - 1962



Hoog

Sotto Mayor

Miglorância

Daemon

Póvoas

Abel

Primeiro Ano - 7 de Setembro



Ten Lara



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Equipe de Basquete - 1962

→

Abel
Rosário
Gaia
Hoog
Bellon



Ten Lara

→

Lopes
Britto de Mello
Soledade
Jordão
Campos

Defesa Pessoal - Demonstração Realizada no Colégio Imaculada Conceição

Tião Baumghart



Treinamento que antecedeu à demonstração.

Dupla formada por Hoog e Almeida
Conta o Hoog que o Almeida atacava na maior
tosquidão, como se o Hoog fosse realmente
inimigo; depois morriam de rir.





Haja Vibração...

Brandão - Ramos - Batalha



Sylvio - Daemon - Martins (Turma 63)



Pimenta - Osolins - Alcoforado - Barros

Acampamento em Cabangu





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Bons Amigos

Acampamento em Cabangu



Futebol de Salão

→

Ten Lara Cmt Esqda
Casado - Galhardo - Maia
Britto de Mello - Narahara
Sylvio - Costa - Póvoas
Rosário - Vinhosa

Praça de Esportes

→

Fonseca - Valle - Daemon
Regnier - Brandão - Tancillo
Pazzini - Jordão - Millan - Pires





Pátio da Bandeira



Cassino dos Alunos



Jardim do Comando



Miglorância recebe visita do seu irmão Luiz

→

Kraemer - Menezes - Chaves

Sá - Lunkes

Falcão - Pazzini - Regnier

Fonseca - Barbosa

Miglorância - Luiz - Pereira

Britto - Caravellas - Cesar

Yedo



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Ano de 1964

→
Gaia



Páscoa dos
Militares

Esteves
Britto
Hoog

Jardim de Alá



Hoog Aragão

Turma da Cenografia Preparando a Cola



Florianos Osolins Alcoforado Wilson Hoog

Marcha de Fim de Ano

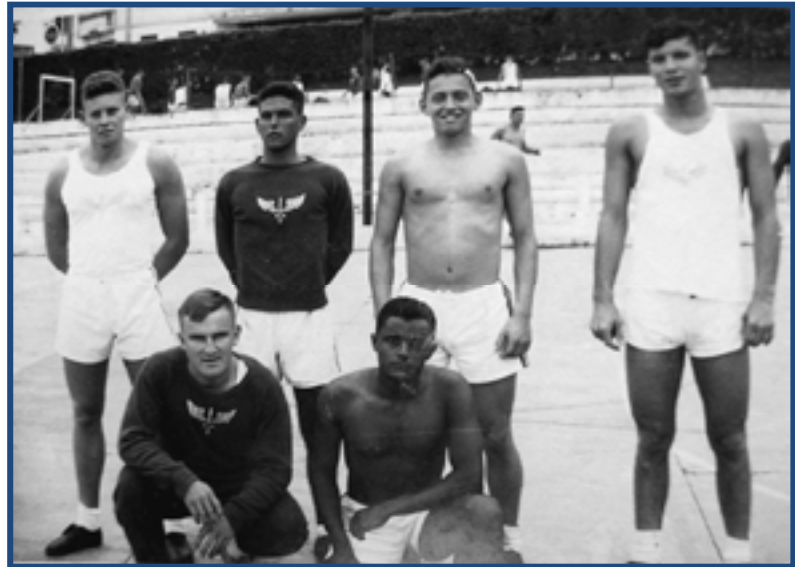


Galhardo Faria Berto Hoog 1S Soares Falcão Vaz-Curado



Kraemer - Soledade - Fonseca - Daemon

"Mens Sana in Corpore Sano"



Pereira - Saboia



Que saudadel...

→

Kraemer

Porto

Ubirajara

Fazenda (Turma 63)

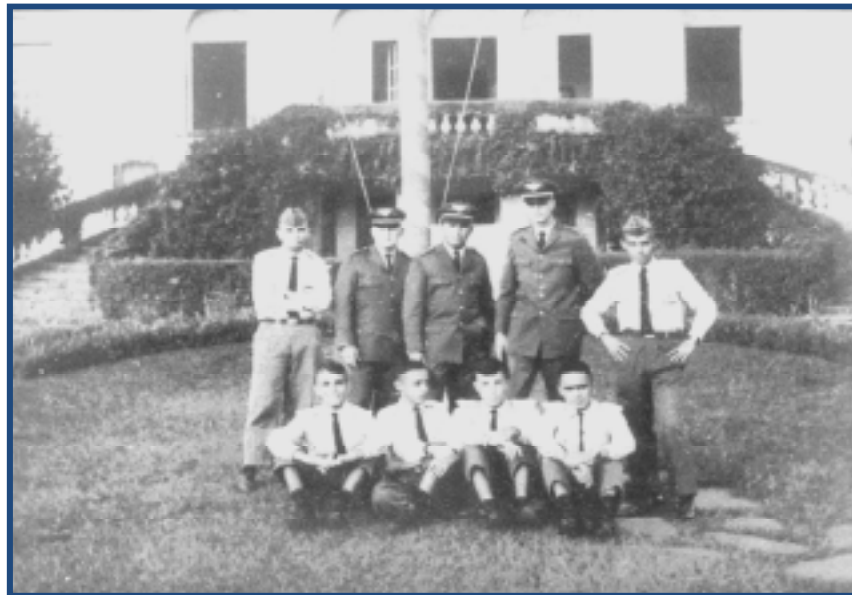
Jordão



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Registrando a História

Cardoso - Pereira - Nunes - Lunkes - Yedo



Seraphim - Millan - Casado - Altair

Treinamento para o desfile de 7 de setembro



PQD'S em 1964 - Marcha de Fim de Ano



→

Santos - Ribeiro Mendes

Pereira - Lunkes

Porto - Paiva Neto

Américo - Floriano

Machado - Campos

Aragão - Marques

Franklin - Barbosa

Caravellas



ESCOLA DE AERONÁUTICA – CAMPO DOS AFONSOS – RIO DE JANEIRO



CORPO DE CADETES DA AERONÁUTICA – 1965 – PRIMEIRO ANO



É isso aí mesmo: 1965 - Primeiro Ano. Não sei qual foi minha esquadrilha, pois mudaram tudo! Mas vamos por partes.

Pensávamos que, chegando em grupo, as coisas seriam mais fáceis para nós. Deslocamo-nos *em forma* da entrada da Escola até o Corpo de Cadetes, todos de 5º A, conforme já mencionado. De veteranos, somente uns poucos ex-alunos da turma de 61, nossos contemporâneos durante 1962 e 1963, em BQ, e alguns *pqd's* incluídos em 1964, todos já cadetes. Não conhecíamos estes últimos. Os ex-alunos de 1960, agora cadetes de 63, ou estavam em Pirassununga, ou lá se apresentariam, em breve, para cumprir a instrução aérea no NA T-6. Havia, ainda, nos Afonsos, cadetes desligados em voo no ano anterior – sempre “eles” a nos recepcionar no Corpo de Cadetes, desde o tempo de candidatos –, os quais aguardavam matrícula no curso de Intendência. Quase todos eram velhos conhecidos, de forma que ficamos surpresos com a recepção. Por quê?



Sexta-feira, 26 de fevereiro de 1965, final da manhã, sol quase a pino. Todos nós de uniforme de passeio, o 5º A RUMAER. Com quepe, evidentemente. Não me lembro quem – provavelmente o Bellon – nos apresentou a um mais antigo qualquer, que poderia ter sido um oficial, e foi autorizado o único ato, durante todo o período acadêmico, do qual jamais terei recordações agradáveis: aquele banho! Uma *excrescência*, para dizer pouco. De frente para o “SE”, de Kipling! E uns *insanos* no andar de cima, a direcionar os jatos d’água para nós. Péssimo início de nova fase na vida militar. E os *insanos* se divertindo.

Aprendi em BQ que o uniforme deveria ser honrado, assim como os símbolos da Pátria. Considerava-se **vilipêndio** qualquer atitude que atentasse contra tais valores. E fizeram o quê? Como se fôssemos um bando de presidiários, aplicaram-nos um *corretivo*. Só que os presidiários, quando submetidos a tal castigo, ficavam nus. Motivos devia haver, nada contra o banho dado com a mangueira dos Bombeiros, mas trajávamos nosso uniforme de apresentação! E estávamos na Escola de Aeronáutica para a *apresentação inicial* (ou, pelo menos, supúnhamos isso). Não creio que a Escola, através de seus oficiais, tenha coonestado aquele absurdo. Só como ilustração: em 1968, quando cursávamos o 4º ano, o Comandante da Escola, cujo nome não vem ao caso, puniu o Oficial de Dia com 10 P por ter utilizado a viatura dos Bombeiros para abastecer de água a Vila dos Oficiais, pois houvera interrupção do serviço pelo concessionário público. Até os meios utilizados no nosso “batismo” estavam em desacordo com qualquer regulamento. Em suma, “agarraram-se a uma mangueira de bombeiros para nos receber condignamente”. Revoltante. A partir daí, o que viria seria festa.

Conforme já citei, só pode ter sido “sacanagem”, não sei de quem, a determinação (terá havido?) de nos apresentarmos nos Afonsos no dia 26 de fevereiro de 1965 para o início de *nada, absolutamente nada!* Explico: era a sexta-feira que antecedia o carnaval do quarto centenário do Rio de Janeiro. Iríamos permanecer na Escola durante o final de semana para qualquer atividade *séria* prevista? Não, já estava definido. Haveria alguma atividade durante a tarde? Bem, houve o que houve, tudo *extraoficial*, embora *eu* continue achando ter havido a participação de *oficial* nos tristes acontecimentos, os quais duraram até as 16h, quando, depois de muita aporriinação, fomos licenciados. *Dá pra acreditar? Chegamos às 11h, revimos nossos **contemporâneos** de BQ, fomos apoquentados até as 16h, quando nos dispensaram com recomendação de retornarmos somente às 8h do dia 4 de março, quinta-feira.* E quem se mandou, de 5º A ainda úmido? Os bananeiras. E quem ficou na Escola, aguentando mais aborrecimentos? Os laranjeiras, *pra variar*. Foi ou não “sacanagem” o ocorrido naquela sexta-feira? De quem? E quem deu cobertura? E estávamos no banho somente os oriundos de BQ, pois os *pqd’s* de 65 se apresentaram posteriormente.

Retorno no dia 4 de março e primeiras novidades, todas ruins, embora já soubéssemos informalmente de alguma coisa. Nosso curso seria de quatro anos, e não mais de três; só entraríamos na fase de instrução especializada no terceiro ano, o que não significava **voar logo no início, ou melhor, significava voar após o segundo semestre do terceiro ano, na melhor das hipóteses**. Aventava-se, inclusive, a possibilidade de o voo ter início apenas no quarto ano. Estas foram as modificações estruturais. Houve outras, conjunturais, a saber:

- a numeração dos cadetes do primeiro ano não seguiu o critério tradicional de classificação obtida em BQ, segundo o qual o Bellon seria o Cad 65-001. Por ironia, nosso amigo foi o portador da tarjeta 65-024, pois do Al 62-58, de BQ, subtraíram os



números dos excluídos, pelos mais diversos motivos, e lhe coube este *emblemático* 65-024. Além de subtrair os números subtraíram direitos de quem sempre foi aluno e amigo exemplar. Ele está acima disso, mas não entendemos até hoje, como não entendemos, também:

- mistura de turmas. Havia quatro alojamentos nos Afonsos. Fracionaram as turmas de forma a colocar num mesmo alojamento cadetes do 1º e 2º anos, além de alunos do 3º ano de BQ, cuja ida para a Escola de Aeronáutica fora antecipada. Por esta razão, não sou capaz de definir a qual esquadrilha pertenci, e vocês me desculpem, mas me referirei ao ano de curso – primeiro, segundo, etc. *Pô*, se pelo menos este “embaralhamento” visasse a facilitar alguma coisa, vá lá, mas não melhorou nada, a começar pelo trote: meu *amo*, cuja cama tive de arrumar por uns dois meses, ocupava outro alojamento, em outro andar e outra ala, o que dificultou “minhas tarefas domésticas”. Pior *pra* quem tinha dois *senhores*: o tempo era exíguo, e um atraso era LS na certa. Mas isso me fez valorizar, antecipadamente, o trabalho de uma *dona de casa* com duas jornadas. Algum luminar deve ter pensado longe.



- não seríamos Cadetes do Ar ou Cadetes Aviadores, mas Cadetes da Aeronáutica. Ficou claro que somente seríamos Cadetes do Ar ou Aviadores quando entrássemos em instrução de voo, sabe-se lá quando. Isso não fez qualquer diferença para nós, e tal designação *não fedeu nem cheirou*, só mudou. Por uma questão de lógica, deveríamos ser Cadetes do Ar, pois havíamos concluído o curso da Escola Preparatória de **Cadetes do Ar**, mas querer lógica, naquela altura do campeonato, era muita pretensão.

Fomos divididos em seis turmas de aula, de acordo com a classificação de conclusão do curso em Barbacena. Como ocupávamos três alojamentos, cada alojamento abrigava duas turmas de aula. Não sei qual a reação do segundo ano – os mais antigos –, mas creio que para eles também teria sido melhor o método anterior, ou seja, “cada bando no seu hábitat”. Bem, a decisão deve ter tido respaldo em estudos de dinâmica de grupo, e os resultados devem ter sido os melhores, mas provisoriamente, porquanto no ano seguinte tudo voltaria a ser como “dantes no quartel de Abrantes”.



Muitos companheiros de BQ debandaram após a divulgação das primeiras modificações, principalmente a referente à duração do curso; ingressaram na Polícia Militar do Rio de Janeiro ou partiram para a vida civil. Permanecem como membros da turma, a amizade construída em BQ não sofreu qualquer abalo.

Antes de abordarmos o nosso dia a dia, um registro; a turma, que em breve passaria a ser conhecida como **Agora Vai**, ficou com 196 cadetes, de acordo com a seguinte composição:

- 99 de Barbacena;
- 28 aprovados em concurso (oriundos, portanto, da vida civil);
- 25 do Colégio Militar do Rio de Janeiro;
- 14 de Barbacena, que fizeram um "toque e arremetida" na AMAN;
- 25 de turmas anteriores, desligados no voo (o autodenominado Quadro-Extra); e
- 5 estrangeiros (todos bolivianos).

Do pessoal do Quadro-Extra um foi excluído e três se matricularam na Escola de Oficiais Especialistas e de Infantaria de Guarda, em Curitiba. Os 21 remanescentes tinham destino certo para 1967: por terem sido desligados do voo comporiam outra turma, na qual cumpririam o curso de Intendência. Fizeram conosco os dois anos básicos de Engenharia, como previa a nova sistemática de formação de oficiais da Aeronáutica. Foram privilegiados, pois passaram a ter duas turmas, a de origem e a nossa, e não levaram trote. Formaram-se um ano antes de nós, em janeiro de 1968.

"OS QUATORZE DO ELETROENCEFALOGRAMA"

Este episódio exige que se citem nomes, até como homenagem a um amigo muito especial da turma e a um oficial general (coronel, à época do fato) da Força Aérea Brasileira.

"RD COLV JJ EPCAR SBBQ 1359/SEC/0903 - De ordem MINIAER VG devem ser matriculados primeiro ano EAER SBAF VG para verificação definitiva do grau de incapacidade para pilotagem militar VG seguintes alunos terceiro ano EPCAR BIPT 62-09; 17; 11; 109; 127; 135; 27; 29; 33; 60; 85; 89; 112; 137; 44; 51; 75; 84; 126; 140; 38; 88 e 64-360."

Dos 23 arrolados acima, 14 voltaram para a Força Aérea. Foram eles, cujos números de matrícula nos Afonsos seguem após o nome:

62-109	Altair Leal	65-145
62-27	José Montgomeri Melo Rebouças	65-146
62-29	Nelson Vitali Pazzini	65-147
62-33	Carlos Ari Cezar Germano da Silva	65-148
62-89	José Luiz Kraemer	65-149
62-137	Celso Pimenta Soledade	65-150
62-44	Carlos Edison dos Santos	65-151
62-51	Luiz Anísio Camarão Chaves	65-152
62-75	Marcos Antônio Gouvêa	65-153
62-84	Airton Duque Estrada Seraphim	65-154
62-140	Roberto Siqueira Hoog	65-155
62-38	José da Rocha Cavalcante Filho	65-156
62-88	Francisco Sales Falcão	65-184
64-360	Ivan Nunes	65-157



Os alunos/cadetes acima identificados haviam sido considerados "incapazes para o fim a que se destinam" por causa do eletroencefalograma, um verdadeiro *carrasco* naquela época, reprovando mais do que os testes de visão, coração e psicológicos. O nosso amigo Ivan Nunes, não se conformando com o resultado, procurou o então Coronel Camarão, da EPCAr, e apresentou seus argumentos para solicitar um reestudo da situação.

Homem de decisão – viria a se tornar uma lenda na Força Aérea –, o Coronel Camarão determinou, após contatos com os órgãos competentes, o aproveitamento dos alunos mencionados, o próprio Ivan Nunes entre eles. A medida mostrou que o coronel estava certo, assim como o Ivan Nunes: todos, com exceção do Gouvêa – vítima de acidente de carro em meados de 1968 –, saíram oficiais, sendo seis aviadores e sete intendententes. O Ivan Nunes foi selecionado para a caça, a exemplo de mais dois.



NOSSA HOMENAGEM AO IVAN NUNES, CARINHOSAMENTE CHAMADO NUNOCA, E AO TEN. BRIG. JOÃO CAMARÃO TELLES RIBEIRO, UM AUTÊNTICO HERÓI DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA DE TODOS OS TEMPOS.

Apesar da recepção *molhada* com a qual fomos *distinguidos* e da tarde de exercícios físicos, um dos quais com o *auxílio* do saco de lona cheio sobre as costas, a vida seguiu seu rumo, e teríamos o prazer, alguns dias depois, de manter contato pela primeira vez com novos companheiros, que se tornariam grandes amigos. A turma foi enriquecida com mais 58 cadetes: 25 vindos do Colégio Militar, 28 oriundos da vida civil e 5 bolivianos. Talvez alguns tenham participado do banho, e se o fizeram não devem ter ficado *pedavida* como o pessoal de BQ, pois o banho em si foi suportável, inconcebível foi o descaso com o uniforme. Como eles não usavam ainda o uniforme, tudo passou batido.

Impressionou-me a desenvoltura do Ritzel (Neneco): circulava pela Escola como um veterano. Sempre sorridente, não se mostrava contrariado em hipótese alguma. No início, julguei que fosse do 2º ano, tal o seu desembaraço. Efeito de ter chegado antes e já estar *amaciado*.

Outro "civil" plenamente identificado com a nova vida: o Cecconi. Quando percebi que era chamado de "Tarzan" não tive dúvidas: *bicho*. O apelido não casava com a configuração física do Cecconi, era uma afronta ao herói do gibi, só podia ter sido *sacanagem* de veterano.

O pessoal do CM também estava à vontade, mostrava familiaridade com os mais antigos, e isso deve ter sido resultado de convivência anterior. Eram todos do Rio, estavam em casa, portanto.

Os bolivianos foram "poupados", pelo menos eles. Também pudera: vir de outro país *pra* ficar suportando trote ninguém merece, a não ser que um "patrício" tenha feito *as honras*.

Dos matriculados cuja origem era BQ seis pediram desligamento já na primeira semana, reflexo das mudanças introduzidas no curso. Nosso comandante de esquadilha – ou ano, tanto faz – foi o Tenente Napoleão, oficial vibrador e amigo.



ROTINA DO PRIMEIRO ANO - 1965

O Alvorada ocorria às 5h30, principalmente por causa da instrução de voo do 2º ano. No começo, criávamos atividades para preencher a folga, mas em breve seria instituída a Educação Física, que se estenderia até o café de manhã, às 7h. Aulas das 8h às 11h45. Retornávamos para o alojamento, *alijávamos* o material escolar e íamos à Parada, quando era trocada a equipe de serviço. Às quartas-feiras, canto do Hino Nacional. Da Parada aproveitávamos o *bonde* e íamos direto para o almoço. A partir das 13h15 Instrução Militar, em sala de aula ou no pátio, a céu aberto, o sol castigando sem dó. A última instrução do dia era, geralmente, Educação Física. Jantar após o arriamento da bandeira, às 18h, e ceia às 21h. Silêncio às 22h.

Nos finais de semana e em feriados, o Alvorada era opcional, às 7h. Aos sábados eram feitas as provas de segunda chamada.

Havia três sessões de cinema para os cadetes: segundas e quintas-feiras, às 19h, após o jantar, e domingos, às 10h, quando compareciam civis e familiares de oficiais. Ficou célebre uma frase: "Focaliza, *Bode!*" *Bode* era o operador do equipamento de projeção, tenho certeza de que todos se recordam dele e da frase.

Os telefones da Escola eram *movidos* a manivela, lembram-se? Uma dificuldade conseguir ligação, ainda que local. Interurbano, então, era um sacrifício, fora a *peruação* em determinados horários. As linhas "disponíveis" para o Corpo de Cadetes: 517, 577, 1034 e 777, esta para interurbanos.

Às sextas-feiras havia licenciamento às 16h, precedido de formatura, quando se fazia uma revista de uniforme. O *bananal* então encarava o Cascadura-Bangu e depois o trem da Central, após o que cada um seguia seu destino. O retorno aos Afonsos era mais fácil (apesar de alguns veteranos inventarem uns malabarismos para serem praticados dentro da composição - o homem-morcego, por exemplo): não precisavam fazer a baldeação em Cascadura, pois o trem os deixava dentro dos Afonsos. Era um *pé no saco* para nós, laranjeiras, ficar ouvindo, após as 23h, alguns



companheiros contando vantagens ou discorrendo sobre as *aventuras sexuais* e os *recordes obtidos*. Tenho certeza de que um nome veio à mente de quase todos, e não será preciso identificar o *atleta sexual máximo* da nossa turma. Ele não mudou nada! Ainda hoje, quase aos setenta, faz autoexaltação de seu desempenho. Tem história o nosso amigo.

Conforme já abordado, fomos distribuídos em seis classes de aula, e quanto ao pessoal de BQ foi observada a classificação do término do curso na EPCAr. Pergunto: não teria sido mais coerente adotar-se a numeração de cadete a partir do mesmo critério? A coisa aconteceu há 47 anos, mas a estranheza perdura; afinal, que seja do meu conhecimento, para todas as turmas anteriores e posteriores à



nossa adotou-se aquele critério. Quanto aos demais cadetes, desconheço o sistema observado, mas houve equilíbrio no potencial de cada sala de aula.

Por falar em *sala de aula*, e a exemplo do que fizemos em relação aos professores de BQ, estas foram as disciplinas estudadas no primeiro ano dos Afonsos: Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica, Geometria Descritiva, Física, Expressão Oral e Escrita, Língua Estrangeira (Inglês) e Química.

Cálculo Diferencial e Integral e Geometria Descritiva *proporcionaram* uma sadia e não declarada competição entre os cadetes de BQ e os do CM, aqueles levando vantagem no Cálculo, e estes na Descritiva. Alguns amigos ainda hoje se queixam de certas gozações, mas aquela disputa só fez ajudar na integração e no relacionamento do pessoal.

Como estamos abordando disciplinas, lembrem-se de um teste de Expressão Oral e Escrita em que o professor – cada um que pense no seu (do professor) nome – *pagou* um título para redação e *tascou* um *rotundo zero* em mais de noventa por cento do pessoal, alegando “fugiu ao tema”? Graças à parte da Gramática a média ficou, naquela prova, lá pelos 3 (três mesmo!). Isso levou ao exame final (*recupera*) a grande maioria da turma. O tema? Não sei, pois não se deu um tema, e sim um título, A MEMÓRIA DAS AREIAS, ou por aí. *Pô*, com este título vale qualquer enfoque. Imagino, até, companheiro descrevendo peripécias sexuais nas praias do Rio; se usou medianamente o vernáculo por que atribuir-lhe grau zero? E o professor não deu guarida aos pedidos de revisão das provas: manteve o grau (zero, claro!).

O zero, como *nota*, tem história. Lembrem-se de como apareciam os graus na divulgação dos resultados? Se o cadete obtivesse nota 8,50, por exemplo, em qualquer disciplina, vinha lá, em número e por extenso, “8,50 (oito vírgula cinquenta)”. Grande problema: o 0 (zero). Como era grafado? Inesquecível! “0,00 (zero vírgula zero zero)”. Na verdade não era grau, mas “carroção”. Gerava muita gozação, tendo sido cunhada a expressão **massacrei o mestre** para os companheiros contemplados com a *preciosidade*. Não foram poucos os “zeros” dos Afonsos, em contraste com o Estudo Dirigido de BQ, onde “zero” era aberração. Mas isso tem explicação, como tudo na vida, e não vem ao caso.

Diferentemente de BQ, na Escola de Aeronáutica era rotineiro o movimento de aeronaves em evoluções sobre o Campo dos Afonsos. Começaram, então, a despontar os “vibradores”, geralmente do sul e do nordeste, que se dedicavam ao “voo mental”. Volta e meia se podia ver o Ritzel, o Bosco e muitos outros na nacele de um T-22, “pilotando pra valer”.

No final de maio havia as competições internas, que duravam duas semanas. No segundo semestre ocorria a NAVAMAER, que envolvia os cadetes das três forças armadas e também se estendia por quinze dias. Época festiva, muita camaradagem, apesar do clima de disputa. Cada Escola tinha sua madrinha. A Aeronáutica jamais havia





sido campeã da NAVAMAER, pois o Exército, mercê de seu efetivo, levava quase todas, cabendo à Marinha umas poucas conquistas. Isso, ou seja, nosso jejum de títulos, teria fim em 1968, se estou certo. Depois, tome de jejum de novo. Desconheço como estão as coisas atualmente, mas o que mais importa não é um título, e sim o conagração, a integração promovida pelos cadetes das três forças singulares. Bons tempos.

No mês de julho dois eventos muito aguardados: o recebimento do Espadim, símbolo do cadete da Aeronáutica, e a dispensa para gozo de férias.

A cerimônia do Espadim era precedida de treinamentos exaustivos. Quem não se recorda de ter anotado, em "uma cola", a sequência dos passos, *direita, esquerda, meia volta volver para o deslocamento autocomandado?* Tudo para que no dia da entrega formássemos a figura do "sabre alado". Era – e prossegue sendo – uma formatura muito bonita e significativa.



O nosso Espadim ocorreu em 10 de julho de 1965, como previa a tradição. Dizem que no início daquele sábado, primeiras horas da manhã, o céu era de *brigadeiro*, ou seja, azul e sem nuvens, e assim permaneceu até a chegada do pai de um amigo nosso quando está-



vamos aguardando o momento de realizar as evoluções treinadas. O cidadão portava um guarda-chuva, segundo as más línguas. O que aconteceu depois todos sabemos, pois nos atingiu em plena formatura: desabou aquele aguaceiro, pior que o de BQ por ocasião do treinamento para o juramento à Bandeira. E com agravantes, pois em BQ era tão somente um treinamento e usávamos o

10º, e no Espadim era a cerimônia oficial e trajávamos o uniforme "de gala"; em BQ não havia convidados, nos Afonsos estavam nossos parentes e namoradas, além de amigos e convidados. Muita gente se molhou, mas a responsabilidade foi da natureza.

A cerimônia teve sequência normal, não seria qualquer *toró* que empanaria nossa festa. Ficou a marca do guarda-chuva que o pai *d'Ele* trazia pendurado no braço, mas houve exageros: o céu do início da manhã não era lá tão radioso quanto cantado por companheiros, uma chuva não estava descartada, e vários convidados se





faziam acompanhar de seus "guarda-chuvas". Injustiça, então, canalizar para um inocente cidadão a responsabilidade pela precipitação pluviométrica naquela manhã! *Pra ser prático, só me preocupei com minha madrinha, que se havia deslocado de São Paulo no dia anterior e poderia ficar seriamente doente após o temporal; era minha avó e estava com 93 anos. Mas ela gostou! Só não entendeu a razão de "termos de fazer aquela marcha toda para formar uma 'asinha', poderíamos ter ficado no 'retângulo', o do início, pois os resultados seriam os mesmos".*

Nossas férias deveriam ter início após o Espadim, mas foram adiadas para a semana seguinte e, novamente, para a semana seguinte (?), de forma que só fomos liberados em 23 de julho, com retorno à Escola previsto para 1º de agosto.

No segundo semestre já tínhamos certa intimidade com os professores, tudo muito respeitoso. No início do ano o relacionamento se caracterizou pelo formalismo, apesar de alguns mestres procurarem quebrar barreiras a seu modo. Para citar apenas um caso, lembro o professor de Geometria Analítica, apologista de Auguste Comte e seu "Positivismo." O mestre – general Liberato, se estou certo quanto ao posto e ao nome – nos surpreendeu nos primeiros contatos com suas reações inusitadas. Bastava um cadete levantar o braço, sinal de dúvida, que ele, de pronto, dizia: "Eu deixo!", e não deixava nada, seguia dando a aula. Se o cadete tentasse prosseguir era interrompido: "o cadete tem sempre razão", e continuava sua explanação. Lanço um desafio: algum companheiro conseguiu expor qualquer dúvida de Geometria Analítica ao mestre? E ele tinha seus "adjuntos", recordam-se? Creio que o Lunkes e o Bellon foram dois dos *eleitos*.



Os graus, então, eram uma loucura! Amigos que juravam ter feito prova *pra* 10,00 (dez vírgula zero zero) recebiam um "miserô" 8,00 (oito vírgula zero zero), segundo notação dos Afonsos. Cadetes que não esperavam nada além de um 4,00 (chega!) eram contemplados com um 9,00! E todos foram aprovados, além de terem assimilado boa parte do conteúdo previsto.

Uma de suas máximas: "O cadete não mente jamais!" E complementava: "Se um cadete me disser que vai chover, abro meu guarda-chuva imediatamente!" Não sei se ele esteve presente na festa do espadim.

Conta-se que em determinada turma, no início do ano, ele sugeriu tirar fotos com o grupo e sentenciou: "Tragam a máquina, e estarei com o filme." Pois não é que, ao final do curso, um gaiato qualquer trouxe uma máquina e *desafiou* o professor? "Mestre, vamos tirar uma foto?" A reação foi imediata: enfiou a mão no bolso, sacou um filme e exclamou: "Eu estava esperando isso desde o princípio do ano. Vamos à foto!" Se é simplesmente folclore não sei, mas do professor Liberato podia-se esperar tudo. Perguntem aos amigos da Agora Vai que ficaram em "recupera" e foram "visitá-lo" em sua casa na véspera da prova, no final de 1965. E tome de papo sobre o seu barco, que alguém até se dispôs a pintar. O Mendes tem detalhes do episódio.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Se em Barbacena havia o *show* dos alunos, nos Afonsos o espetáculo era só *pra maiores de dezoito anos*: Teatro de Revista mesmo! Novidade para a maioria. Os oficiais normalmente ocupavam a *fila do gargarejo*, afinal "antiguidade é posto" para os militares. Hilariantes as gozações que Costinha, Colé e Cia. aprontavam *pra cima* de todos, sem exceção. As vedetes, então, esbanjavam *saúde e espontaneidade*, pois o público não saíria dos limites. Após o *show* um ou outro companheiro se aventurava a uma *cantada*. Alguns contavam vantagens. Se era verdade ou não só eles sabiam. Sonhar não custava nada. E continua não custando.



Em agosto tinham início os treinamentos para o Sete de Setembro, concorridíssimo nos anos 1960. Eram momentos de intensa vibração aqueles passados na Avenida Presidente Vargas. O povo afluía em massa. Muitos estudantes participavam, fosse do desfile propriamente dito, fosse como assistentes.



Após o desfile havia dispensa, um licenciamento de poucos dias. E mesmo não havendo a folga, no dia seguinte não havia expediente na Escola. A exemplo de BQ, logo depois o célebre elogio: "... por ter desfilado com garbo..." Isso aconteceu nos quatro anos de Afonsos, sendo que num deles fomos desfilarmos em Brasília.

A rotina do *laranja*, nos finais de semana, era bem mais *adubada* do que em Barbacena, embora em parte fosse semelhante – no tocante à utilização da piscina e à prática de esportes. O Rio oferecia muitas *atrações* aos cadetes, uma das quais o Maracanã: juntavam-se vários compa-



nheiros e tome de futebol nas tardes de sábado ou domingo, principalmente quando as competições envolviam times de outros estados ou clássicos cariocas. Uma atração à parte: Flamengo e Vasco; o *Maraca* ficava lotado.

Alguns amigos tinham compromisso sério com moças do Rio e só voltavam à Escola para pernoitar. Outros arranjavam *compromissos não tão sérios* nos bares da moda – um dos quais o *Amarelinho*, na Cinelândia – e por vezes nem pernoitavam nos Afonsos.

Programa infalível aos domingos: as vesperais dançantes no Cassino do Corpo. Interessante que alguns oficiais, não raro o próprio tenente de serviço, davam umas *bordejadas* pelo ambiente, logicamente para *verificar* se estava tudo *dentro dos conformes*. Mais interessante ainda a frequência aos limites *externos* e não *expostos* da Biblioteca naquelas tardes: muita gente tirava o *atraso na leitura*, e não entendi como conseguiam conciliar a *música* e a *literatura* ao mesmo tempo (a música era, obviamente, popular, geralmente agitada, e não predispunha à meditação). Mistério que só os companheiros podem desvendar.

O ano letivo se encerrou na terceira semana de dezembro, e com certeza ficou marcado, para nossa turma, pelo recorde de cadetes em *recupera* na disciplina Expressão Oral e Escrita – ou Português, como queiram. “A memória das areias” deixou marcas, assim como o professor responsável pelo *zero em massa* na redação.

Antes do Aspirantado do pessoal de 60/BQ o Bellon assumiu o estandarte da Escola de Aeronáutica, que lhe foi passado pelo Ono, cuja turma seguiria para Pirassununga. Voltaríamos no ano seguinte, 1966, para dar continuidade à saga da AGORA VAI, já com essa designação. Ou não?





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

1966 - SEGUNDO ANO

Retornamos aos Afonsos em 25 de fevereiro de 1966 para cumprir o segundo ano. A exemplo do que acontecera em 1965, não deu *pra entender* o motivo de termos de nos apresentar numa sexta-feira, pois o Corpo de Cadetes estava passando por uma "faxina". Fomos alojados provisoriamente até o dia 2 de março, quarta-feira, quando nos licenciaram, com reapresentação prevista para dia 7, segunda-feira. O comandante seria, em princípio, o tenente Mello, *ele mesmo*. Depois veio o Cap. Monteiro. Embora já estivesse decidido que nosso alojamento seria *só nosso* – e não mais compartilhado, como no ano anterior –, foi difícil definir qual deles seria destinado à nossa turma. Deu tudo certo.



No início do 2º ano do CFOAer – é isso mesmo: Curso de Formação de Oficiais da Aeronáutica – éramos 179 cadetes brasileiros, incluídos os 21 do *Quadro-Extra*, e cinco bolivianos (Cabrera, Bejar, Torrico, Chacon e Barrientos). Houve, portanto, desligamentos durante 1965, e todos a pedido. Os efeitos das mudanças inseridas no sistema de formação continuaram a se fazer sentir.

As aulas somente tiveram início no dia 15 de março, e as disciplinas ministradas seriam: Cálculo Avançado, Eletricidade e Eletrônica, Mecânica, Mecânica dos Fluidos, Termodinâmica, Expressão Oral e Escrita (Português) e Língua Estrangeira (Inglês), cujo professor nos ensinou os primeiros termos utilizados em aviação. O titular de Termodinâmica, não sei se coronel ou general da reserva, era oriundo do Colégio Militar e tinha uma particularidade: ao divulgar o resultado da prova dividia os cadetes pelos graus obtidos: *o pessoal do milho, o da alfafa e o do capim*. Provavelmente suas raízes estivessem na cavalaria. Fazia isso de um modo não ofensivo, a turma se divertia e se empenhava para sair do capim. Bons tempos. Como isso seria visto hoje? A *patota* dos direitos humanos não aprovaria e, pior, botaria a boca no trombone. Bem, *pra* quem nada tem a fazer resta, mesmo, a retórica, nada senão a retórica.

Com as primeiras provas teve início a fase do "Monstro", penso que todos se



lembrem do significado disso. Não vamos entrar em detalhes, limitemo-nos a registrar a paródia a A Banda, de Chico Buarque:

Estava à toa na vida,
O meu *amor* me chamou
Pra ver o *monstro* passar,
Com o *gabá* de *Eletrô*.

Não me lembro do resto, e não é preciso nem conveniente lembrar. O *monstro* tem história, basta dizer isso. E *amor*, no segundo verso, era outra palavra, às vezes o nome de um professor, às vezes o de um companheiro de turma.

Como éramos os mais antigos da Escola – o terceiro ano estava em Pirassununga –, a Sociedade dos Cadetes teve como presidente o Andrade Neves, eleito após acirrada disputa com o Galhardo. Esteve, a Sociedade, em excelentes *mãos*, como estaria se o Galhardo tivesse vencido o *pleito*; ambos se destacaram na defesa dos interesses do Corpo de Cadetes.



Nas disputas internas finalmente fomos campeões, mas pudera: com os reforços do pessoal do CM e dos civis, além da experiência adquirida em BQ e no primeiro ano dos Afonsos, seria zebra se não ganhássemos! E no futebol de campo teve até gol de goleiro na partida contra o terceiro ano de BQ, uma verdadeira seleção. Essa partida tem história, e mesmo companheiros nossos, atletas da equipe, admitem ter havido acontecimentos extracampo que influenciaram no resultado final.

Trote não houve, com certeza. O resultado? *3x2 pra gente, lógico!* Registre-se: não foi o futebol o fator determinante da nossa vitória na competição interna, mas o conjunto de todos os esportes.

Por falar em futebol, houve a copa de 1966 na Inglaterra. O Brasil foi eliminado na primeira fase, após vencer a Bulgária por 2x0 e perder para a Hungria e Portugal, ambas as partidas por 3x1. Já estávamos mal-acostumados e dependentes demais de uns poucos jogadores. Garrincha, com todos os problemas, jogou sua última copa do mundo, e aquele futebol *moleque e irreverente* que o caracterizou deixou saudade.



Na competição com as outras escolas militares – Naval e AMAN, gerando a NAVAMAER –, não mais contávamos com o pessoal do terceiro ano. Devemos ter ob-



tido o segundo lugar na contagem final dos pontos, mas o resultado, apesar de muito valorizado, dava lugar a uma grande camaradagem ao final das disputas, que aconteciam não somente nas dependências das Escolas, mas também nos clubes do Rio de Janeiro. Lembro-me do Tijuca nos recebendo para partidas de basquete e vôlei, do Fluminense "hospedando" a natação, do Flamengo abrigando o futebol, etc.

Nossa madrinha nesse ano foi Valentina Godói, um "show" de vedete. Desfilou com a nossa equipe na abertura das competições. Conta-se que houve uma espécie de *rifa* para decidir seu *companheiro de apresentação*. Não me recordo do evento, mas consta ter sido o Leal o feliz ganhador do *sorteio*. Diz a lenda que o sorteado foi um *bicho*, mas... O "gato de armazém" tinha muita sorte, e também *se ajudava, procurava os caminhos com persistência*.

A madrinha da Escola Naval era a Rosemary, belíssima cantora, em todos os sentidos. Ainda hoje faz sucesso no meio musical.

Disputa à parte envolvia os hinos das escolas, os três muito bonitos. Era *arrepiante* ouvir e cantar o "Bandeirantes do Ar", mais conhecido como "A Esquadilha". Se houvesse um concurso para se decidir qual o mais "guerreiro" e empolgante, sem dúvida ganharíamos, e não somente por causa da nossa opinião, mas o público civil se envolvia com o cântico "A esquadilha é um punhado de amigos, a vibrar, a vibrar de emoção... Nós somos da Força Aérea Brasileira..." Seu autor, Luiz Felipe Menezes de Magalhães, compôs também o hino da Naval. Curioso: Luiz Felipe foi cadete da Aeronáutica e Aspirante da Marinha (equivalente a cadete). Deixou a vida militar como Capitão de Corveta (ou Fragata) e se dedicou ao mundo do entretenimento, tornando-se um empresário de sucesso no ramo. Manteve a ligação com a caserna, onde fez incontáveis e sinceros amigos.

No segundo semestre novas especulações sobre a instrução de voo. Aventava-se a hipótese de irmos para Pirassununga no início de 1967, e isso não ocorreu. Certos *bizus*, apesar de jamais se terem concretizado, nos ajudaram a encarar a realidade de um modo mais tranquilo, menos impaciente, e o voo ainda era a prioridade da maioria.

Outro boato recorrente dava conta de viagens de T-21/T-22 para os cadetes do 2º ano, incluindo pernoites fora de sede. Seria uma excelente oportunidade para a ambientação com as aeronaves do nosso estágio primário. Até onde sei, jamais houve tais viagens. Houve, isto sim, um voo sobre o Rio, num fim de semana, e nem posso assegurar que todos os companheiros tenham participado do evento. Foi, todavia, uma iniciativa adequada, deu-nos novo impulso, colocou um pouco de combustível no tanque da vibração, já no reserva.



Como veteranos absolutos nos Afonsos passamos a enfrentar os mesmos problemas do 3º ano de BQ: escalas de serviço de Cadete de Dia ao Corpo e Cadete de Dia ao Segundo Ano. Paralelo quase perfeito, com uma diferença sutil, porém fundamental e altamente benéfica: o pessoal chegado a um VI, em BQ, geralmente era do Rio, e já estávamos no Rio, de modo que os efeitos eram minimizados para a equipe



de serviço, embora continuassem existindo. E as saídas durante os dias de semana não geravam preocupações, pois a maioria era autorizada. Havia exceções: alguns amigos já estavam com família *quase* constituída, e isso demandava passar a noite fora. Quando a noite se encontrava com o *dia* e era hora de retornar para o *dia a dia* da Escola (não é jogo de palavras!), a coisa pegava, tanto para o amigo quanto para o cadete de serviço. Se já houvesse o *celular*, tudo seria mais fácil, mas como registramos no início da abordagem da fase Afonsos, telefonar era um sacrifício.

Por falar em escalas de serviço, nos finais de semana havia uma *disputa entre os laranjeiras por um lugar na mesa do Cadete de Dia ao Corpo*. *Dá pra acreditar?* Bem, as refeições eram balanceadas, cobriam as necessidades básicas em proteínas, carboidratos, sais minerais, etc., mas sempre havia algo diferente para a equipe de serviço, ainda que fosse um *ovo frito e uma... laranja!* Repito: *dá pra acreditar em cadetes laranjeiras disputando lugar por causa de uma laranja e um ovo frito?* Isso gerou muitas brincadeiras entre os próprios laranjeiras, e os bananeiras se divertiam, alguns até se disporo a melhorar nosso cardápio de fim de semana. Ah! e se criou uma escala quase paralela à de serviço: *a dos laranjeiras que comporiam a mesa do Cadete de Dia aos sábados e domingos*. Juro que não é imaginação e só não cito nomes *pra* não criar constrangimentos.

No campo político o Presidente do Brasil, Castello Branco, promoveu, no início do ano, as eleições indiretas para governadores. Em outubro Costa e Silva, cuja candidatura à Presidência havia sido lançada no final de 1965, foi eleito pelo Congresso Nacional. Tomaria posse em março de 1967.

Os festivais da Record faziam sucesso, e Chico Buarque ganhou o de 1966 com *A Banda*, que inspiraria uma paródia aos cadetes da nossa turma em alusão ao "monstro", conforme já abordado. Sem mais palavras.

Os *Beatles*, que haviam surgido no cenário artístico mundial no início dos anos 1960, apareceram pela última vez juntos num "show" nos Estados Unidos. Apesar da "dissolução" da banda, a fama do quarteto não se abalou, e alguns componentes se "aventuraram na carreira solo". Enfim, só fizeram acumular mais sucesso e **muito mais dinheiro**.

Em 1966 surgiu a minissaia, uma "explosão", e os cariocas sempre se destacaram nos movimentos ditos "de vanguarda". Quanto às *cariocas*, não lhes ficavam atrás, e quer melhor motivo do que a minissaia para a autoafirmação "vanguardista" das moças do Rio de Janeiro naquela época de ouro? Quer melhor meio *pra* mostrar o que é belo? Como dizia o professor "Quincas P.D.", em BQ: *Apreciar o belo é sublimar a vida!*



A Escola se preparava com afinco para as festividades da Semana da Pátria, e o ponto alto era o desfile na Presidente Vargas (você não devem estar entendendo nada, mas já voltaremos à minissaia).

No dia do desfile, madrugada ainda, embarcávamos no trem que nos levaria dos Afonsos à Central, de onde seguiríamos para a área de concentração. Havia umas paradas



intermediárias para o embarque das estudantes, que compartilhavam do mesmo transporte. Formava-se, então, um quadro no mínimo curioso: de um lado do vagão os cadetes, com seu uniforme de gala e os inseparáveis apetrechos de desfile (cada um dê tratos à bola), e do outro, em frente, sentadas, aquelas moças lindas, ainda meio sem jeito nas minissaias, tentando encobrir aquilo que a criação de Mary Quantt veio para mostrar e pôr em evidência. É preciso dizer o quê?

Usar minissaia num trem de cadetes gerava uma espécie de "tributo", sob a forma de uma incontida admiração. Mesmo "sem jeito", as estudantes se sentiam valorizadas, sem dúvida. Percebia-se certo desconforto somente no início da viagem, mas antes do desembarque tudo já se tinha acomodado.

Após o desfile havia dispensa, um licenciamento de poucos dias. Ainda que não houvesse a folga, no dia seguinte não havia atividades de rotina para os cadetes, conforme já abordado. A exemplo de BQ, alguns dias após o Sete de Setembro o indefectível elogio: "...por ter desfilado com garbo..." Fica aqui uma sugestão, talvez desafio: procurem em suas alterações esses registros. Muitos vão se espantar, pois devem ter sido elogiados mesmo sem ter desfilado (sim, porque *golpista* que se preza enforca até a data máxima da Pátria!).

1966, ano de acontecimentos ligados a manifestações de cunho contestatório no mundo todo. Teve início, em Xangai, a "revolução cultural" chinesa. Nos Estados Unidos a população de Washington-DC protestou contra a guerra do Vietnã. Em meados do ano fracassaram duas tentativas cubanas de implantar uma guerrilha na Venezuela. Em setembro começou a circular, na China, o Livro Vermelho, de Mao. Em novembro Che Guevara voltou à América Latina, embrenhando-se nas montanhas bolivianas, onde seria assassinado um ano depois.

Foi abordado o assunto "viagens" de cadetes em aeronaves T-21/22, mas a única de que me lembro aconteceu na segunda quinzena de novembro, e não foi de T-21/22, mas de C-47. Alguém se lembra do C-47 dos Afonsos, famoso por tantas missões? Ele mesmo: o



2013! Houve uma solenidade em Montevideu - Uruguai a partir de 18 de novembro, e dela participaram cadetes de outros países. Da Escola de Aeronáutica foi a Guarda de Honra, composta por quatro cadetes da nossa turma e três do primeiro ano. Foram, também e principalmente, alguns oficiais, como o Ten. Land - oficial mais moderno da Escola e Porta-Bandeira -, o Cap.

Monteiro, comandante da nossa Esquadrilha, e o Ten. Cel. Carvalho, comandante do Corpo de Cadetes. Da turma: Bellon, Miglorância, Kraemer e Ferreira (o *Cara*).



A missão foi inesquecível para todos, e por diferentes motivos. Choveu o tempo todo a partir do través de Florianópolis na ida, e na volta desde Montevidéu até o Galeão, onde pousamos às 23h (nem foi possível o pouso nos Afonsos). Os eventos em Montevidéu foram muito agradáveis e, salvo engano, era a primeira vez que pisávamos terras internacionais. Bem, cada um pode acrescentar suas experiências puxando pela memória. Vale aumentar o sucesso e/ou diminuir o fracasso, nada será cobrado.

O 2013 seria acionado em várias outras oportunidades, na quase totalidade das vezes em circunstâncias normais e até felizes, mas em 1968, julho, início do mês, inverno rigoroso...Tudo a seu tempo.

Entramos em período de férias escolares a partir de 17 de dezembro, com retorno previsto para 26 de fevereiro de 1967, ano atribulado, sob todos os aspectos, e decisivo para a AGORA VAI.



1967 - TERCEIRO ANO

Nosso ano "letivo", em 1967, começou em 27 de fevereiro. *Pra variar*, o laranjal chegou uns dias antes; o retorno do pessoal do sul e do nordeste era determinado pela disponibilidade de transporte aéreo, como já registrado na fase BQ. Nada mudou nesse aspecto, a não ser uma ou outra *peruação* bem sucedida. Os cariocas sempre chegavam no dia apazado, nem antes nem depois. As indefinições que nos aguardavam eram as de sempre: alojamento, pavilhão de aulas, começo da instrução especializada relativa ao voo e o principal, o voo propriamente dito. Voltamos a ocupar beliches, mas isso era o *de menos*, a não ser os mosquitos *a mais*, pois a adaptação dos mosquiteiros se tornava complicada para o pessoal do leito de baixo. Detalhes.





As disciplinas a serem “enfrentadas” na Instrução Científica: Aerodinâmica, Direito, Economia, Técnica Administrativa, Geografia Política e Econômica, História Militar, Espanhol, Inglês, Sociologia e Estatística, esta última por pouco tempo, mas cujo titular deixou marcas, no bom sentido: jovem, expansivo, demonstrava habilidades incomuns (que iam muito além da matéria ensinada), como escrever de baixo *pra* cima, da direita *pra* esquerda, do contrário, fazendo operações matemáticas ao avesso e o *diabo a quatro*. Era uma *figuraça*, como se diz hoje, ou uma *peça rara*, naquele tempo.

O professor de Espanhol usava poemas nas aulas. Um deles dizia: “Brasero de pedrerías, ilusión del pobre; mirándote tenemos las pedras preciosas...” Perdão pelo espanhol mambembe, apesar de não estar excluída a hipótese de eu ter escrito corretamente, tudo é possível. O Bezerra até hoje, quando nos encontramos nos almoços de turma, lembra do “mirandote” (ele tornou a palavra paroxítona e a associa a um veterano nosso).

Com certeza todos se lembram do mestre de Direito: Paulino Jacques – JOTA A CÊ QUÊ U Ê ESSE! Esse era o seu nome, e a soletração do “Jacques” a ele se incorporou.

Cada qual tem suas próprias lembranças, e para alguns devo estar “falando grego”, pois lembram-se de outras coisas. O fato é que todos os mestres deixaram excelentes recordações, mesmo aquele que no primeiro ano tascou o 0,00 (zero vírgula zero zero) na redação de 90% da turma na terceira prova de Português, a das “Memórias das Areias”. *Tá* vendo? Associando-se o mestre ao título tem-se um tema! Façam suas redações, aquele zero não se repetirá.

No início de março o pessoal oriundo da EPCAr passou a fazer jus ao primeiro quinquênio. Não era nada, mas 5% de CR\$ 80.325,00 – nosso soldo à época – representavam mais de CR\$ 4.000,00, suficientes para...Para quê? Sei lá! Talvez duas idas ao Maracanã, com tudo pago: condução, ingresso, um lanche no caminho de volta. Fosse o que fosse, já receberíamos algo além do soldo. Nossa primeira “gratificação”.

Final de março/princípio de abril: primeiras menções ao salto de paraquedas. A notícia veio a calhar, a turma estava precisando de uma injeção de ânimo. Afinal, se se tivesse seguido o currículo anterior, deveríamos estar na fase avançada do voo e nos formaríamos no final daquele ano, 1967. Muitos companheiros estavam, havia algum tempo, com a vida conjugal *programada*, fora os que *já a viviam efetivamente*, até com filhos engatinhando ou *encomendados*. Isso *pra* não citar os *pais* desde BQ. Foram uns heróis, conseguiram encarar inúmeras frentes durante a vida escolar. Resumindo: estávamos maduros e ainda não tínhamos entrado na atividade-fim, o voo.

No início de maio, os 21 do “Quadro-Extra” foram desligados do 3º ano do Curso de Formação de Oficiais da Aeronáutica – nossa turma –, “de conformidade com a determinação contida na Portaria nº 023/GM3, de 27 de abril de 1967”, mas “não foram excluídos e desligados do estado efetivo desta Escola e do Corpo de Cadetes da Aeronáutica, por se destinarem ao Curso de Formação de Oficiais Intendentes, em que serão matriculados nesta mesma data.” (Item nº 112/DptE/100, de 12-05-67). Interessante : passaram a existir, concomitantemente, duas turmas de Intendência, ambas no último ano, a primeira com 9 (nove) e a segunda com 21 (vinte e um) membros. E mais: a primeira se formaria em meados de dezembro de 1967, e a segunda, a dos 21, no início de janeiro de 1968, ou seja, menos de um mês após a dos



nove, o que efetivamente acabou acontecendo. Assim, a nossa turma se reduziu a um efetivo de 158 cadetes, sendo cinco bolivianos.

Nem todos participariam do salto, opcional, assim como opcional seria o voo, quando chegasse o momento. Isso fez parte da mudança do sistema de formação. O primeiro da turma a se definir e manifestar sua decisão nesse aspecto foi o *Zero-Meia* (não sei se ainda era *Costa* ou se já tinha mudado o nome de guerra para *Sérgio*):



pioneiro da Turma Agora Vai no sentido de optar por sequer começar a voar. Muitos outros, após estarem voando, seguiriam esse caminho por várias razões, todas elas ensejadas pelas mudanças implantadas a partir de 1965. Foi bom ou ruim? Certo ou errado? Cada um tem sua opinião, mas o fato é que deve ter apresentado resultados positivos para a FAB, pois hoje a Academia da Força Aérea (AFA) continua a formar oficiais aviadores, intendentes e infantes em quatro anos, e isso vem de

algumas décadas. Devemos reconhecer que o produto da Academia, de uns tempos a esta parte, é excelente. Dá gosto tratar com os oficiais da nova geração. Os próprios cadetes demonstram mais maturidade, são melhor preparados. Enfim, as medidas tomadas naquele tempo só pecaram pelo "imediatismo" e por terem sido tomadas "com o jogo em andamento."

Voltando ao salto de paraquedas, o treinamento inicial se deu no Campo dos Afonsos. Lembro-me de fazermos exercícios na torre existente atrás do ginásio de esportes. Foi desafiador, na primeira vez, ficar pendurado e deslizar por ação da gravidade até um certo ponto, uns 50 metros à frente, em que soltávamos as "argolas" e mergulhávamos num monte de areia. Depois ficou fácil e até prazeroso. Alguns refugaram a princípio e só fizeram o exercício por saberem que as gozações seriam inevitáveis.



A partir da segunda quinzena de maio os treinamentos se intensificaram, embora a data do salto (assim como o próprio salto) ainda não estivesse definida. Em junho, na primeira semana, treinamentos na Brigada Paraquedista, e o *bicho pegou de vez*.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Foi peia! Passávamos horas na Brigada e de lá saíamos ao final da tarde-princípio da noite exaustos! Era um alívio o retorno para a Escola: banho, jantar e descanso. Se houvesse prova no dia seguinte o martírio seria completo, mas "na aviação só o perfeito é aceitável" e "o militar é superior ao tempo", já havíamos aprendido.



De repente falou-se em 10 de junho! A **Agora Vai** vai saltar finalmente! Mas ocorreu um acidente na selva amazônica, e o PARA-SAR foi acionado para prestar socorro ao C-47 2068, que se deslocara de Belém para dar apoio ao Destacamento de Cachimbo, ameaçado por índios hostis, e se acidentara (vovora noturno, com pane de radiocompasso, até ficar sem combustível e cair na selva, em local indeterminado). Poderíamos ter efetuado o salto com a Brigada, mas o PARA-SAR tinha de participar do exercício, não somente por tradição, mas pela ligação estabelecida conosco durante os treinamentos.

tuado o salto com a Brigada, mas o PARA-SAR tinha de participar do exercício, não somente por tradição, mas pela ligação estabelecida conosco durante os treinamentos.



Finalmente o salto aconteceu! Dia 17 de junho de 1967, um sábado, pela manhã, fomos levados à pista e embarcamos no C-82 do qual seríamos lançados. Todos, com uma única exceção – no caso, **eu** (claro, só não percebíamos a própria palidez; a dos outros era visível, palpável, audível, *palatável* e...fedida!) –, estavam tensos, alguns até *encagaçados*. Dentro do C-82 o ambiente era de velório, mas sempre pintava um *safão pra* soltar uma piada sem graça e sem motivo, produto da

ansiedade. O fato é que muitos levaram um pé nos fundilhos para sair da aeronave – e isso não constitui crime –, mas após a aterragem, seguros, tome de mistério: "Pô, foi moleza! Peguei um vento de través na hora de aterrar, mas compensei..." Quanta intrepidez!

Houve dois incidentes na operação, envolvendo o Andrade Neves e o Aguiar. Não sei o que aconteceu com quem, mas um deles fraturou a perna e o outro não "aterrou", mas "afiou" (neologismo criado neste momento para designar que "ficou





enganchado no fio". E de alta tensão! O termo já existe no léxico, somente uma outra conotação foi acrescentada). Segundo o médico, escapou de algo muito mais sério por milagre o nosso amigo do fio (pelos comentários, o Aguiar).



Deve ter sido uma noite memorável para os bananeiras, pois muitas namoradas estavam ansiosas, ou em casa ou na Base Aérea dos Afonsos, na hora do salto, e nossos amigos posaram de heróis. Quantos jovens podem ter acesso a provas tão marcantes na fase de formação de uma carreira que é desafio desde o princípio? O *laranjal* curtiu a seu modo, e muitos se mandaram para a zona sul do Rio. No íntimo cada um se sentiu superior ao jovem normal da época. Também não era para menos: saltar de paraquedas como instrução preparatória para o voo? Só mesmo *homens especiais*. Ficava faltando o principal, e ele logo viria, embora com quase três anos de atraso.





No mês de julho fomos submetidos a nova inspeção de saúde, pois finalmente iríamos voar! Difícil acreditar, mas esta inspeção ainda conseguiu *detectar* uns poucos "incapazes para o fim a que se destinam". Sim, difícil porque não deveria haver nenhum "incapaz...", já éramos *doutores* na matéria. Dessa vez parece ter sido o exame psicológico o carrasco, e isso não serve de consolo para os que depois de quase sete anos de espera tiveram *suas asas cortadas*. Mas a turma tinha de seguir seu rumo.

Uns poucos dias de férias no final de julho e os últimos preparativos visando a ida para Pirassununga. Não mais tínhamos preocupações com a Instrução Científica, o negócio era o voo. Vieram alguns instrutores a fim de ministrar conhecimentos básicos sobre o tráfego aéreo no Campo Fontenelle, em Pira. Estudávamos a NPA do T-21 Fokker, por orientação dos oficiais dos Afonsos, havia já algum tempo. Os companheiros Ritzel, Bosco e Germano eram os tira-dúvidas.

A turma, para efeito de instrução em Pira, foi dividida em duas partes, a primeira das quais encabeçada pelo Bellon, evidentemente, e encerrada pelo Andrade Neves, num total de 76 cadetes. O embarque ocorreu no dia 30 de julho, um domingo, na Base Aérea do Galeão. Todos estávamos de 5º uniforme e levávamos nossa bagagem nos sacos de lona e em malas. Não sabíamos quanto tempo passaríamos fora do Rio (eu, particularmente, pensei que permaneceríamos em Pirassununga até o final do curso).



A bordo do C-130 2450 (equipamento novo à época) decolamos de SBGL às 9h e chegamos ao Campo Fontenelle - SBYS - às 10h. Muito agradável a viagem, e mais agradável ainda a área onde iríamos dar os "primeiros passos" na aviação propriamente dita: uma planície toda cultivada, o verde dominava o panorama, nada de morros. Enfim, tudo favorável, principalmente quando pensávamos como houvera sido árduo o caminho trilhado até então.

As instalações eram rústicas, mas funcionais. A madeira predominava nas "edificações".



Deu *pra* entender a razão de estarmos no DPEAER - *Destacamento Precursor* da Escola de Aeronáutica - Pirassununga. Construía-se, então, a Academia da Força Aérea do futuro.

Devemos ter cumprido uma programação na tarde daquele domingo, e não descarto a limpeza do alojamento - um galpão de madeira próximo às pistas - sob o "comando" do tenente (ou capitão) Brocca. A história se repetia cinco

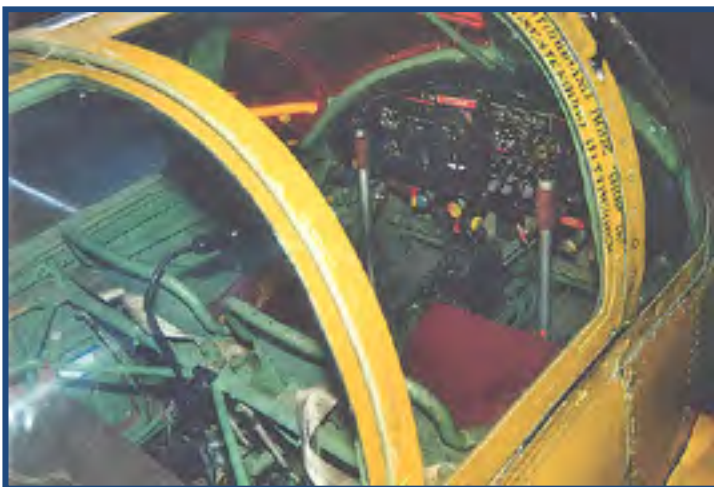


anos e meio depois, porquanto em BQ isso acontecera, para o pessoal de 62, com o Larinha, conforme já registrado.

Alguns amigos se aventuraram a uma excursão/incursão pela cidade após o jantar. Houve um ônibus para esse fim. No retorno, o de sempre em tais ocasiões: o sucesso obtido por alguns conquistadores. *Pra* quem finalmente estava começando a ser aviador, tudo bem. Só me pergunto onde nossos "atletas" conseguiram abordar alguém do sexo feminino naquela noite fria de inverno, numa cidade de 30 mil habitantes, se tanto. Bem, havia alternativas, e a mais conhecida era a de sempre: a ZBM. A dúvida: havia isso em Pira naquela época? E "atleta" jamais admite ter recorrido à ZBM, senão perde a graça, o "glamour".



Na segunda-feira, dia 31, conhecemos melhor a Escola e pudemos confirmar: com raras exceções, todas as edificações eram de madeira, e na cor cinza. Mas repito: muito agradável e funcional o conjunto, que se espalhava por uma baita área.



Fizemos o teste sobre a NPA do Fokker T-21. A nota mínima para aprovação era 7,00, e cinco companheiros, reprovados, foram submetidos a uma segunda prova, quando se safaram. Lembro-me de um deles, mas não convém identificá-lo, até porque nosso instrutor de voo foi o mesmo. Isso rendeu muita gozação.



Recebemos o uniforme de instrução: blusão, macacões (2) e o cachecol da classe de voo. Que emoção! Finalmente começamos a nos sentir cadetes aviadores. O caminho ainda seria longo, mas entrávamos na vida que havíamos sonhado.

Nossa apresentação aos instrutores aconteceu no dia 1º de agosto, uma terça-feira. Cada instrutor seria responsável, em princípio, por quatro cadetes. Muitos te-



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

nentes haviam sido nossos contemporâneos, como alunos, em Barbacena (turma de 60), mas a distância agora era maior: eles, oficiais, e nós, cadetes do penúltimo ano. A amizade falou alto, embora isso não tenha interferido nas atividades de voo.



Dois de agosto de 1967: primeiro dia de instrução aérea para a Agora Vai! Nem todos voamos com nossos instrutores efetivos, pois aos chefes de classe cabiam algumas *regalias*, tais como a instrução inicial com determinados cadetes. E havia o chefe do estágio e outras "autoridades" que deveriam participar do evento, era praxe. Isso só fez aumentar nosso nervosismo, mas o tributo tinha de ser pago.

Havia três pistas na "Escola", todas 19-01, ou seja, elas eram paralelas: *uma pavimentada, mais comprida; outra de terra, a preferida, e a terceira de grama, quase desconhecida*. A pavimentada e a de terra ficavam lado a lado, e a de grama ficava "do outro lado". Se não deu pra entender, fica por isso mesmo: quem voou lá sabe o que quero dizer. E chega!



Fato a ser registrado: quando chegamos a Pira o pessoal do CPOR-AER (recém-criado) estava voando o T-6, portanto no estágio avançado. Os nossos companheiros que já tinham um certo conhecimento de aeronaves "babavam" quando assistiam às evoluções do NA: a máquina impunha respeito. Pudera: a potência do nosso Fokker era 125 HP, e a do T-6, 600. Mas chegaríamos (nem todos) lá, era uma questão de esperar, e nisso éramos doutores.

Sempre nos deslocávamos *em forma* para o estágio cantando ou assoviando. O tema de "A Ponte do Rio Kwai" era um dos preferidos para o assovio.



dava uma *fungada*, emitindo o som típico, ao qual aduzia a expressão "pane de sucção", e novamente *fungava*. A missão estava suspensa momentaneamente. Alguns sabem a quem me refiro.

Condições mínimas para o solo: nove horas de voo e quarenta pousos. Tolerância máxima: não sei, pois havia o X-1, X-2, X-3 e o X-F, mas o limite não devia ser mais de dezessete horas. *Caras* como o Mourão já voavam, na quinta hora, tão bem quanto o instrutor, mas *teoricamente* não poderiam ir a xeque. O primeiro cadete da nossa turma a solar, *em termos absolutos*, foi o Sanchez, com o Tenente Zitelli.



Lembro-me de ficarmos observando, do barranco que separava o pátio de estacionamento das aeronaves dos galpões do alojamento, seu pouso final. Muita vibração de todos nós ao perceber que o tenente deixara a aeronave, sinal de que o cadete tinha sido aprovado no *xeque* e partiria *pro* seu primeiro voo *solo*. Depois só festa, com o clássico banho. Boas recordações.

Não sei exatamente em que dia – e foi numa manhã – o Sanchez solou, mas foi antes de meados de agosto. Logo depois solou o Bellon, também após ter voado o mínimo possível. Vários outros companheiros não precisaram, igualmente, de nada além das nove horas para o solo – com certeza casos de Mourão, Montgomeri, etc., por isso eu ter mencionado que o Sanchez foi, *em termos absolutos*, o primeiro, ou seja, considerado somente o aspecto cronológico, pois o Bellon solou na tarde do mesmo dia, com o Tenente Queiroz.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Os *solos* se sucediam, e acentuavam-se os *cavalos de pau*, as *pilonadas* e outros incidentes previsíveis desde o início da parte prática (entenda-se *voo*) do ESPM (Estágio para Seleção de Piloto Militar). Com o crescimento da tensão, a frequência do disparo da sirene e o consequente deslocamento da ambulância se tornaram, digamos assim, *corriqueiros*. Felizmente nada de grave naquela fase, apesar dos sustos, e ainda sobrava ânimo para as *sacanagens*.

Alguns cadetes não se deram bem com seus instrutores iniciais e passaram a voar com outros. Lembro, a título de exemplo, o caso de um companheiro que estava atrasado no cumprimento do programa e, ao mudar de instrutor, *deslançou*. Viria a ser selecionado para a caça. Após uns poucos anos como oficial da Força Aérea pediria passagem para a reserva e se tornaria piloto comercial. Deve ter havido outros casos semelhantes, mas me parece que o *caçador* em pauta foi o pioneiro da turma nesse aspecto.

Quanto aos que se desligaram do voo em Pira, nesta fase do ESPM, penso que o último foi o Cavalin, no final de setembro. Deve, após o desimpedimento, ter dado um *toque-e-arremetida* nos Afonsos e se mandado para São José dos Campos, onde se matriculou no Instituto Tecnológico da Aeronáutica - ITA -, fez o curso e se graduou em Engenharia pela escola mais gabaritada do Brasil. Era ele mesmo, "aquele menino que devia ser gênio e cuja letra era ininteligível", segundo o professor de Física do primeiro ano de BQ. Assim são os gênios.





No ESPM *aprendemos* (nem todos com a mesma proficiência) a taxiar, decolar, manter a reta, fazer curvas de pequena e média inclinação, entrar e sair de estol com e sem velocidade, comandar e sair do parafuso, pegar panes a torto e a direito (mo-leza, pois raramente encarávamos panes reais; o treinamento exigia aquela sequên-cia clássica de procedimentos "... capota aberta e travada, troca tanque e dá bomba-da - ou vice-versa -, etc."), e finalmente pousar. *Pô*, o pouso no T-21 era *barra*, mas isso são águas passadas.

Meados de setembro de 1967. A turma, já praticamente encerrado o ESPM, passou a ter instrução de "Link" visando ao prosseguimento do curso. *De repente, não mais que de repente* - já deveríamos estar acostumados às mudanças bruscas de rumo, mas sabe como é -, toca a arrumar a bagagem: retorno para os Afonsos *no dia seguinte*, a toque de caixa. Recebemos a notícia num domingo, 24 de setembro ou 1º de outubro, não sei ao certo, e o pessoal da "outra metade" da Agora Vai de-sembarcou em Pira na noite daquele mesmo domingo (ou terá sido na manhã da se-gunda-feira subsequente? Bem, é querer demais da memória). A aeronave que trou-xera os amigos dos Afonsos - C-82 ou C-119, outra dúvida -, nos "repatriaria" para RJ. Acho que o C-47 2013 também estava na jogada.

Fomos recambiados para a Escola de Aeronáutica como **Cadetes Aviadores (Cad. Av.)**. Havíamos recebido novas tarjetas (ou adaptado as anteriores, de **Cad. Aer.**). Enfim, saímos dos Afonsos Cad. Aer. e para lá retornamos Cad. Av., com direi-to ao uso do uniforme de voo e a todas as prerrogativas inerentes à nossa nova con-dição, incluindo a percepção de "Indenização de Compensação Orgânica", a *gratifica-ção* de voo. Muito bom: 40% do soldo, que nessa época era expresso em NCR\$ (Cru-zeiros Novos) - nossa moeda havia perdido três zeros no início do ano e recebera essa designação. Foi a primeira vez que vivenciamos experiência de tal ordem, e o Bellon pode testemunhar melhor dos dissabores provocados pela novidade. Numa viagem para os Estados Unidos - de 4 a 18 de setembro de 1967 -, o Bellon conse-guiu, sabe Deus como, "cambiar NCR\$ em US\$". Coisa de zero-um que deu *panos pra manga* quando do nosso retorno ao Brasil. Os *gringos* devem estar confusos até hoje, pois não se fazia câmbio de dinheiro brasileiro na USAFA (United States Air For-ce Academy, em Colorado Springs). Acho que nem nos *States* se aceitava o dinheiro brasileiro para operações de câmbio no varejo, mas o Bellon deve ter dado um nó na cabeça do pessoal de lá.

Naquele 1967, alguns eventos dignos de registro:

- Promulgada nova Constituição, em janeiro;
- Costa e Silva tomou posse, em março, como Presidente do Brasil;
- Manifestações contra a guerra do Vietnã em Nova Iorque e Washington - DC, em abril e outubro, respectivamente;
- Guerra dos Seis Dias, em que Israel tomou à Síria as Colinas de Golã, em junho; e
- Morte de Castello Branco em acidente aéreo, no Ceará, em julho.



Nos Afonsos, uns poucos dias de preparação para o novo estágio da carreira. Iríamos cumprir a fase de Manobras, e o equipamento seria o T-22, que só diferia do T-21 por ter a bequilha no nariz - mais pesa-do, conseqüentemente (o nariz da



aeronave). O T-21 continuava *na jogada*, pois de vez em quando *pintava* um pelo caminho. Era um contraste acentuado com relação ao pouso, o qual no T-21 era *um parto*, e no T-22 bastava deixar cair o nariz e pronto: estávamos *pousados*. Isso – o uso das duas aeronaves aleatoriamente – pode não ter interferido no desempenho dos *ases* da turma, mas o *peçoal normal* sentiu: era ruço encarar o T-21 novamente, ainda mais com o instrutor do lado e em missão de aproximação, quando se pousava e decolava a todo instante.

O solo no T-22 previa no mínimo duas horas de voo, e não se falou em número de pousos, pois para quem saíra do T-21 um pouso no T-22 era mais do que suficiente. E me arrisco a queimar a língua, mas deve ter havido companheiros que não voaram sequer uma hora e solaram o novo equipamento num pouso único. Pergunto: alguém precisou de mais de duas horas *pra solar a nova aeronave*?



Operávamos normalmente nos Afonsos e em Jacarepaguá. A topografia, bem diversa da de Pira, apresentava morros, mar, prédios numa das cabeceiras dos Afonsos e que tais. O percurso Afonsos-Jacarepaguá era uma pequena amostra das diferenças. Alguém, com certeza, se viu *perdido* em alguma oportunidade naquele céu, como deve ter acontecido em Pira, mas no Rio o problema se potencializava, por várias razões que não precisam ser explicitadas.

Após Manobras, a fase de Aproximação (90, 180 e 360 graus) e, finalmente, o Voo de Grupo. Nossos companheiros da "2ª turma" continuavam em Pira, cumprindo o ESPM e fazendo o que fizéramos anteriormente.



Eram utilizadas, nos Afonsos, duas pistas: uma pavimentada e outra de grama. Transversais. Creio que a direção de uma delas era 35-17, e nem me arrisco a *chutar* se era a *pavimentada* ou a *outra*.

A partir do final de outubro as primeiras *defecções* do voo. O que até então, na história da instrução aérea na Escola de Aeronáutica, havia sido uma raridade tornou-se frequente: cadetes **pedindo desligamento do voo** sem qualquer razão, pelo menos aparente. Os primeiros casos provocaram estranheza, o comando do Corpo de Cadetes se *inquietou*, mas logo tudo seria rotina, até os pedidos de desligamento da Instrução Aérea para outro destino: a Intendência. Estávamos maduros, éramos, na média, três anos mais vividos do que deveríamos ser naquela fase da instrução. Talvez esteja nessa maturidade a razão principal para a Agora Vai ter sido a única turma a formar o mesmo número de aviadores e intendentes. Os que permaneceram no voo tinham de ser, realmente, aviadores. Seu ideal era genuíno desde 1962. Os demais foram definidos pela instrução ou por outros fatores, ensejados pela mudança da sistemática implantada em 1965.



Em breve o pessoal de Pira retornaria para os Afonsos, e voltaríamos a ser uma única turma, pelo menos por pouco tempo.

Após todos os aviadores cumprirem a instrução prevista para os Afonsos, cuja última fase era o "grupo" – ou formatura –, retornariam para Pirassununga, a fim de realizar o estágio avançado no NA T-6.

Os desligados do voo – fosse por inaptidão vocacional ou a pedido – permaneceram na Escola de Aeronáutica, na situação de "encostados", aguardando matrícula no Curso de Formação de Oficiais Intendentes, que teria início em 1968 e contaria com três especialidades: Suprimento, Subsistência e Estatística, esta última uma novidade para a Força Aérea.



Todos tivemos um período de férias, bem mais curto para os aviadores, que deveriam se apresentar em Pira no início de janeiro de 68, prontos para a instrução. Os intendentes apresentaram-se também em janeiro, nos Afonsos, para a realização de um teste vocacional, cujo objetivo era selecionar o grupo dentro das especialidades mencionadas. Voltariam em março, para o último ano da vida acadêmica.

O ano de 1968 batia à porta. Traria alegrias e tristezas, estas em menor número, mas muito marcantes e doídas, como marcante e doído fora o acidente que vitimou nosso amigo Dalton em dezembro de 1967. Nosso primeiro "Mártir".

Os aviadores voltariam para Pirassununga em janeiro de 1968, agora sem o Dalton. Seriam

93 brasileiros e 4 bolivianos. Fariam o Estágio Avançado. Aeronave a ser *enfrentada*: o poderoso T-6.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Retornariam aos Afonsos em fins de maio de 1968 (data definida posteriormente) para a cerimônia do Aspirantado. Formaram-se 72 brasileiros e 3 bolivianos.

Os futuros intendentes – alguns dos quais se encontravam na situação de *encostados* (é isso mesmo, e esse termo é oficial), aguardando definição de calendário – receberam orientação de retornar em janeiro, para realização de testes psicológicos visando a composição das novas especialidades do quadro.

Marechal do Ar Henrique Raymundo Dyott Fontenelle
Primeiro Comandante da Escola de Aeronáutica





1968 - QUARTO ANO

Conforme já abordado, o pessoal que comporia a Intendência – cadetes desligados da instrução aérea a pedido (os *optantes*) e por inaptidão vocacional ou por incapacidade física – retornou aos Afonsos em janeiro de 68, a fim de se submeter a um teste cuja finalidade era formar as turmas de Estatística, Suprimento e Subsistência. Mais um *pioneirismo* da Agora Vai, pois até então jamais houvera divisão da Intendência em especialidades; era Intendência, e fim de papo. Falou-se na criação de Navegação Aérea, mas o bom senso prevaleceu: o que fariam na *possível e natimorta* especialidade cadetes que deixaram de ser aviadores por inaptidão vocacional ou incapacidade física para o voo, ou por terem optado por não mais prosseguir na atividade aérea? Se criada tivesse sido, *descriada* teria sido logo após, e mais um problema para a Força.

O resultado do teste psicológico, aplicado em janeiro pelo SESO – Serviço de Seleção e Orientação –, foi divulgado em março, tão logo nos reapresentamos para cumprir o quarto ano do Curso de Formação de Oficiais da Aeronáutica, agora como Cadetes Intendentes. O *primeiro quarto ano* da história da Escola de Aeronáutica!

Para a realização da seleção apresentaram-se 54 cadetes brasileiros. Isso em janeiro. No retorno, em março, havia 63, assim distribuídos: Estatística com 18 cadetes; Suprimento, 23, e Subsistência, 22. Esses números iriam aumentar até abril, quando não mais seria permitida a “opção”. Note-se que, de janeiro a março, houve um acréscimo de 9, todos provenientes do voo, obviamente, e muitos deles – a maioria – optantes. Era comum, nas tardes de sexta-feira, recebermos novos amigos vindos de Pira. Na segunda-feira subsequente já estavam incorporados à instrução do curso de Intendência.



As atividades acadêmicas tiveram início em 4 de março, e as aulas, uma semana depois. O resultado da seleção não surpreendeu, embora alguns cadetes tenham *entrado em parafuso* – coisa em que já haviam demonstrado dificuldades durante a instrução aérea – quando tomaram conhecimento da sua indicação. Exemplo marcante: o Caravellas. Ele ficou transtornado ao ser indicado para Estatística, falou até em deixar a FAB. Foi o único companheiro a conseguir *reversão de indicação*, apesar de muitos outros terem tentado. A relação de disciplinas de cada especialida-



de pode explicar o desespero inicial do Caravellas, que ficou felicíssimo ao ser reclassificado para Suprimento:

ESTATÍSTICA: Comunicação; Psicologia Social; Programação e Avaliação de Tempo (PERT-TEMPO); Estatística Descritiva; Teoria Elementar da Probabilidade; Levantamento Estatístico; Introdução à Análise Econômica; Programação Matemática; Inferência Estatística; Técnica de Amostragem.

SUPRIMENTO: Organização e Métodos; Merceologia; Contabilidade Geral; Legislação e Administração; Publicação Técnica; Contabilidade de Suprimento; Armazenagem; Logística; Inglês Técnico.

SUBSISTÊNCIA: Microbiologia; Bromatologia; Técnica Dietética; Dietoterapia; Tecnologia dos Alimentos; Higiene; Administração de Subsistência; Contabilidade Geral; Direito; Legislação e Administração; Organização de Materiais; Técnica de Preparação de Alimentos; Bioquímica.

A rotina previa aulas no período da manhã (nosso pavilhão ficava praticamente em frente à pista) e instruções diversas após o almoço. No decorrer do curso, passou a haver aulas também durante a tarde. Para o pessoal da Estatística era difícil assimilar aqueles cálculos e projeções debaixo de tanto calor. As salas ficavam um forno, a circulação do ar era sofrível, uma luta manter-se *desperto* e *esperto*, e as cobranças viriam nas provas.

Em maio ainda não havia sido definida a época de término do curso. Procedeu-se a um verdadeiro *festival de aulas encavaladas* a fim de se fazer a formatura em setembro ou outubro, mas cumprimos os quatro anos mesmo, *resistimos* até 22 de novembro. E esta data só foi oficializada em 2 de outubro, de modo que nosso Almoço dos Cem Dias foi feito por *tendência*, o que se coadunava com o que aprendíamos em Estatística.

Interessante o tratamento que nos foi dispensado por certos oficiais da Escola e do próprio Corpo de Cadetes: dedicavam-nos uma *atenção especial*, como se fôssemos calouros. Nosso cabelo se assemelhava àquele dos tempos de BQ, éramos o primeiro alojamento a ser "visitado" pelo oficial de serviço após o Alvorada, nas formaturas preocupavam-se primeiramente conosco. Enfim, tudo na contramão da tradição, mas era uma *pena imposta* pela quebra da própria tradição. Afinal, pela primeira vez na história da formação de oficiais havia, naquela altura do curso, mais intendentes do que aviadores numa turma. Acabamos nos amoldando aos padrões estabelecidos, seis anos já haviam sido cumpridos e estávamos na reta final da missão.

Enquanto isso, no Destacamento Precursor da Escola de Aeronáutica...





É madrugada...
Reabrem-se as portas dos hangares,
Atentas, agitam-se as equipes de manutenção,
Mecânicos apressados se preparam para checar os aviões.
Um ritmo frenético, contagiante,
Torna o ambiente singular
É o pré-voos a iniciar.
E tal qual passe de mágica, num instante,
Giram-se as hélices, e os motores começam a roncar.



Ao longe, no alojamento,
Um grupo se movimenta ainda sonolento.
Alguém os alerta, não podem se atrasar,
Com os minutos contados é preciso agilizar,
Assim se preparam para um novo dia enfrentar.
Após o desjejum, no rancho improvisado,
Rumam ao estágio de voo em forma, cadenciado.
Os aviões perfilados, com os *beacons* cintilantes,
Saúdam a passagem desses rapazes vibrantes.



Os instrutores aguardam, sentem a aproximação,
É o hino da Esquadrilha entoado com empolgação.
Orgulhosos e radiantes em seu garboso macacão,
Um a um se apresentam, prontos para a instrução.
A escala no quadro de voo gera alívio e apreensão
Voos solo, formaturas, acrobacias, cheques e revisão.
É um clima desafiante, misto de glória e prazer,
Uma ventura bendita daqueles que sabem querer.
Inicia-se o brifim, que o instrutor preparou,
Cobrando e ensinando o que a missão lhes reservou.
A madrugada, de brisa suave, começa a despertar,
São os primeiros raios solares chegando pra abençoar.

Unidos pelo destino, dirigem-se para o avião,
O cadete compenetrado dá início à inspeção.
Calmamente, atentamente, seu instrutor nada diz,
Percebe, que embora aprendiz,
Checa tudo direitinho o que o manual preconiza,
Mas se pular algum item, ah! o instrutor inferniza.

Chegou a hora de pôr em marcha o motor,
Bateria e gerador ligados,
Gasolina, cheque o indicador.
E com o coração acelerado,



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Primer, energize, engange e magnetos acionados.
Aos primeiros giros da hélice, o avião começa a "tossir",
Para depois estabilizar nos segundos a seguir.
Tudo pronto, vamos lá, rumo à cabeceira.
Cuidado! Atenção! Não cometa uma besteira!

Um cenário atraente começa a se delinear,
Os aviões serpenteiam pela pista a taxiar.
A manhã orvalhada e os primeiros raios solares
Tingem a bela aquarela de contornos singulares.
O cheque dos motores, vibrantes a ecoar,
Igual som estereofônico em harmonia sem par,
Completa tão belo quadro de natureza particular,
Um privilégio somente do piloto militar.

Com o coração palpitando pela emoção de voar,
Chegou o momento esperado, pronto pra decolar.
Suave e continuamente, o manete é levado à frente,
É preciso ter cautela, levá-lo até o batente.
Mas o arrogante avião, tal como um potro selvagem,
Insiste em fugir da raia, testando a sua coragem.
Após o sufoco e arrefecida a tensão,
Prossegue o voo tranquilo para a área de instrução.
Treinados os exercícios, com rendimento singular,
Satisfeito, o instrutor manda o cadete retornar.



No pouso, muita atenção, está na reta final,
Mas a pista vive a "bailar", eta momento infernal!
Como num passe de mágica, ela parou de "sambar",
O instrutor camarada interveio para ajudar.
Depois, no alojamento, muito mistério a pagar,
Macetes, mil referências, até o avião estolar.
E o cadete, "pilotaço", recorda com vibração,
Foram momentos sublimes; oh céus, quanta emoção!

Seus colegas, curiosos, observam com atenção;
Solidários e irmanados têm a mesma reação.
São jovens de todos os cantos do nosso querido Brasil,
Batalhando por seu ideal com vontade varonil.
Mas um toque de corneta os chama à realidade,
Vão todos para o pátio participar da solenidade.
Aos últimos raios solares, num belo entardecer,
Em reverência à Bandeira, vão sua vida oferecer.

Ao terminar a jornada, solitário em seus devaneios,
Com saudade se recorda do lugar de onde veio.
E fazendo sua prece,
A seus pais agradece,
A Deus se oferece,
Na esperança adormece,
E um novo dia amanhece...

Carlos G S Porto





E nos Afonsos, em 16 de maio, foi publicada a inclusão do Syrio no CFOINT. Ele devia estar incorporado à Intendência havia já algum tempo, até porque o aspirantado dos nossos amigos do voo se deu no dia 31 do mesmo mês, ou seja, duas semanas depois da publicação de sua inclusão.



Festa bonita a do Aspirantado dos Aviadores, no dia 31 de maio de 1968, uma sexta-feira. Tivemos, os intendentos, prazer e orgulho em formar para a solenidade de tantos amigos – no total 72 brasileiros e três bolivianos. Após uns dias de folga os novos aspirantes retornaram aos Afonsos. Finalidade: dar prosseguimento ao treinamento avançado, que ocorreu na Base Aérea de Santa Cruz e se estendeu por quase todo o mês de junho. Nos primeiros dias de julho seguiriam para o nordeste – Natal e Fortaleza –, onde teria seqüência a carreira iniciada em Barbacena ou no Rio de Janeiro. Finalmente eram Oficiais Aviadores da Força Aérea Brasileira.





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Foram agraciados o Andrade Neves, por ter sido o Presidente da Sociedade dos Cadetes do Ar ; o Araken, por ter sido o melhor atleta da turma, e o Bellon, *pra variar, por ter sido o primeiro colocado na classificação final*, o que



não reflete a realidade: ele foi o primeiro classificado em todos os anos, desde 1962; portanto, o melhor não somente ao final do curso, mas em todo e qualquer estágio da nossa vida acadêmica. E sua "performance" não ficou restrita ao campo intelectual, como já dissemos: abrangeu a

área esportiva, a operacional e outras que haja.



Conforme registrado, formaram-se 72 brasileiros. Só como medida de comparação, haviam seguido para Pirassununga, no início daquele ano, 93 cadetes brasileiros da Agora Vai. Traduzindo: 21 companheiros desistiram (a maioria) ou foram desligados do voo nos últimos quatro meses de curso, e somente um – o Allen, cujo desligamento ocorreu a pedido –, não optou pelo ingresso na Intendência; foi para a vida civil. Esses números são sintomáticos, cada um faça suas análises e tire suas conclusões.

Registre-se: o Allen, apesar de ter pedido demissão da Força Aérea, continua sendo um companheiro muito interessado e vibrador pelas nossas coisas. Incorporou o espírito da Agora Vai.



Do lado dos intendentos, houve dois desligamentos, ambos a pedido: o do Yedo, em abril, e o do Valle, em novembro, dez dias antes do aspirantado. O Yedo, cumpre lembrar, foi um dos considerados *incapazes* para o voo na inspeção de saúde de julho de 1967. Não deu *pra* entender, pois sempre demonstrou vibração desde os tempos de BQ. Iniciou o curso na Intendência, mas decidiu pedir desligamento. Tanto ele como o Valle nos dão grande alegria quando comparecem às reuniões de turma. Para nós é como se jamais tivessem saído do nosso meio, e esse raciocínio se aplica a todos quantos nos deixaram durante a vida acadêmica, independentemente dos motivos que os levaram a isso. O nome do Valle consta do convite de formatura, já pronto quando nosso amigo nos surpreendeu com sua decisão.

Voltando à vida dos intendentos, a partir de meados de 68 *puxávamos, também*, serviço correspondente a "Auxiliar do Oficial de Dia". Tratava-se de um preparo, em breve seríamos oficiais. A situação política era complicada, época de agitações. Desde o início do ano, após a morte de um estudante em conflito com a PM do Rio, no Calabouço, proliferaram protestos. Quem nos trazia as notícias *de fora* eram os bananeiras que tinham compromissos familiares e passavam a noite *em casa*. Ficávamos sabendo das agitações antes de os jornais chegarem aos Afonsos.

No segundo semestre começamos a nos montar para o Aspirantado. O Vaz-Curado foi um dos cabeças da organização do evento, e os conhecimentos de Estatística, notadamente aqueles de PERT, foram utilíssimos.

Fato marcante: a Escola de Aeronáutica finalmente se sagrou campeã da NAVAMAER! Foi a primeira e única vez até hoje, mas como dissemos: mais do que o pódio valia o ambiente sadio das competições e o espírito de camaradagem reinante. O resultado final mais importante sempre foi a integração, e não se trata de conversa de perdedor.

Quanto ao nosso almoço dos cem dias lanço um desafio: alguém sabe quando aconteceu? Sei que foi nas proximidades da Biblioteca, às margens do campo de futebol, lá pelos idos de setembro/outubro de 68. Há fotos nas quais aparece, todo fe-





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

liz, o Professor Aldo Lauria – ele mesmo, o “Formigão” de Química no primeiro ano –, que se integrou conosco de um modo inacreditável, pois em 65 era difícil a convivência com aquele *cara* alto, jovem e aparentemente muito mal-humorado. Penso ter sido o “Bap” o *catalisador* (usando um termo da matéria) da amizade. Contaram algumas histórias do nosso amigo ao mestre, e ele se transformou. Não acredito que fosse supersticioso, mas passou a “respeitar” a turma. Daí à amizade foi *um pulo*.



Os professores e instrutores tornaram-se amigos dos cadetes, e isso nas três especialidades da Intendência. A Estatística só contou com professores do meio civil, e Suprimento e Subsistência tiveram, além de civis, instrutores militares, inclusive do Exército. Logicamente que os apelidos pegaram, mas isso fica por conta de cada companheiro. Só *pra* refrescar a memória: *Pangaré, Crioula Doída...*

comparação. Em 1965 tivemos o episódio do “zero” quase coletivo na redação de Ex-pressão Oral e Escrita. Não se procurou saber qual havia sido o problema. Bastava uma análise superficial para esclarecer a questão, mas nada; foi mantido o grau pelo professor, convalidado pelo setor de Ensino, apesar de a média no teste ter sido bem inferior a 4 (quatro), graças à parte gramatical; não fosse ela, a gramática, a média teria ficado entre *zero* e *um*.

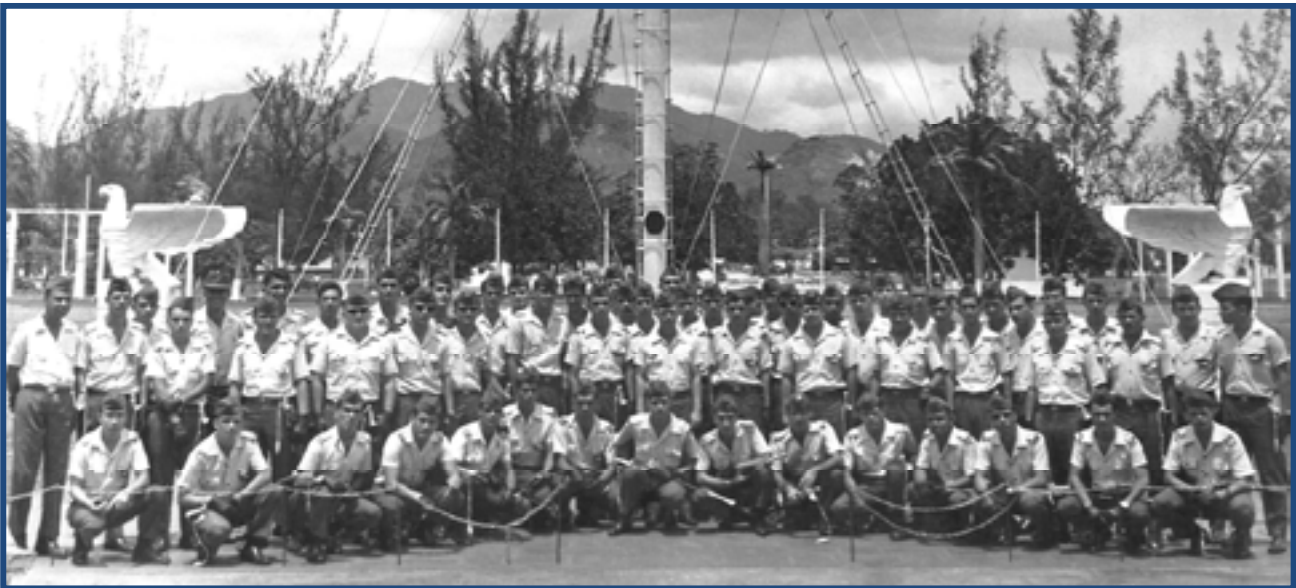


Mas voltemos à comparação.

Em 1968, uma das disciplinas mais problemáticas, em todos os sentidos, era Inferência Estatística. Como houvesse muitos cadetes “pendurados” por ocasião da quarta e última prova, o titular da cadeira deu uma *aliviada*: passou uma série de exercícios a fim de facilitar a apreensão da matéria a ser cobrada na avaliação. Logicamente todos se empenharam, e quem não conseguia resolver os problemas por conta própria recorria a quem tinha condições. Isso na fase de estudos, e não durante a realização da prova, fique claro.



O resultado foi ótimo, a média ficou lá pelos oito. Ainda assim nem todos se livrariam da recuperação. O *peçoal* do Ensino, alegando *grau elevado* ou coisa que o valha, anulou a prova e determinou a aplicação de outro teste, no qual o resultado foi o *desejado*: média inferior a 5 (cinco). Cotejando-se o que ocorrera em "A Memória das Areias" com "Inferência Estatística" dá *pra* começar a entender Stanislaw Ponte Preta e "O Samba do Crioulo Doido". Mas isso são histórias que passaram para o folclore, e temos saudade daqueles tempos. Ah! fato interessante: um oficial do Ensino ficou *inconformado* com a primeira média dessa prova de Inferência e reuniu a turma. Para quê? Para se "congratular" com seus membros. Não entendi nada, pois ele não demonstrou estar sendo irônico, parecia não saber a conotação de "congratular". Bem, vamos conceder-lhe o benefício da dúvida; deve ter sido ironia profunda que nós, estatísticos, não compreendemos e nem "inferimos", só sofremos as consequências. Pois é, no dos outros é refresco...



Véspera do Aspirantado

Data marcante: 22 de novembro de 1968! A Agora Vai se despediria de sua fase acadêmica com a formatura dos Aspirantes Intendentes. O oficial que nos comandou na última cerimônia como cadetes foi o Ten Júlio César, nosso contemporâneo de BQ. Fez, nas proximidades do cassino dos cadetes, uma breve alocução, informal e de improviso, antes de determinar nosso deslocamento para o dispositivo de recebimento das espadas. Abordou a importância de estarmos sempre preparados para o exercício das funções que nos caberiam a partir daquele momento, incentivou-nos à realização de novos cursos, tendo em vista estarmos entrando numa elite que exigiria um preparo intelectual diferenciado. Lembrou que passaríamos a dar as ordens até então recebidas e por vezes criticadas. Fez algumas considerações pessoais muito importantes e deu a ordem: "Para o dispositivo de recebimento das espadas: Ordinário, Marche!"

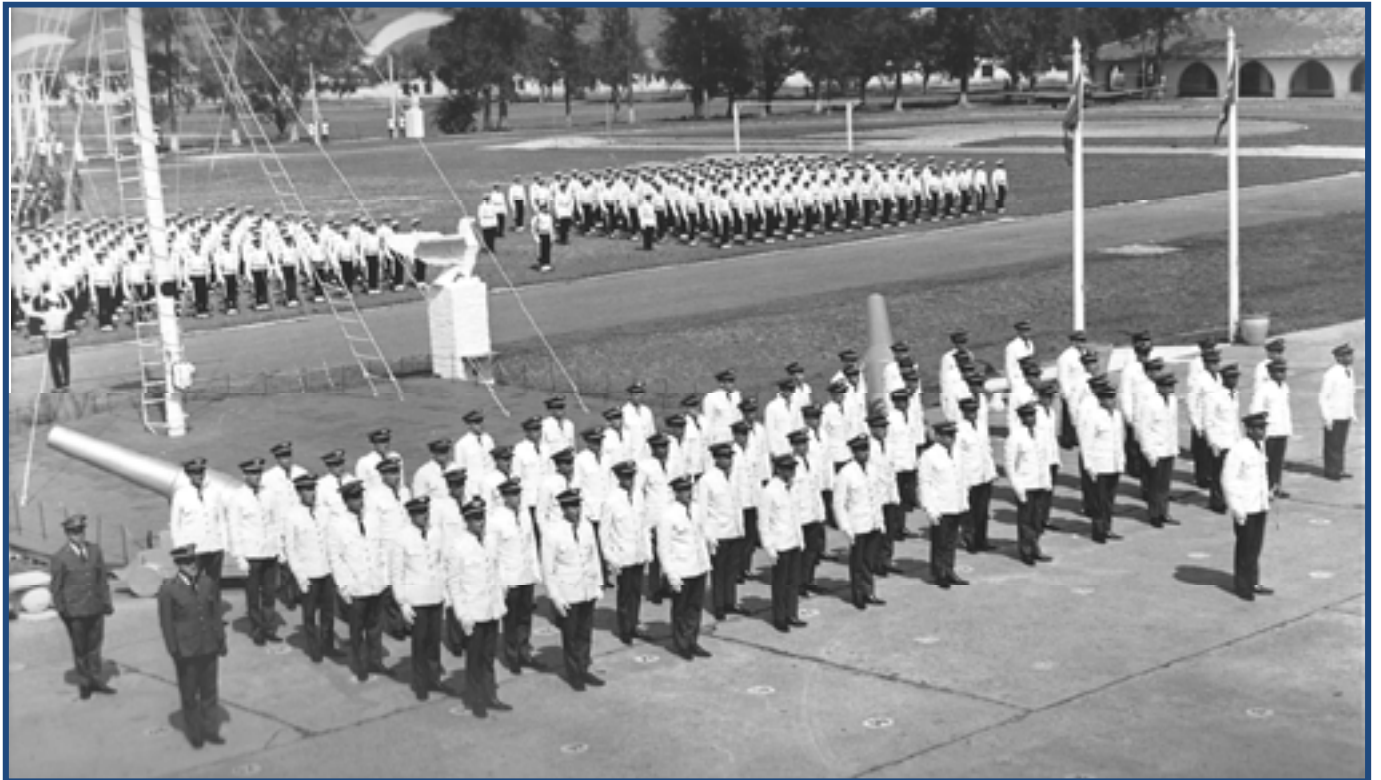
Naquele momento, 71 brasileiros e dois bolivianos se deslocavam pela última vez como cadetes. Não fossem os desligamentos, a pedido, do Yedo e do Valle, em abril e novembro, respectivamente, teríamos sido 73 aspirantes brasileiros. O Kraemer e o Chagas foram agraciados por terem sido, respectivamente, o primeiro colocado e o melhor atleta da turma.

Daquela data em diante teríamos outras responsabilidades e exerceríamos nossas funções nos mais distantes rincões dos nossos países.



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos - 22 de novembro de 1968



Adeus, Escola de Aeronáutica!





N O S S O S C O M A N D A N T E S

Brig Ar Newton Ruben Scholl Serpa - 28 Out 1964 a 15 Mar 1966

Brig Ar Doorgal Borges - 15 Mar 1966 a 24 Ago 1967

Brig Ar Geraldo Labarthe Lebre - 24 Ago 1967 a 15 Fev 1973

C O M A N D A N T E S D O C O R P O D E C A D E T E S 1 9 6 5 A 1 9 6 8

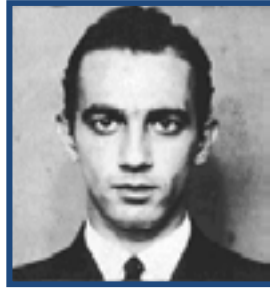
Ten Cel Av Newton Daltro Morissy

Ten Cel Av Nelson Osório de Castro

Ten Cel Av Jorge José de Carvalho



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965



Luiz Felipe Menezes de Magalhães

A História do Hino da Academia da Força Aérea

Por: Carlos G S Porto

O Ministério da Aeronáutica, hoje Comando da Aeronáutica, foi criado pelo decreto-lei n.º 2.961, de 20 de janeiro de 1.941. A partir desse ato, outros se sucederam com vistas à sua organização e funcionamento, em especial a unificação do ensino aeronáutico ministrado na Escola de Aviação Naval e na Escola de Aeronáutica do Exército em uma única escola: a Escola de Aeronáutica, atual Academia da Força Aérea.

De acordo com a "História Geral da Aeronáutica Brasileira", obra editada pelo Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), nos primórdios do nosso Ministério o efetivo do Corpo de Cadetes era constituído por aspirantes e cadetes oriundos do 2º e 3º anos das Escolas Naval e Militar do Realengo, civis egressos de profissões liberais e universidades, elementos procedentes do Curso de Pilotos para a Reserva Naval Aérea e dos Quadros de Sargentos do Exército, todos jovens em busca do ideal de servir ao Brasil nas asas da Força que acabava de nascer.

Sentindo a necessidade de amalgamar esses grupos heterogêneos em um único corpo e sintonizá-lo com o objetivo da missão, o Comandante da Escola, Ten Cel Av Henrique Raymundo Dyott Fontenelle, fazia-se presente em todos os setores, dialogando com seus subordinados, inteirando-se dos problemas, diminuindo as distâncias no relacionamento humano, participando da educação física com os cadetes, fiscalizando a instrução de voo e portando-se de forma implacável na observação da disciplina. Com esse estilo especial de comando, transmitia confiança, gerava nos cadetes um clima de respeito e de admiração pelo exemplo de sua conduta diária.

Côncio da responsabilidade que lhe fora atribuída na formação dos futuros oficiais aviadores, vivia intensamente a sua missão, o que lhe permitiu, um dia, sentir que a Escola precisava de um hino que pudesse, ao embalo do espírito de amizade e de companheirismo reinante entre os cadetes do ar, firmados em um puro sentimento patriótico, servir de estímulo para ajudá-los a enfrentar os desafios diários que a instrução exigia de cada um, e, ao mesmo tempo, decantar a alma que pulsava no coração do Corpo de Cadetes.

Aproveitando o clima que, à época, envolvia a sociedade brasileira, plenamente favorável às iniciativas que incentivavam o crescimento do Ministério da Aeronáutica, o Cel. Fontenelle instituiu concurso público para a composição do hino, letra e música, com prêmio para o primeiro colocado (de acordo com relato do hoje Contra-Almirante Reformado Dylo Modesto de Almeida, então cadete). Figuras de destaque do meio artístico-musical faziam parte da comissão julgadora. O candidato deveria ser "identificado" por um pseudônimo e apresentar a letra e a partitura musical em um envelope lacrado. Num segundo envelope, apresentaria o seu nome verdadeiro.



Não temos informações precisas sobre os candidatos inscritos, mas entre eles estava o Cadete do Ar Luiz Felipe Menezes de Magalhães, oriundo do 2º ano da Escola Naval e que fora matriculado no 2º ano da Escola de Aeronáutica. Conta Dyllo, seu amigo e companheiro de turma da Naval e dos Afonsos, que *"o Felipe se entusiasmou com o desafio. O problema é que não conhecia teoria musical, e era necessário que a composição fosse instrumentada e harmonizada por alguém, mas ditada por ele, que não aceitava peruada. Procurou o Ten. Nascimento, regente da banda, que se prontificou a ajudá-lo"*.

Ao impulso de sua veia poética escrevia os versos, e do fundo de sua alma brotava a melodia, que o Ten. Nascimento passava para as partituras.

Chegou o dia do julgamento e a composição do candidato Luiz Araújo foi a escolhida. Perguntado pelo seu amigo Dyllo por que aquele pseudônimo, respondeu, com seu espírito brincalhão: *"quem é do mar é marujo, e quem é do ar é Araújo"*.

O Cel. Fontenelle ficou radiante de contentamento, a Escola de Aeronáutica tinha o seu hino, uma verdadeira oração de amor à Pátria, revestido de um poder mágico e estimulante, que iria pulsar no coração dos seus cadetes e das gerações futuras, oriundas de várias regiões do nosso Brasil. Sua satisfação foi ainda maior quando se abriu o segundo envelope, que identificava, realmente, o autor: Cadete do Ar Luiz Felipe Menezes de Magalhães!

E o Coronel se enterneceu. Afinal, de um jovem cadete seu comandado brotou tão bela e vibrante composição, naquele relicário de glórias e de sacrifícios, o Campo dos Afonsos. Ao toque de seus acordes, abrem-se as portas do passado e do futuro, ao mesmo instante, irmanando gerações – os *"Bandeirantes de novos horizontes"* –, despertando a mesma paixão original, os mesmos sonhos que um dia os seduziram na busca de servir a tão sublime e empolgante ideal.

Ao Cadete do Ar Luiz Felipe Menezes de Magalhães, que, *"entre as nuvens dos céus vendo a terra"*, nos legou esta sagrada herança, a nossa gratidão, o nosso respeito. Seu coração continua a pulsar com a mesma intensidade no coração dos jovens e dos velhos que, um dia, cheios de esperança, irromperam pelos umbrais da Academia da Força Aérea, perpetuando-lhe a vida pela beleza de novas florações que o tempo continua a impulsionar.



Nota: No ano de 2002, o Comando da Aeronáutica concedeu a Medalha Mérito Santos-Dumont, *post mortem*, ao C Alte Ref Luiz Felipe Menezes de Magalhães. A cerimônia ocorreu no pátio de solenidades do Terceiro Comando Aéreo Regional, no Rio de Janeiro. A comenda foi entregue à filha do compositor, Sra. Eliane de Magalhães, que representava a família.



Bandeirantes do Ar

Letra e Música: Luiz Felipe Menezes de Magalhães - Cadete do Ar
Transcrição Musical: Maestro Ten João Nascimento

A esquadrilha é um punhado de amigos,
A vibrar, a vibrar de emoção;
Não tememos da luta os perigos,
Nem dos céus a infinita amplidão!
Sobre mares, planícies, sobre montes
Viveremos por sempre a voar,
Bandeirantes de novos horizontes
Para a bandeira da Pátria elevar!
Bandeirantes de novos horizontes
Para a suprema conquista do ar!

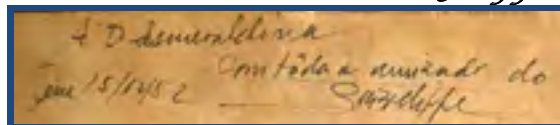
Nós somos da Força Aérea Brasileira!
O nosso emblema é a águia altaneira!
Que há de ser grande, forte e varonil!
Lutaremos...
Morreremos...
Pela bandeira do Brasil!
Lutaremos...
Morreremos...
Pela bandeira do Brasil!

Entre as nuvens do céu vendo a terra,
Vivem lá os cadetes do ar;
Comandando a grande arma de guerra,
Baluarte da Pátria sem par!
Adestrados ao fogo da metralha
E ao governo de seu avião,
Estarão sempre prontos à batalha
Para a defesa do nosso torrão!
Estarão sempre prontos à batalha
Por defender o auriverde pendão!

Nós somos da Força Aérea Brasileira!
O nosso emblema é a águia altaneira!
Que há de ser grande, forte e varonil!
Lutaremos...
Morreremos...
Pela bandeira do Brasil!
Lutaremos...
Morreremos...
Pela bandeira do Brasil!

Nota – Transcrito do livro *Viva a Marinha!*, de Luiz Felipe Menezes de Magalhães, publicado em 1952. Na folha de rosto consta a seguinte dedicatória do autor:

A' D. Esmeraldina Com toda a amizade do Luiz Felipe Em 15/12/52





CAUSOS E ACONTECIMENTOS DOS TEMPOS DE CADETE

SALDANHA, SABINO E TIMBÓ

Ao chegarmos aos Afonsos, em 26 de fevereiro de 1965, sexta-feira pré-carnaval, fomos recepcionados com *aquele* banho do meio-dia e ficamos à disposição de uns veteranos até as quatro da tarde, quando nos dispensaram, com retorno previsto para a quinta-feira seguinte – pós-carnaval, portanto –, dia 4 de março. Pois é: deu *pra* entender?

Passamos a ter contato com os companheiros incorporados à turma naquele ano e com algumas *figuras carimbadas* do Corpo de Cadetes da Aeronáutica (CCAer).

Primeiro corte de cabelo no CCAer: – E aí, *chefia*, tudo bem? – era o Saldanha nos recebendo. Estranhei no início, pois em BQ, conforme disse, o corte era em linha de montagem, e não havia diálogo entre aluno e barbeiro, pelo menos na Escola, pois com o *barbeiro-cantor* a conversa devia rolar solta.

O Saldanha – lembram-se dele, um Taifeiro já quarentão, comunicativo, muito alegre? – fazia a pergunta: “Como vai querer o cabelo?”, e estava engrenado o papo.

Não sei se a pergunta era retórica (o Saldanha devia desconhecer o assunto), mas quando o cadete dava seus *pitacos* era parcialmente atendido. Depois poderia ter de cortar novamente o cabelo, mas valia a intenção, tanto a do cadete quanto a do Saldanha.

Um de seus “jargões” preferidos: *Gente Fina!* Era um tal de *Gente Fina* pra cá, *Gente Fina* pra lá que nos esquecíamos do corte, muito breve e *curto*, quase sempre, apesar das sugestões.

O *chefe* da barbearia era o Sabino. O pessoal que “*curtia um corte*” mais articulado fazia questão de se sentar à cadeira dele, o mais antigo do *salão*. O papo se reduzia ao estritamente necessário, pois a peruação era grande.

Outra figura folclórica era o Timbó, lembram-se? Baixinho, agitado, era um faz-tudo no Corpo. Tinha uma deficiência auditiva que exigia o uso de aparelho, naquele tempo maior do que as orelhas. Alguns “espíritos de porco” chegavam perto do Timbó e lhe gritavam qualquer coisa. Ele se assustava, mas jamais perdia a esportiva. Sempre de bom humor.

OS 18 DO FORTE

Por: Ernani Barbosa (62 – 142)

A História Militar brasileira registra dois episódios com o título acima. Um deles ocorreu em 1922, e o outro no início de 1965, cujos protagonistas encontram-se listados ao final do artigo.

O grupo era composto, em sua maioria, por ex-alunos da EPCAr que, tendo sido reprovados no exame médico, pediram transferência para a AMAN.

Após terem saído de férias, os 18 foram convocados a retornar a BQ para ultimar as pendências referentes à ida para aquela Academia. Chegando em BQ em início de fevereiro de 65, foram informados de que o deslocamento BQ/Resende seria feito de trem, saindo às 18 horas de Barbacena, com previsão de chegada ao destino às 2 horas da manhã do dia seguinte.



Durante a viagem o calor era intenso. O trem, de madeira, não tinha ar-condicionado, e os rapazes puseram-se à vontade, tirando a túnica, o quepe, a gravata e arregaçando as mangas da camisa, fazendo muita arruaça no *vagão*.

Não esperávamos que ao chegarmos de madrugada em Resende estariam nos esperando um tenente, um pelotão de soldados e uma condução para nos apoiar no deslocamento até a Academia (+ ou - 6 km). Ao ver sair do trem os alunos totalmente "descompostos", o oficial nos colocou em forma ali mesmo, na estação, onde levamos a primeira "mijada" da campanha. Em seguida, o tenente dispensou os soldados, a condução e, como castigo, tivemos que realizar uma marcha carregando nossas bagagens até a Academia. Luiz Anísio Camarão Chaves não aguentou o peso da enorme mala que trazia e ficou pelo meio do caminho, o que causou risadas no grupo, a ponto de a marcha ter sido interrompida duas vezes para sermos repreendidos.

Após o alvorecer, para surpresa nossa, encontramos vários outros colegas (ex-veteranos), entre eles Castilho e Urso (ambos de 61 BQ), Carneiro (Mickey- 60) e outros que foram desligados em voo nos Afonsos. Os veteranos da AMAN "caçavam" o Mickey, cuja fama de trotista já havia chegado àquela Escola. Por tabela, *nós* acabamos entrando pelo cano.

O grupo, por sua vez, também provocava os veteranos da AMAN, quer seja formando, durante a madrugada, um coral (**Peral**) nos corredores dos alojamentos (alas), onde entoávamos canções, quer seja nas sessões de cinema, quando piadas sem graça davam origem a intensas gargalhadas que resultavam na paralisação do filme e na retirada dos 18 do recinto, com sua consequente punição no final de semana. E assim passavam-se os dias...

De quando em vez ouvia-se um "bizu" de que a Escola de Aeronáutica passaria a se chamar Academia da Força Aérea, e seu curso mudaria de 3 para 4 anos, podendo convocar de volta todos aqueles que haviam sido reprovados em encéfalo e psicologia.

Numa bela manhã de aulas, ouvimos o ruído de um T-6 dando rasantes e um cadete (ex-Fabiano) gritando nos corredores: "Tomé tá aí". Era o 1º Tenente Aviador Tomé, da EPCAr, que se preparava para pousar. Todos saímos de sala e fomos correndo até o campo de aviação, e sem deixar o Tomé tocar com os pés no chão carregamo-lo em triunfo sobre nossas cabeças até a ala do comando, sob os gritos e assovios de "Tomé fi-fi-fiu / Tomé fi-fi-fiu". Ele trazia a notícia que todos queriam ouvir: poderíamos retornar à casa de onde partíramos com o coração despedaçado pelo corte prematuro de nossa tão desejada carreira e de nossos sonhos.

Ali terminava um período de 35 dias em que convivemos com amigos de uma outra casa militar que nos acolheu com muito carinho e respeito. Da nossa parte ficaram as saudades dos novos amigos que lá conquistamos e o orgulho de termos participado, ainda que por pouco tempo, de uma Instituição exemplo de disciplina, seriedade e amor à Pátria que até então só tínhamos vivenciado na EPCAr.

Os "**dezoito do forte**" só fizeram estreitar os laços de amizade entre estas duas Instituições (EAer/AMAN), fazendo-nos orgulhosos não só da Força Aérea, com a qual sempre convivemos, mas também do nosso glorioso Exército Brasileiro.

Os "18" formaram oficiais aviadores e intendentes, além de um Brigadeiro do Ar, um Brigadeiro Intendente da Aeronáutica e um Coronel Intendente do Exército, o Menezes (mais conhecido como Torresmo), o único a permanecer na AMAN. "Chequem a Relá":



Os 18 do forte

62 - 27 Rebouças (Montgomeri)	62 - 89 Kraemer
62 - 29 Pazzini	62 - 109 Altair
62 - 33 Germano	62 - 137 Soledade
62 - 44 Édison	62 - 140 Hoog
62 - 51 Chaves	62 - 142 Ernani
62 - 83 Nazário	64 - 360 Ivan Nunes
62 - 84 Seraphim	(Turma 60) Carneiro
62 - 87 Menezes	(Turma 61) Castilho
62 - 88 Falcão	(Turma 61) "Urso"

Destes, alguns não retornariam para a FAB. Os 14 rematriculados têm seus nomes registrados no episódio "Os 14 DO ELETROENCEFALOGRAMA", em que o Cel Camarão e o Ivan Nunes são homenageados. Foram incluídos o 62-38 Cavalcante e o 62-75 Gouvêa.

Nota: Este *causo* já foi abordado, porém com outro enfoque. O Ernani relatou, com sua verve característica, o que se passou na Academia Militar das Agulhas Negras durante um breve período, no qual alguns companheiros nossos "estiveram" Cadetes do Exército.

FEZ JUS À FAMA, PASSEI A RECONHECER

Para encerrar 1966, um *causo* envolvendo uma figura muito conhecida da nossa turma. Eu costumava ir a São Paulo com o Aragão. Ele tinha aquele Interlagos dourado, e era uma viagem longa, porém rápida. Para o retorno saíamos de SP de modo a chegar no CC até meia-noite. Antes de irmos para a Escola *forrávamos* o estômago numa birosca de Bangu, onde serviam um caldo verde delicioso.

Certa noite fomos abordados por uma "cliente", que parecia ter tomado "umas e outras". Ela se aproximou e nos perguntou se éramos "cadetes da *Areonáutica*" (isso mesmo: *Areonáutica*). Respondemos afirmativamente, ao que ela emendou: "são da turma do *Fulano*?" Não conseguimos ligar o nome à pessoa, até porque o *Fulano*, 62-132, tinha pedido desligamento ainda em BQ, e nos Afonsos não tínhamos na turma nenhum cadete com tal nome de guerra.

Apontando para o meu braço, ela disse: "ele é da sua cor." O Aragão cochichou: "Ih! Migli, vai ter de encarar." Eu era e continuo sendo *marrom*. Demo-nos conta de que ela deveria estar se referindo ao "atleta sexual", e foi confirmada nossa suspeita. Ao lhe dizermos que éramos da turma do "*Fulano*", a moça, que não ousou qualificar com termos adequados à sua estética e higiene, e a quem faziam falta os dois dentes incisivos superiores – segundo o Bezerra, ela não tinha Pelé e Coutinho, em alusão aos dois craques do Santos com o clássico uniforme branco – a moça, repito, rasgou os maiores elogios ao nosso amigo. Suas palavras, emocionadas, *virando os olhinhos*: "aquilo, sim, é bom..."

Comentei com o Aragão, ao sair da birosca: "*Pô, Velho, se **ele** consegue dar conta daquela dona, o resto é ficha!*" A partir de então não mais me enfureci com as vantagens contadas pelo nosso amigo. Até hoje tiro o chapéu *pro* nosso atleta sexual. Meu respeito, amigo: você merece! Passei a admirá-lo naquela noite/madrugada, na birosca de Bangu! Sou seu fã!



TEN CEL CARVALHO – COMANDANTE DO CCAER

Ao chegarmos aos Afonsos, o Comandante do CCAer era o Ten Cel Newton Daltro Morissy, com quem tivemos pouquíssimo contato, pois logo passou a função ao Ten Cel Nelson Osório de Castro, o qual transferiu o cargo ao Ten Cel Jorge José de Carvalho depois de um ano de comando.

O coronel Carvalho, conhecido entre seus pares como “Zé Louro”, provavelmente por causa de seus cabelos claros e olhos azuis (ou terá sido outra a motivação do apelido?), marcou época não somente para nós, da Agora Vai, mas para todos os cadetes que o tiveram como Comandante.



O Carvalhinho, como o chamávamos entre nós, foi um marco durante aquele difícil período. Sua atuação ponderada permitiu que nossa turma, apesar de todos os contratemplos, mantivesse o elã, estremecido desde a chegada aos Afonsos por causa das mudanças bruscas e inesperadas de rumo.

Tratou-nos como filhos. Sua tolerância, no que de bom o termo conota, foi admirável. Jamais se valeu do posto ou cargo senão para atingir os melhores propósitos da Força Aérea. Acompanhou-nos em todos os momentos, fossem de alegria ou tristeza, estes últimos em menor número, embora muito significativos, pois envolveram a perda de três companheiros – Dalton, Aragão e Gouvêa, o primeiro em acidente aéreo, em dezembro de 1967, e os outros dois em acidente de trânsito, em julho de 1968.

Sempre estive à frente de seus comandados. Impressionante a energia que aquele oficial nos transmitia.

Contou com uma estrutura familiar muito sólida, não somente por parte de seus ascendentes, mas sobretudo por parte da esposa – dona Therezinha – e dos filhos – à época duas moças, uma das quais se casaria com um companheiro de turma, e um *menino*.

Foi o comandante/companheiro de todas as horas, não somente quanto à carreira que havíamos abraçado, mas também no momento difícil que o Brasil atravessava. O contexto era conturbado, e jamais nos faltou a palavra de apoio e a orientação segura que só a dedicação e a experiência podem proporcionar.

MADALENA, SEUS FILHOS E AGREGADOS

Aos sábados e domingos a contemplação da natureza se tornava muito mais fácil. Assim, me permito abordar outro assunto muito significativo para os laranjeiras: a MADALENA. Lembram-se dela? Como era dócil, humilde, carinhosa, dependente. Não tinha preferência entre o laranjal, chegava-se a qualquer um que *lhe* desse atenção, nem era preciso um afago. Aliás, nem atenção; bastava que não a maltratassem.



Costumava se *apresentar* na hora do rancho, fosse almoço ou jantar. Parecia familiarizada com os toques de corneta. Sua moradia ficava pelos lados da garagem, e às vezes *pintava* pelo Corpo de Cadetes em dias de expediente normal, geralmente lá pelas seis da tarde. Alguns bananeiras devem tê-la conhecido. Era uma dama.

Num dia qualquer correu o bizu de que a *carrocinha* passaria pelas redondezas, e isso incluía a Escola, a fim de recolher os cachorros sem dono. Sei lá se não foi pedida pela própria Prefeitura de Aeronáutica dos Afonsos. Alvorço entre o laranjal para esconder a Madalena até que a "batida" se mandasse.

Em certa época, a Madalena tomou um chá de sumiço. Fomos verificar o que poderia estar acontecendo com a *moça* e a descobrimos cuidando de onze filhotinhos! Dera cria e nem nos avisara, assim como não nos avisara de sua mudança. Provavelmente uma alma caridosa a levava para casa com seus filhotes, e ela deve ter alegrado muitas crianças. Ou então alguém a maltratou ainda nos Afonsos, e ela se foi. Torço pela primeira hipótese, mas não excluo a possibilidade de a Madalena ter sido judiada por um infeliz que não gostava de cachorros.

Alguns companheiros namoravam na zona sul, e o Washington era um deles. Numa manhã de domingo, ao acordar, me deparei com dois filhotes na cama ao lado da do *Basquetão* (devia ser cama de bananeira). Havia algumas pulgas mortas sobre o lençol e sinais de Neocid nas cachorrinhas – sim, eram do sexo feminino –, assim como cocô. Soube que a namorada do nosso amigo pediu-lhe que levasse as *meninas* para os Afonsos. Como não atender? Nomes das donzelas? Nara Leão e Elis Regina. Desconheço o destino dado a elas, mas devem ter sido felizes por um bom tempo.

O PRIMEIRO SERVIÇO DE CADETE DE DIA COMO AVIADOR

Outubro de 1967. Mal havíamos regressado de Pirassununga, onde concluímos o ESPM, e fui escalado para Cadete de Dia ao Corpo de Cadetes.

O Bellon, mercê de suas condições, jamais puxou serviço de Aluno ou Cadete de Dia. Teve lá seus problemas, pois não devia ser fácil encarar o comando como zero-um, mas não enfrentou os dissabores próprios de um cadete de serviço, principalmente quando éramos mais antigos e tínhamos de *controlar* a própria turma.

Ao retornarmos de Pira, fui escalado para Cadete de Dia ao Corpo na escala normal, que começava pelos mais antigos. A escala vermelha – dias sem expediente – era iniciada pelos mais modernos.

Como sempre fiz, assumi o serviço a plenos pulmões, talvez por ser filho de ferroviário, e me apresentei como mandava o **nov**o figurino:

"CADETE **AVIADOR** 65-010, MIGLORÂNCIA W. F., APRESENTA-SE POR TER ASSUMIDO O SERVIÇO DE CADETE DE DIA AO CORPO DE CADETES DA AERONÁUTICA!"

A única diferença de todas as minhas apresentações anteriores, como Cadete de Dia, foi o AVIADOR, no lugar do DA AERONÁUTICA; o volume de voz foi o de sempre.

Na pérgula estavam vários oficiais, a começar pelo Ten Cel Carvalho, nosso comandante havia já algum tempo. Estava, também, um capitão *nov*o no pedaço, que se impunha pela estatura e pelo aspecto marcial. Não vou nominá-lo, vocês entenderão, mas alguns até saberão a quem me refiro. Pois bem, o capitão "mais ou



menos caracterizado" acima não me conhecia, e nem eu a ele. E isso gerou uma situação constrangedora para mim, claro. Explico:

Lembram-se de termos "ficado" Cadetes da Aeronáutica desde 1965 até o voo em Pira? Lembram-se de que lá, em Pira, passamos a ser Cadetes Aviadores? Não sei se quando começamos a voar ou se após o solo, mas nossas tarjetas foram modificadas. Assim, voltamos para os Afonsos, de onde havíamos saído Cadetes da Aeronáutica, Cadetes Aviadores!

Após o "Esquadrilhas a comando dos Cadetes de Dia", o *capitão* mandou-me subir à pérgula e, sem exagero, perguntou-me: "Você tem asinhas? É um passarinho, por acaso? Porque se apresentou assim?" Entrei em parafuso, não compreendi nada. Mostrei-lhe minha tarjeta, e ele deu a entender que *eu* estaria querendo humilhar os cadetes das demais esquadrilhas. Ficou implícito que meu tom de voz, associado ao "Cadete Aviador", teria sido um sinal de prepotência. Mencionei ser aquele meu tom de voz ao assumir todo e qualquer serviço. Penso que se a conversa tivesse ocorrido na presença de outros oficiais eles teriam intercedido a meu favor, pois ao assumir qualquer serviço jamais deixei dúvidas sobre "quem estava assumindo". Mas ele me chamou em particular, e levei a primeira *mijada* como Cadete Aviador. Totalmente incabível, péssimo retorno aos Afonsos.

Vinte dias depois deste episódio pedi desligamento do voo, e minha decisão nada teve a ver com a *mijada* do capitão.

No ano seguinte, como Intendente, fui o primeiro cadete a puxar serviço de Cadete de Dia ao Corpo, pois o Bellon estava em Pira, e o novo zero-um era o Kraemer, que me havia superado no ano anterior. Usei o mesmo tom de voz e caprichei no CADETE **INTENDENTE** 65-010 MIGLORÂNCIA W.F. Dessa vez ninguém me chamou *pra porra nenhuma*, e nem sei se o capitão estava lá.

Hoje, passados 45 anos, encontro com o *capitão* nas solenidades realizadas na área de São Paulo, principalmente no Hospital de Aeronáutica, por ocasião do aniversário da Organização. Refreio meus instintos, pois a vontade é lembrar o fato. Não valeria a pena. Afinal, nenhum de nós tem mais asinhas: as minhas eu as cortei e substituí por *peninhas* quando Cadete, e ele seguiu com as suas até Brigadeiro.



FECHAMENTO DAS PORTAS – I

Sob este título também abordaremos, na sequência, outro assunto, totalmente diferente, mas um pouco ligado. Deu *pra* entender? Claro que não! É um exemplo de contrassenso, mas de contrassenso em contrassenso a *Agora Vai foi*, e concluímos nosso curso. Vamos ao FECHAMENTO DAS PORTAS – I.

O pessoal que permaneceu no voo estava em Pira cumprindo o Estágio Avançado no T-6, aeronave de trem retrátil e motor de 600 HP. Ficara no passado o FOKKER, com seu trem não escamoteável, motor de 125 HP e passo fixo. *Pô*, estou usando linguagem de aviador, mas todos fomos aviadores numa certa época, e quem foi rei não perde a majestade. Que o digam os *caçadores*.



Conforme já *digitado*, seguiram para Pirassununga, no início de janeiro de 1968, 93 cadetes brasileiros e 4 bolivianos. Os intendentes se apresentaram nos Afonsos, para um teste de aptidão e início de curso.

O êxodo do pessoal do voo, iniciado em outubro anterior, ganhou dimensão em Pira. Motivos? Alguns citam o equipamento, mas o T-6 justificaria tantas defecções? E o T-21 foi uma excelente escola. O fato é que, mal *aportaram* pela segunda vez no Campo Fontenelle, alguns cadetes solicitaram seu desligamento do voo, pois ainda vigorava o direito de opção.

Ao retornarmos aos Afonsos em janeiro, para o teste psicológico, éramos 54 intendentes, conforme já explicitado. Para o início efetivo do curso, em março, já havia 63. Os nove acrescentados se desligaram do voo, em Pira, a pedido ou por inaptidão vocacional, em menos de dois meses, pois ao nos reencontrarmos, *eles, os nove*, já haviam realizado o teste e estavam *prontos para o serviço*, no caso, curso.

Em março foi dado um *ultimato* velado: quem fosse desligado da instrução aérea, a partir de determinada data, teria de aguardar vaga na turma subsequente, a de 63 BQ. Isso não se aplicaria aos afastados em exame médico, era a única exceção. Ou seja: o direito de opção deixava de existir; somente teriam matrícula assegurada na nossa turma de intendentes, a partir de então, os **amparados pelo exame de saúde, isto é, quem fosse considerado incapaz para o fim a que se destina**. Outro paradoxo: haveria cadetes sendo desligados do voo dois meses antes da formatura, no exame médico, e eles torciam por isso! Ainda houve tempo de opção para alguns, e outros foram submetidos a nova inspeção de saúde para **assegurar seu ingresso na Intendência**. Enfim, o exame médico, temido por poder desligar do voo, passou a ser um **cúmplice** ao qual alguns cadetes recorreram para...*serem desligados do voo*. Realmente, as mudanças na sistemática deram um nó na cabeça de muita gente, em todos os níveis.

Tal medida – a suspensão do direito de opção – foi precipitada por um fato: cinco cadetes da turma – Castro, Esteves, Abud, João Carlos e Victor, este último relator do episódio – decidiram se desligar do voo e procuraram, em conjunto, o oficial com a incumbência de orientá-los. Levado o caso ao Comandante do DPEAER, um oficial general, a reação não foi muito *amistosa*. Nos dizeres do Victor, nossos cinco amigos, segundo o oficial que os recebera, *não teriam condições nem de vender amendoim na zona*. Enfim, chegou-se a um limite não previsto: já havia mais cadetes intendentes do que aviadores, e convenhamos: a atividade-fim da Força não pressunha tal situação. Acenaram, até, com a possibilidade de um curso de piloto de helicóptero no decorrer da carreira, era uma *boa* na época, só barrada pela *caça*.

Nossos amigos não precisaram vender amendoim na zona, pois ainda tiveram seu ingresso assegurado na Intendência. Quem quiser saber maiores detalhes pergunte ao Victor e seus companheiros, considerados incapazes de vender amendoim na zona, apesar de terem um aproveitamento no voo que os tornaria, até, pilotos de helicóptero. Quem sabe poderiam vender amendoim, sorvete, refresco e que tais na praia: de helicóptero, seria uma *pedida, né mesmo?* A clientela se esbaldaria, e nossos amigos iriam faturar alto.

O único desligamento da instrução aérea depois do episódio *do amendoim* foi o do Allen, a pedido: ele *optou* pela vida civil, e tanto os aviadores quanto os intendentes lamentamos, pois seu lugar era na Força Aérea.

Como se pode notar, fazendo os cálculos aritméticos, nossa turma, após todas as defecções e desligamentos, chegou a ter 72 cadetes aviadores e 74 cadetes inten-



dentes. Tal situação ocorreu em abril de 1968. Convenhamos: as portas tinham que ser fechadas.

FECHAMENTO DAS PORTAS – II

Neste *causo*, o fechamento das portas se deu literalmente. Aconteceu em 1968, no início do segundo semestre, o mês tanto faz, logicamente depois do Aspirantado dos aviadores, os quais já realizavam os estágios correspondentes no nordeste, em Natal e Fortaleza.

Não contávamos, os intendentes, com a *simpatia* de alguns oficiais – subalternos, intermediários e superiores – do Corpo de Cadetes e da Escola, e não cabe citar nomes e funções. Aliás, simpatia na vida castrense deve ser vista como acidental, imprescindível é a lealdade, mas perseguição não se justifica. Percebia-se uma certa animosidade, e o episódio da prova de Inferência Estatística seria sintomático do que afirmo. Até aí, tudo bem; afinal, havia mais intendentes do que aviadores na turma, um absurdo, fato inédito na formação de oficiais pela Escola, mas as autoridades deveriam levar em conta o direito de opção, também inédito, oficializado quando de nossa ida para os Afonsos. E nosso voo ocorreu somente no fim do terceiro ano. Consequência natural: estávamos mais maduros.

Um certo segundo-tenente aviador fazia questão, quando de serviço, de nos tratar como *bichos*: éramos alvo de *toda atenção* daquele oficial de dia. Começava pelo alvorada: antes do toque, postava-se no acesso ao nosso alojamento para disparar seu recalque aos primeiros acordes da corneta. Nas formaturas, idem: os primeiros a ser anotados éramos nós, do quarto ano, o primeiro quarto ano da história da Escola de Aeronáutica.

Ocupávamos o alojamento do piso superior do lado esquerdo do Corpo de Cadetes, e conosco ficavam os cadetes intendentes do terceiro ano. Prato cheio *pro* nosso personagem: um *mundo* de cadetes intendentes para ele *dar no saco*. A porta principal do alojamento – a que ficava no topo da escada de acesso –, que era a usada normalmente para entrar no dormitório, ficava encostada, e só se fechava com uma *porrada*, quando as duas *almofadas* travavam.

Na noite anterior ao alvorada do *causo* alguém bolou uma *sacanagem*: quando o tenente quisesse entrar no alojamento, a porta estaria *travada*. E mais: o dormitório estaria às moscas, pois todos os cadetes, despertados com antecedência pelo plantão ou cadete de serviço, já se teriam *mandado* para o banheiro, que ficava no centro do pavimento, como todos sabem.

Dito e feito. O Cadete de Dia ao Corpo era o Ribas, e o da Esquadrilha, o Floriano, de saudosa memória e nascido para *representar*. O tenente, antes do término do toque do Alvorada, acompanhado do Ribas, já estava batendo *na* porta, que jamais ficava travada, mas...estava travada. O Floriano e o Ribas sabiam da *armação* e se mantiveram firmes. O *Flô*, em tom de súplica, exclamava (melhor ficaria *declamava*) em altos brados: "Abram a porta! Abram a porta!" O tenente, *pedavida*, desferiu um coice – isso mesmo: um coice! – na porta, que se escancarou. O Flô deu o comando: "Alojamento, sentido!" *Pra* quem? Um alojamento fantasma, vazio, as camas já arrumadas! Era o que estava combinado, e foi muito bem executado, pois deu *pra* notar o desapontamento do tenente ao não ver ninguém *esticando* o sono. Não se esqueçam: estávamos no banheiro sem que o tenente soubesse, e muitos pudemos presenciar, às escondidas, o que se passou. Mas algo aconteceu fora do *script*.



Uma gargalhada se ouviu e foi amplificada pelo silêncio que secundou a operação. Acho que o Mário não se conteve, no que foi seguido pelo *bandão*: a gargalhada, então, foi multiplicada por "n" cadetes. O resto foi o merecido, não pelo alojamento às moscas, mas pela gargalhada.

Ameaçaram pedir sindicância, fizeram uns interrogatórios, e a melhor solução foi um tremendo *corretivo* coletivo na esquadrilha: suga *pacas* por uma semana, na frente de todo o Corpo de Cadetes. Penso que a sindicância iria pegar mal *pro* tenente, de quem hoje somos amigos. Como já disse, depois do banho de 26 de fevereiro de 1965 o que viria seria ficha, como esse corretivo.

Portas fechadas, literalmente.

NOSSO PRIMEIRO IMORTAL



Eu não estava nos Afonsos quando aconteceu. Já era um futuro cadete de Intendência, "encostado", aguardando, em São Paulo, chamada da Escola para realização de teste psicológico visando a seleção para as especialidades que se criariam no quadro.

Dia 19 de dezembro de 1967. O Dalton - "Memeia" desde os tempos de Colégio Militar - nos deixou. Nosso primeiro imortal partiu para a eternidade durante um voo de instrução, cadete ainda.

Seu companheiro de nacele e instrutor era o Capitão Haroldo, piloto experiente e muito ponderado. Também se foi.

O acidente aconteceu no céu do Rio de Janeiro, sobre a Barra da Tijuca.

Final de manhã. O Dalton estava sendo checado em voo de grupo, fase de encerramento da instrução no T-21/T-22. Entrou em parafuso a baixa altura e não foi possível a recuperação, mesmo estando a bordo o capitão Haroldo, um dos mais experientes instrutores - se não o mais experiente - do Estágio. O resultado foi o que todos sabemos. Provocou uma grande comoção, não somente no seio da Agora Vai, mas em todos que conheciam o "Memeia", na Escola de Aeronáutica e na Força Aérea Brasileira.

Uns poucos dias mais, estaria retornando com a turma para Pirassununga, a fim de prosseguir na carreira. Deus tem seus desígnios, e o T-6 deu lugar a uma aeronave muito mais potente, num voo muito mais alto, rumo à eternidade. O *Haroldão* o acompanhou, não mais como chegador, mas como amigo de viagem.

O Dalton foi ser o predecessor da turma nos arcanos. Já recebeu muitos companheiros, com toda certeza ostentando aquele sorriso aberto.

É isso aí, Memeia! Você deixou saudade.

Até breve, amigo!



UMA COMEMORAÇÃO QUE VIROU TRAGÉDIA

Rio, junho de 1968, último dia do mês, domingo, noite fria de inverno.

Os aviadores, terminado o treinamento avançado em Santa Cruz já como aspirantes, e após uns dias de dispensa, retornaram aos Afonsos para o deslocamento rumo ao Nordeste, onde dariam sequência à carreira. Tudo era felicidade.

O Aragão, um dos *caras* mais benquistos da turma, resolveu se despedir do ambiente que adorava – o Corpo de Cadetes – em grande estilo: mineiro que era, convidou três amigos – mineiros, também, por mera coincidência – para uma festa nas proximidades da Vila Militar. A bordo do Fusca (o Interlagos fora aposentado, *corria demais*) rumaram para o local, além do Aragão, o Caravellas, o Campos e o Gouvêa.

Não havia festa nenhuma, estava tudo fechado. Nossos amigos resolveram dar uma esticada num barzinho do percurso, onde comeram uma pizza, que a namorada



do Gouvêa lhe tinha dado. Outra coisa de mineiro: *matula*. Pô, farnel de madrugada? E pizza? Mas a moça queria agarrar o Gouvêa pelo estômago, e valia tudo. E o Gouvêa, o "enxadrista" da turma, era muito afável. Fosse outro teria ignorado a pizza e partido *pra* esbórnia.

No retorno, que se deu relativamente cedo (início da madrugada do dia 1º de julho, segunda-feira) para uma festa de despedida, a fatalidade: numa curva o Fusca se chocou com um ônibus. Resultado: o Aragão e o Gouvêa *se foram* instantaneamente, e o Campos e o Caravellas foram removidos para o hospital.

No início da manhã, logo após o Alvorada, fomos informados do acidente. A situação do Campos e do Caravellas, que a princípio era preocupante, após alguns dias se estabilizou, graças a Deus.

Os corpos do Aragão e do Gouvêa foram velados na Capela dos Afonsos e depois trasladados para São Paulo e Conselheiro Lafaiete, respectivamente, acompanhados por uma representação de cadetes.

Segui com o Aragão em sua *penúltima* viagem neste planeta. Destino: São Paulo, como em tantas outras viagens, mas agora sem volta para o Aragão. E desta feita não fomos nem de Interlagos, nem de Fusca, mas de C-47 2013.

No embarque, nos Afonsos, o frio combinava com nossa tristeza. Lembro-me do Hoog e, talvez, do Bezerra no avião. Lembro-me, ainda, do Cel Carvalho determinando que se trouxessem, com urgência, cobertores para nós. Ao jogá-los dentro do 2013, suas palavras: "Vocês vão precisar", certamente prevendo o recrudescimento do frio durante a rota. E foi providencial.

Ao desembarcarmos em Congonhas, madrugada típica de São Paulo, com nevoeiro e tudo, os familiares do Aragão nos aguardavam. Dizer-lhes o quê? O silêncio foi a coisa mais eloquente para expressar nossa tristeza. Nem poderia ser diferente.

O caixão foi acomodado no carro funerário, e retornamos para o 2013. Chegamos aos Afonsos após as quatro da madrugada, a rotina seria retomada duas horas depois. Melhor modo de encarar a tristeza deixada pela perda de dois grandes amigos. A vida tinha de continuar. Muitas outras perdas seriam enfrentadas, e não somente de amigos.

RELATO DE UM PQD

Diz o *Castreba*, parafraseando um *catupilhão* de filósofos: "Nada é por acaso..."

É que o nosso destino já está traçado. Vejam o meu caso e digam se sou ou não um predestinado.

Eu ainda era feto de uns seis/sete meses quando meu avô paterno faleceu, por volta de setembro/outubro de 1943. Meus pais sentiram muito a sua falta, e mais ainda a minha avó. Então eles disseram à vovó Ana: "se for menino terá o nome de Celestino, que é para a senhora não ficar sem o *seu* Celestino."

Minha mãe, com nove meses de gravidez, próximo ao Natal, já estava com o *trem baixado e travado*. Não é que no dia 25 de dezembro acontece um atropelamento de uma criança em nossa rua, e minha mãe pensou que fosse um dos meus irmãos? Como consequência do susto nasceu o *Gordo*, aqui. Então deu: *Celestino, nascido aos 25 de dezembro de 1943*. "Nada é por acaso... Penso ser um predestinado!"



Em 1960 prestei concurso para a EPCAr. Aprovado, mas não classificado.

Em 1964 o Waldir, da turma BQ-60, me *azucrinou* a paciência para prestar concurso para a Escola de Aeronáutica. Aprovado e classificado. Caí na turma BQ-62. "Nada é por acaso..."

Nasci profissionalmente em 23 de março de 1965, mas afetivamente em 8 de março de 1962. E tem mais: casei-me em 8 de março de 1974 com a única mulher do mundo com a qual poderia ter casado e que me poderia ter aturado. Hoje, 8 de março de 2012, comemoramos 38 anos de uma união feliz e abençoada.

Muitas coincidências juntas, ou então o *Castreba* tem razão: "Nada é por acaso..."

Desde março de 1965 até hoje escutei infinitas vezes falarem em *Pátio da Bandeira, Tião Baumgarth, plantão de alojamento, caneca de aço inoxidável, doce na sobremesa, nome impublicável, pelerine versus pelepona, linha do trem, um tal de Jupira, golfadas de nego na escrivania do Maltese, briga na cidade, elogios ao caldeireiro nos meses de frio, Larinha, Maomé, Ora-Ora, Candinha, Siri Atômico e que tais*. Até parece que estive aqui desde 1962! O pior é que os *bequeanos* me encarnam, pois na realidade não estive aqui.

Eu, Novaes Neto, Vasconcellos, Pato, Araken, Adhemar, além de outros mais esclarecidos, estávamos, naquela época, no Rio, curtindo Copacabana, a bossa nova no Beco das Garrafas, o *Maraca* com o bom futebol de então, as belezas da cidade maravilhosa (todas elas), etc. Era uma questão de opção: ficar aqui enclausurado desde os 16 anos, recém-saído da barra da saia da mamãe, deixando a puberdade, entrando na adolescência, querendo ser homen, levando um vida de laranjeira em Barbacena, ou viver aquela fase no Rio? Optei pela segunda alternativa: esperei aqueles meninos na Escola de Aeronáutica, lá nos Afonsos. Para que sofrer as limitações impostas pela Mantiqueira? Muita maldade, em contraposição à inocência dos *meninos de BQ*.

Brincadeiras de lado, cinquenta anos são passados desde que os pioneiros da **Agora Vai** aqui chegaram, já decididos a iniciar uma carreira.

Outro dia falava com o Pinho de como estávamos querendo fazer o encontro aqui em Barbacena, para comemorar o cinquentenário da turma. Seus olhos se encheram d'água! É essa saudade que viemos sentir aqui, nesta querida Escola, que um dia um insensato quis fechar, como se estivesse com raiva do Brasil. Não viemos matar a saudade da EPCAr, pois saudade não se mata, curte-se, sente-se. Só se sente saudade de coisa boa! Viemos aqui para viver essa saudade!!

"Oh que saudade que tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais...", cantava Casemiro. Naquele tempo parecia que íamos "de camisa aberta ao peito, pés descalços e braços nus, correndo atrás das asas ligeiras das borboletas azuis...", tamanha era a alegria e o orgulho de estarmos aqui. Éramos, aos próprios olhos, melhores e maiores que os outros. Afinal, conseguimos entrar para a Força Aérea; SOMOS DA AERONÁUTICA.

É muita saudade. Meio século se foi. Trazemos hoje, conosco, a certeza do dever cumprido, bem cumprido, com austeridade e honradez, atributos do bom militar e de todo cidadão íntegro. Somos agradecidos aos que nos orientaram e nos ensinaram a caminhar pelo caminho do dever. As lições aqui ministradas foram importantíssimas.



Obrigado a todos quantos contribuíram para o nosso crescimento espiritual, moral, intelectual e físico.

Aos amigos que não mais se fazem presentes de corpo, sejam companheiros de turma, professores, instrutores, comandantes, o nosso **até breve!**

A Deus, obrigado por ter me abençoado tanto nesta vida!

Celestino Carlos Wanderley Neto

A AGORA VAI EM NÚMEROS, E UM DOS PAPÉIS DOS PQD'S

Pois não é que o Celestino, com seu proverbial bom humor, demonstrou, com rara felicidade, um dos motivos do equilíbrio invejável da nossa turma, sob todo e qualquer aspecto? E, paralelamente, ofereceu um tremendo "gancho" para uma apreciação numérica da Agora Vai.

Temos, ao final desta revista, a Relação do Pessoal Matriculado na Agora Vai, nas três etapas da sua composição: 62, 64 e 65. Se o leitor se der ao trabalho de fazer um levantamento, vai concluir que, não fossem os "pqd's", seríamos uma turma, digamos assim, *fora de esquadro, capenga*. Vamos lá!

Se nossa turma tivesse se limitado ao pessoal de 62, a Força Aérea teria "formado":

- 35 oficiais aviadores, computado o Rosário, que se formou na turma subsequente;
- 46 oficiais intendentes, computados o Rosas e o Ernani, que se formaram nas turmas anterior e posterior, respectivamente, e o Gouvêa, que se foi prematuramente;
- 41 profissionais liberais – ou civis – como queiram;
- 6 oficiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro;
- 1 oficial do Exército, e
- 1 oficial da Marinha de Guerra.

Não há necessidade de associar percentuais aos números acima apresentados, mas cumpre lembrar que a atividade-fim da Força poderia ser comprometida.

Vamos ao pessoal de 64, a primeira leva de "pqd's". O equilíbrio começa a despontar, pois formaram-se:

- 11 oficiais aviadores;
- 12 oficiais intendentes, incluindo o Ubirajara (Bira), que se formou na turma de baixo, e
- 1 oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

O equilíbrio total se deu quando houve o ingresso do pessoal que encarna a descrição do Celestino. Gente de "cuca fresca", sangue novo, pronto para uma jornada de mais de quatro anos, se preciso fosse. Aos números:

- 28 oficiais aviadores, computado o Dalton, que nos deixou antes da hora;
- 17 oficiais intendentes;



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

- 7 profissionais liberais, e
- 1 oficial do Exército.

Resumindo nossa turma nos anos de 1968 e 1969, e fazendo o cômputo do pessoal efetivamente declarado Aspirante-a-Oficial, teremos:

- 73 oficiais aviadores, computado o Rosário;
- 74 oficiais intendentess, computados o Rosas, o Ernani e o Bira;
- 48 profissionais liberais;
- 2 oficiais do Exército Brasileiro;
- 1 oficial da Marinha de Guerra, e
- 7 oficiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

E os bolivianos? O que dizer deles quanto ao equilíbrio da turma?

Eram cinco, certo? Pois bem: foram declarados 3 oficiais aviadores e 2 oficiais intendentess, fato inusitado, pois até então os cadetes das Forças Aéreas de Países Amigos ou saíam aviadores, ou "a la calle" (acho que é isso aí: *rua*). Outro pioneirismo da Agora Vai. Juntando brasileiros e estrangeiros, a nossa turma formou 76 aviadores e 76 intendentess.

Sei que o pessoal não deve ser muito chegado a números, e não sou dos que afirmam que "os números não mentem jamais", mas o que está aí é produto de um simples levantamento, não são projeções, inferências ou que tais. Reduzindo à expressão mais simples: um retrato numérico da Turma Agora Vai.

E o equilíbrio alcançado pela Agora Vai não se restringe aos números, frios por natureza. Eu me arrisco a provocar celeuma, mas desconheço qualquer turma que tenha um relacionamento tão amistoso quanto a nossa! Haverá os discordantes, mas volto ao Celestino: - Grande *Cebola*, quem dera todos vissem "bequeanos" e "pqd's" como você vê e tão bem traduziu no seu bem-humorado texto. Obrigado, amigo! Você é um "pqd/bequeano", assim como me sinto um "bequeano/pqd"! Que todos nos vejamos assim, tenhamos seguido carreira na Força Aérea, na Vida Civil, no Exército, na Marinha ou na Polícia Militar, a ordem dos fatores não altera o produto. E o produto da Agora Vai foi excelente para o Brasil!

NOSSO ETERNO AMIGO E COMANDANTE DE ESQUADRILHA

Apesar de já nos termos referido ao Tenente Lara várias vezes neste retrospecto de nossa vida acadêmica, seria imperdoável injustiça não lhe dedicarmos um espaço especial no presente histórico.

Conforme mencionado, o Tenente Lara, quando iniciamos nossa carreira na Força Aérea Brasileira, era o Subalterno à nossa esquadrilha, a Terceira do Corpo de Alunos da Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Isso, em 8 de março de 1962. No dia 29 do mesmo mês, foi designado nosso Comandante.

Durante os três anos em que permanecemos em Barbacena houve várias mudanças de Comandante, estando nós, de 62, na Terceira, Segunda ou Primeira Esquadrilha. Era designado um oficial mais antigo do que o Tenente Lara - não vamos nominar ninguém -, e lá voltava ele para Subalter-



no. No entanto, jamais deixou de ser nosso Comandante de fato, fosse quem fosse o capitão ou tenente que o substituía. Logo depois, outra designação, e o Larinha, novamente, assumia de direito o cargo que sempre exerceu com dedicação e firmeza: Comandante da Esquadrilha de 1962.

Oficial de poucas e decisivas palavras, sorriso contido, capacidade de quem *já havia batalhado por anos na Força Aérea, embora recém-formado*, paradoxalmente, imprimiu um toque peculiar à nobre tarefa de liderar jovens que davam seus primeiros passos na jornada em busca do mais sublime dos ideais: servir à Pátria através da FAB.

Foi o Amigo e Comandante de todas as horas. Tornou-se célebre o "tá OK?" com que encerrava uma audiência para justificativa de transgressão, assim como o "Explica, mas não justifica." Não me ocorre o nome de um companheiro sequer que tenha considerado injusta uma LS, DETENÇÃO OU PRISÃO. As punições aplicadas pelo Larinha atingiram sempre o objetivo: mostrar-nos o caminho correto. Ele deve ter sentido muito mais os efeitos do castigo do que os que fomos punidos.

Em época de competições internas – a Lima Mendes –, tornava-se um "atleta" da torcida e do incentivo. Invariavelmente incorporava-se às equipes nas fotos, sempre esteve presente nos bons (muitos) e maus (pouquíssimos) momentos de nossas atividades, fossem esportivas ou intelectuais.

Casou-se em setembro de 1962 com Eliana, que seria sua companheira durante mais de quarenta anos.

Desligou-se da EPCAr em fevereiro de 1965, tendo sido publicada sua última dispensa de Comandante da Primeira Esquadrilha em 29 de janeiro daquele ano.

Deixou Barbacena acompanhado da esposa, Eliana Veloso Lara, e da filha, Denise Veloso Lara.

Conosco chegou à EPCAr, em 1962, e conosco dela saiu, três anos depois. Um exemplo.



Homenagem da Turma Agora Vai - 4 Ago 2008

Cel Lara recebendo a Medalha Santos-Dumont do Maj Brig Bellon



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Escola Preparatória de Cadetes do Ar - Onde Tudo Começou



Escola de Aeronáutica - Corpo de Cadetes da Aeronáutica





SAUDOSOS MOMENTOS - II

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA "ÁGUIA FERIDA"

HOMENAGEM AOS PILOTOS DA CAMPANHA NA ITÁLIA





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Como candidatos aprovados, os gaúchos embarcam para o Campo dos Afonsos

Luiz Carlos

Ritzel

Jonas

Silveira



Bezerra

Anderson

Braz

Otávio



Solenidade do Espadim - 10 Julho 1965



Bellon - Bôsko - Hoog - Regnier

Baile de Congraçamento Carlos Chagas



Edilberto - Porto - Cecconi - Mendes - Lima

Hall do Cinema

- Bejar - Falcão
- Kraemer - Lima
- Araújo - Britto
- Adnir - Porto





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campos dos Afonsos 1966

Ritzel



Hoog

Bezerra

Germano

Divisão de Instrução de Voo

→

Britto
Hoog
Bezerra
Ritzel



Germano



Equipe de Polo Aquático

Ronaldo

Esteves

Chaves

Carlos Chagas

Ubirajara



Ferreira

Póvoas

Ribeiro Sanchez

Corrêa

Daemon

Salto de Paraquedas - 17 Junho 1967



Castro

Perlingeiro

Casado

Nascimento



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Esteves Cavalin Ramos Machado



Ramos Machado Porto Mendes Chagas



O garoto é o Nelson, sobrinho do Machado

Era só
Vibração



Póvoas Daemon



Destacamento Precursor da Escola de Aeronáutica - Cap Av Ricciery Cafrune Brocca - Cmt Esquadilha



Pinho

Gehring

Bezerra

Velloso



Caravellas - Elbert - João Carlos - Silveira - Ritzel - Bejar



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

E o tempo voou...



Cabrera - Porto - João Carlos - Daemon - Silveira



Casado - Perlingeiro - Novaes Neto - Celestino





Campo dos Afonsos - Fins de 1967



Pirassununga, um domingo, em frente ao alojamento

Moreira Lima - Novaes Neto - João Carlos - Silveira - Ubirajara - Daemon - Bejar - Sales



Allen - Chaves - Camarão - Rezende



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Moreira Lima - Bejar - Sales - João Carlos - Mello - Rezende - Elbert - Ubirajara



Camarão - Allen - Daemon - Chaves - Marques - Lôbo

Entrega de Brevê

Aspirantado - 31 Maio 1968

Ten Av Lacerda

Asp Of Av Porto







Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965



Os Aviadores Seguem Seus Destinos



→ ⚡ Mourão - Maurício
Montgomeri - Silveira

Hoog Altomar Neves

BAFZ

→

Araken
Bellon
Cesar
Barros
Gehring
Berto
Nunes
Cecconi
Reginaldo



Bôsko - Germano - Américo - Túlio - Daemon - Adhemar - Póvoas - Luiz Carlos

BANT

→

Lima e Silva
Velloso
Porto
Tancillo (atrás)
Paiva Neto
Gaia (atrás)
Ritzel
Carlos Chagas
Galhardo
Sotto Mayor (atrás)
Perlingeiro
Mello
Ramos





Pirassununga



Instituto de Educação

Coreto



Praça da Matriz



Cachoeira de Emas





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Academia da Força Aérea - Corpo de Cadetes da Aeronáutica

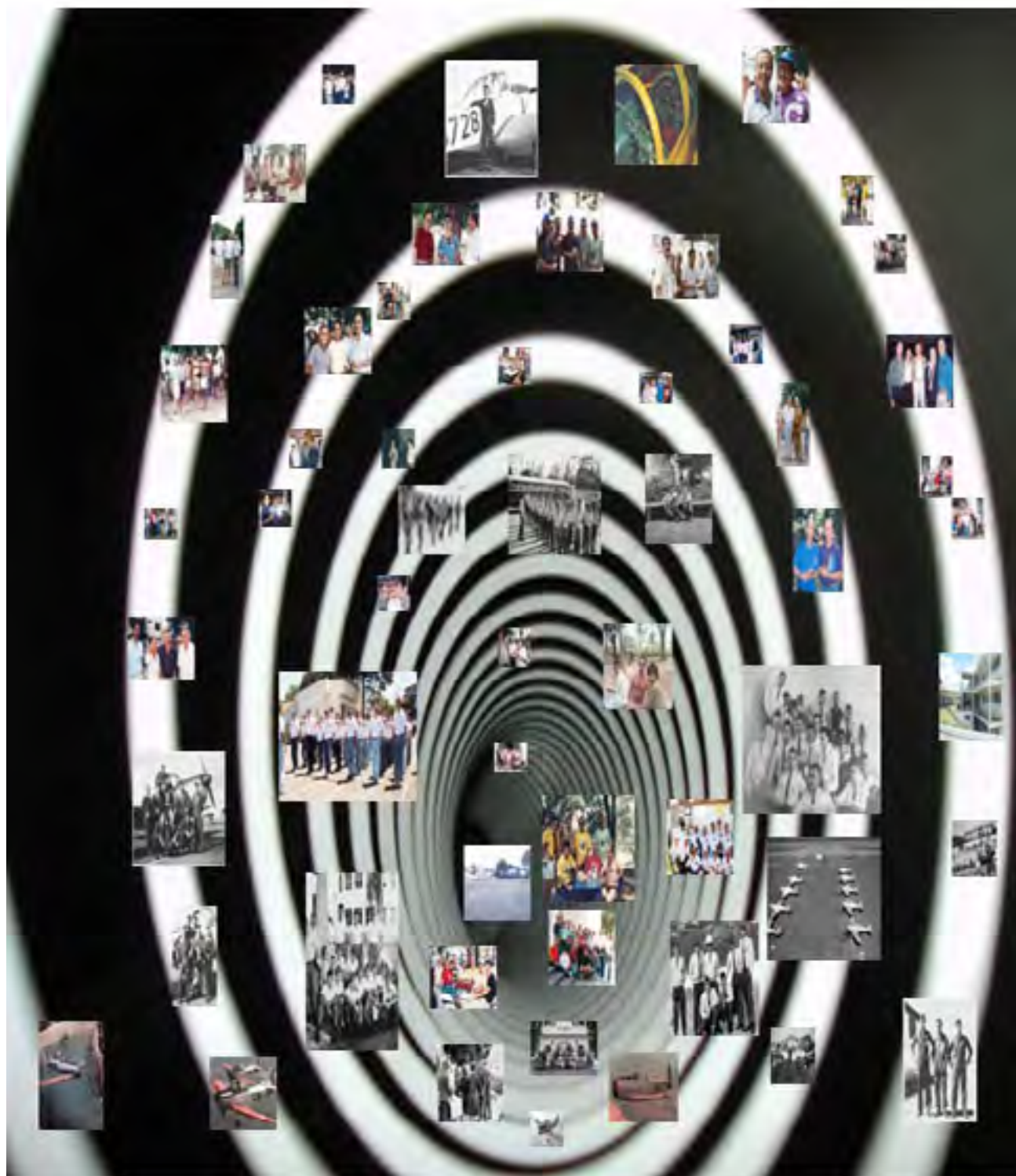


Fazenda de Aeronáutica de Pirassununga





Túnel do Tempo





Jacarepaguá 1979 - O Tempo Passa, mas a Amizade não Esmorece



Paulo Roberto

Jordão

Evandro

Valdir

Galhardo

→

Reginaldo
Bellon
Sálvio
Maurício



→

Montgomeri
Mendes
Brandão





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Barbacena 1982 - 20 Anos - Bodas de Porcelana



Lima Nunes Silva Valle

Campo dos Afonsos 1988



Corrêa Matt Nogueira Gurgel



Cel Lara sempre nos acompanhando - Sotto Mayor - Reis



→
Miglorância
Mendes
Rodrigues
Caravellas
Carlos Chagas



Campo dos Afonsos 1989

→
Porto
Etraud
Carlos Chagas



Marcelino
Cavalcante



→
Daemon
Santos
Wilson

Sylvio



Hélio

Ten Brig Carvalho, comandante e amigo

Valdir



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 1990



Dieguez Rodrigues Moura Lima



Nogueira Campos Floriano



Bezerra Luiz Carlos Joesse Previtera



Campo dos Afonsos 1990



→

Alcoforado
Cezar Ney
Evandro

→

Lima
Rodrigues
Costa
Marcelino
Henrique



Galhardo



→

Miglorância
Porto
Araken
Perlingeiro
Luiz Carlos
Dieguez
Montgomeri
Velloso
Mendes



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 1991



Ten Brig Carvalho e Cel Lara, jamais os esqueceremos





Campo dos Afonsos 1992



Gadelha Ramalho Berto



Rosas Sylvio



Gomes com o filho



Matt Gurgel Vaz-Curado



→

Vasconcellos
Soledade
Machado Neto
Carvalho
Baptista



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 1992



→

Ubirajara
Ronaldo
Vicente



→

Campos
Clemente
Celestino



→

Machado Neto
Carvalho
Rosas



Campo dos Afonsos 1993



Depósito Central de Intendência 1994





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Depósito Central de Intendência 1994

→
Velloso
Menezes
Ramalho
Bellon



Reginaldo

Mário

Reis

Altomar



Evandro

Novaes Neto

Gadelha

Campo dos Afonsos 1996





Campo dos Afonsos 1996



Clemente Porto Ronaldo



Telles Vasconcelos Mello Evandro

→

Elbert
Valdir
Ronaldo



Ferreira
Syrio
Ubirajara

→

Elbert
Mendes
Vinhosa
Vita
Altomar





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Barbacena 1997 - 35 Anos - Bodas de Coral



→

Ubirajara - Floriano
Altair - Elbert
Britto - Édison
Mendes - Nogueira



Lôbo - Clemente
Rodrigues - Celestino
Abud - Ramalho
Cel Lara



Casado - Britto - Pinho - Mendes - Mello - Lôbo - Evandro - Novaes Neto - Fernandes - Ernani



Campo dos Afonsos 1998



Maurício

Allen

Elbert



Bellon

Cel Lara

Victor

→

Perlingeiro

Mello



Batalha - Daemon - Novaes Neto - Lôbo - Celestino - Evandro - Paiva Neto



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 1999

Porto Miglorância Bellon Perlingeiro Germano Sotto Mayor



Valdir Cerdeira Jordão Galharido



Barros Lunkes Altomar



Osolins Ernani Guimarães



Madeira Espírito Santo Vaz-Curado



Bellon Fernandes Neves Nogueira



Campo dos Afonsos 2000



Telles Sanchez Menezes Lopes Syrio Miglorância



Nora Evandro Montgomeri Santana Marcelino Fernandes

→

Nogueira
Schmidt



Fernandes
Ernani



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2000

Lopes Altomar Benincasa Baptista Édison Maia Machado Fernandes Corrêa



Regnier



Narahara

Victor

Esteves

Valdir



Barbacena 2002 - 40 Anos - Bodas de Esmeralda

Agradecimento aos Professores



Fernando Victor



Delmo



Fanico

Bellon

Batista

Fanico



Delmo

Tião Baumgarth

Miglorância



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Barbacena 2002 - 40 Anos - Bodas de Esmeralda



Altomar - Gurgel - Vasconcellos - Guimarães - Henrique e Sra - Machado Neto

→

Madeira
Victor
Daemon



Ernani
Cezar Ney
Marcelino

→

Wancler
Regnier



Luiz Carlos
Baptista



Campo dos Afonsos 2003

→

Sotto Mayor
Evandro



Castro
Vicente

→

Fernandes
Delgado



Corrêa
Ramalho

Nora
Marcelino

→

Vasconcellos
Henrique
Barros



Pinho
Britto



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2003



Maia

Perlingeiro

Osolins

Lopes



Adnir

Wancler

Maia

Campos

Marcelino



Campo dos Afonsos 2004

→
Cavalin
Póvoas
João Carlos
Perlingeiro
Osolins
Wilson
Sanchez
Delgado



Maurício
Ubirajara
Elbert
João Carlos
Telles
Édison
Póvoas
Daemon
Galhardo
Osolins
Valdir
Sanchez
Ronaldo

→
João Carlos
Amaral
Nogueira
Galhardo



Vita
Abel
Albano
Elbert
Hélio



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2004



→

Pinho
Castro
Sanchez
Montgomeri
Albano

Clube de Aeronáutica 2005



→

Vicente e Sra
Mello



Araken e Sra

Ronaldo e Sra

Hélio e Sra



Clube de Aeronáutica 2005



Maurício - Berto - João Carlos

Póvoas e Sra

Sotto Mayor



→

Maurício

Millan

Fernandes

Figueiredo

Ernani

Campo dos Afonsos 2005

Carlos Alberto



Santos



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2005



Lunkes

Costa

Campos Costa



Esteves

Joesse



→

Clemente

Baptista

Galhardo

Abel

Mendes

Espírito Santo

Elbert

→

Valdir

Figueiredo

Telles

Vita

Novaes Neto

Melo

Esteves





Campo dos Afonsos 2005

→

Valdir
Chieza
Delgado
Ronaldo
Jordão



Altomar

Britto

Miglorância

Dieguez



Porto

Eliseu

Ronaldo



Miglorância

Vita

Britto

Bellon



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Academia da Força Aérea 2006



Sotto Mayor

Galhardo



Regnier

Albano



Pinho

Dieguez

Washington



Lunkes

Kraemer

Marcelino

Amaral



Escola Preparatória de Cadetes do Ar 2007 - 45 Anos - Bodas de Rubi



Miglorância Millan Porto Cavalin Baptista Jordão



Cavalin - Baptista - Ramalho - Amaral - Lopes - Altomar

→

Henrique - Mendes

Rodrigues - Elbert

Pinho - Lunkes - Narahara

→

Germano

Henrique

Berto

Jordão

Perlingeiro

Pinho

Galhardo





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Escola Preparatória de Cadetes do Ar 2007 - 45 Anos - Bodas de Rubi

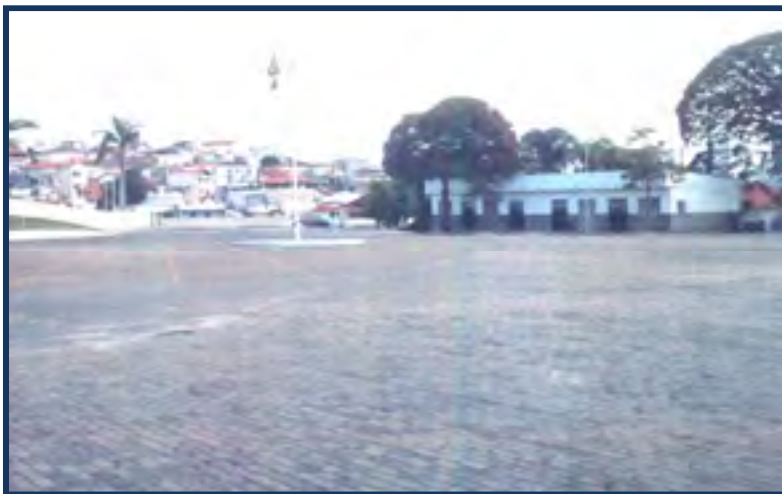


Elas Não Poderiam Faltar





Escola Preparatória de Cadetes do Ar - 45 Anos - Bodas de Rubi



Pátio da Bandeira



Alojamentos / Refeitório

Sociedade dos Alunos





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2007



Porto Ribeiro Sanchez Marcelino Baptista



Nora Sanchez



→

Victor
Novaes Neto
Telles
Melo
Celestino



Campo dos Afonsos 2007

→

Wilson - Castro
Nogueira - Abud
Madeira - Guimarães



→

Kraemer
Benincasa
Baptista
Dieguez
Menezes

Valle



Ponto Final da Linha



Estação Pedro II / Campo dos Afonsos



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2008



Maj Brig Josuá
Cmt UNIFA



Campo dos Afonsos 2008

→

Marcelino
Benincasa
Ito
Fernandes
Celestino
Ronaldo



Costa
Figueiredo
Ernani
Soledade

→

Batalha
Wilson
Ito
Nora
Santana
Evandro
Galhardo
Sotto Mayor
Wancler
Lôbo
Syrio



Cezar Ney - Maia - Madeira - Bellon - Perlingeiro - Albano

→

Victor
Martins
Montgomeri
Millan
Ernani
Menezes
Vasconcellos
Berto
Benincasa
Fernandes
Soledade
Campos Costa



Yedo



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2008

→

Menezes - Valdir
Lima e Silva
Ribeiro Mendes
Machado - Ferreira
Paiva Neto - Elbert
Allen - Novaes Neto
Telles - Hélio
Ronaldo - Reginaldo
Syrio



Hoog
Criador da "Bolacha" da
Turma Agora Vai



Celestino Araken Maurício



→
Vita
Fonseca

→
Ubirajara
Machado
Luiz Carlos
Elbert





Campo dos Afonsos 2008



→
Marques
Batalha
Valdir
Pereira
Corrêa



Menezes Albano Vinhosa Abel



Vasconcellos Albano Casado Castro
Perlingeiro Victor Pinho



Reginaldo Novaes Neto Hoog Sotto Mayor



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2008



Clube de Aeronáutica de Brasília - 2009





Clube de Aeronáutica do Rio de Janeiro 2009



Nascimento

Galhardo

Cerdeira

Rodrigues

Vicente

Jordão

Paiva Neto



Wancler
Nascimento
Celestino
Lopes
Valdir

↑ Paiva Neto - Galhardo - Sotto Mayor



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Clube de Aeronáutica de Brasília 2009

→
Guimarães



Cavalin
Ribeiro Mendes
Maria do Carmo

Ramalho

Pires e Sra

Francisca Caravellas

Wancler e Saete

Caravellas



Família Adnir



Hélio e Sra

Cesar

Ribeiro Mendes

Vicente e Sra



Campo dos Afonsos 2009



Porto

Lima e Silva

Caravellas

Madeira

Corrêa



Sobrnh do Chieza

Chieza

Wilson



Franklin

Kraemer

Benincasa



Santana

Delgado

Amaral

Allen

Canevari

Abel



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2010



→
Altomar
Castro
Berto
Araken
Abel
Allen
Corrêa
Chieza
Casado
Britto

→
Elbert
Delgado
Cerqueira
Cezar Ney
Celestino
Daemon
Campos Costa
Clemente
Campos
Édison



→
Etraud
Fernandes
Hélio
Franklin
Batalha
Jordão
João Carlos
Galhardo
Novaes Neto



Campo dos Afonsos 2010

-
- Machado Neto
- Santana
- Wilson
- Pinho
- Reginaldo
- Lunkes
- Paiva Neto
- Lopes
- Sanchez
- Osolins
- Sotto Mayor



-
- Wilson
- Póvoas
- Hoog
- Marcelino
- Victor
- Madeira
- Perlingeiro
- Porto
- Washington

-
- Valdir
- Póvoas
- Miglorância
- Maurício
- Montgomeri
- Ramalho
- Vicente
- Hoog
- Rodrigues
- Franklin





Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2010



Telles

Evandro

Victor



Valdir

Telles



Corrêa

Esta garrafa de cachaça, guardada por muitos e muitos anos, foi doada pela Sra Vicentina, viúva do saudoso companheiro Queiroz. O rótulo é de autoria do companheiro Batalha, que a batizou de *Abrideira*.





Campo dos Afonsos 2010



Hoog - João Carlos - Perlingeiro - Valdir - Evandro - Novaes Neto - Daemon - Telles



Berto Altomar Póvoas



Santana Montgomeri Allen

→

Washington
Paiva Neto
Lopes



Sotto Mayor

Campos Costa



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Campo dos Afonsos 2010



Capela



Pátio de Formaturas

Cassino dos
Cadetes





MISSÃO CUMPRIDA





PARA NOSSA REFLEXÃO

Foi um tempo de lutas e incertezas, principalmente a partir de 1965, mas como oficiais aprenderíamos que foi *ficha*. Éramos jovens, a inquietação era inerente à fase. Apesar de umas raríssimas recordações não muito prazerosas, o saldo foi extremamente positivo.

Hoje percebo que o *laboratório* batizado de **Agora Vai** gerou modificações importantíssimas para o então Ministério da Aeronáutica e para o atual Comando da Aeronáutica. Não entendíamos assim há quase cinquenta anos, mas basta ter um mínimo contato com a oficialidade formada a partir dos anos 1980, notadamente, para nos orgulharmos de nossa participação nas mudanças que geraram a Força Aérea Brasileira dos dias atuais. Não vou entrar em detalhes, mas saibam que atualmente os oficiais intendentes são formados por opção desde o início da carreira. Antes da nossa turma, a Intendência *era formada* a partir dos incapacitados para o voo ou dele desligados pelos mais diversos motivos, jamais por opção. Os concursos, hoje, são específicos para aviadores, intendentes e infantes.

Dando uma breve desviada do perfil deste trabalho, *eu* me permito mencionar três amigos de turma que serviram na Academia da Força Aérea nos anos 1970, 1980 e 1990/2000. Eles podem se manifestar, com conhecimento de causa, sobre a formação atual do oficial da Força Aérea: Porto, Sanchez e Britto.

O Porto labutou como Instrutor de Voo, Chefe da Divisão de Instrução de Voo – quando foi implantado o Tucano T-27 na instrução – e, finalmente, Comandante da AFA, cargo no qual passou para a reserva da Força, isso em 2001.

O Sanchez teve a ventura de comandar o Corpo de Cadetes da Aeronáutica no biênio 1985-1986. Participou de todos os exercícios, inclusive os de campo, com os cadetes.

O Britto, além de ter comandado o CCAER no princípio dos anos 1990, quando também acompanhou os cadetes em todas as fases de instrução, foi Subcomandante da Academia.

Estes nossos amigos podem testemunhar, com mais eloquência, sobre as vantagens da formação do oficial da FAB, seja aviador, intendente ou infante, no período pós-AGORA VAI. Eles viveram “aquela” fase de incertezas que nos *incomodaram* tanto e trabalharam com os cadetes após as mudanças terem sido efetivamente implantadas. Melhor dizendo: *participaram ativamente* da nova formação.

Devemos nos orgulhar por termos servido de *laboratório*, conforme já citado. A alguma turma caberia esse mister. Coube à nossa. Fomos distinguidos e devemos nos sentir honrados em participar de um processo que culminou com a melhoria da formação do oficial da FAB e, conseqüentemente, com a atualização da Força à qual jamais deixamos de pertencer. E isso vale não somente para os que permaneceram na Aeronáutica e nela fizeram carreira, mas a todos quantos, em alguma época da vida, fizeram parte da AGORA VAI.

Bem, melhor mudar de rumo, senão vou escrever outra revista abordando a atualidade da FAB. Este trabalho teve por princípio um apanhado dos tempos acadêmicos. A sua maior finalidade é incentivar gratas recordações, ainda que citando acontecimentos não muito agradáveis e até mesmo tristes à época de sua ocorrência. É como injeção: dói, mas depois percebemos o bem que nos fez. Perdoem-me se extrapolei em algumas manifestações, se ofendi alguém, se abusei de memórias pessoais, mas memórias são pessoais, inclusive as *Memórias das Areias*. Conforme regis-



trei no início, cada companheiro pode enriquecer esta obra, e isso não será tarefa difícil, dada a pobreza destas páginas. Coloco-me à disposição dos amigos, não somente para *esclarecer* o que foi registrado, mas também para ouvir suas versões dos fatos e *causos* abordados. Dar-me-ei por feliz se os amigos puxarem pelas suas recordações e se surpreenderem sorrindo ao lembrar fatos e *causos* novos, ou ao acrescentarem aos aqui apresentados versões diferentes ou complementares. Certamente muitos têm seus arquivos pessoais, como *eu* os tenho, sob a forma de fotos, cartas e registros diversos. Além da memória, evidentemente.

Aos amigos que ingressaram na turma após 62 e, portanto, não vivenciaram fatos daqueles tempos, nossa amizade desconhece barreiras; perguntem, se lhes interessar, a quem começou a vida militar em BQ. Não estranhem se a resposta for "puxa, não me lembro disso!" Estarei à disposição para matar qualquer curiosidade, mas memória tem tempo de validade, e em breve eu mesmo duvidarei que fui o autor deste relato.

Estamos mais para os *setenta* do que para os *sessenta*. Ainda vivemos uma idade romântica, sonhadora, mas logo, se Deus permitir, entraremos na idade *biológica*. Já mencionei em almoço de turma um dito de Salomão, a personificação da sabedoria, e me dou o direito de mencioná-lo novamente, agora por escrito:

"A duração da nossa vida é de setenta anos; e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, a medida deles é canseira e enfado, pois passa rapidamente, e nós voamos." Salmos, 90-10

Espero que todos cheguemos não aos oitenta, mas aos cem, até porque hoje existem recursos maravilhosos na Medicina e em outras ciências. Temos vivido intensamente, e, passando de um sábio da antiguidade para um mais recente, personagem da nossa história, registro:

"A vida não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. E de um ao outro extremo vai o caminho, longo ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fatais se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receoso da hora em que saia, cativo de um e de outro mistério, que lhe confinam a passagem terrestre." Rui Barbosa, Oração aos Moços.

A tradução de Salomão é contextualizada, e aos "setenta, oitenta anos" podem ser acrescentados mais uns vinte, quando então teremos de pensar na "porta de saída", de Rui. E que realmente cada amigo esteja "receoso da hora em que saia", pois a vida terá valido a pena. Até aqui valeu para a **AGORA VAI**.

Walter Miglorância Filho



Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Eternos Companheiros



Dalton



Aragão



Gouvêa



Ritzel



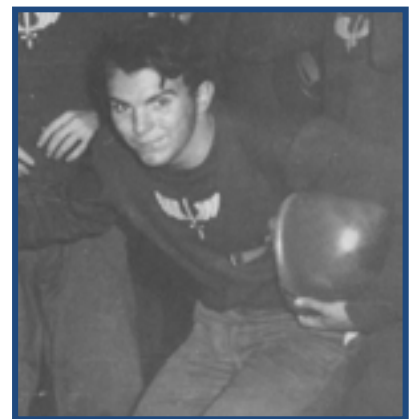
Cecconi



Gehring



Adhemar

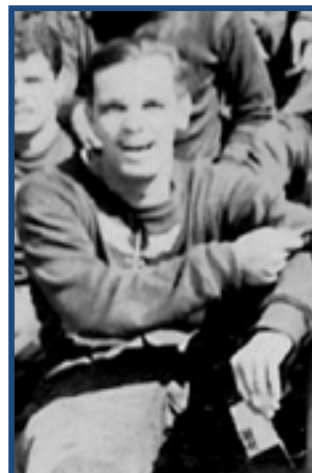


Ramos



Gaia

Bôsko



Araújo





Eternos Companheiros



Silva



Américo



Leal



Matt



Paulo Roberto



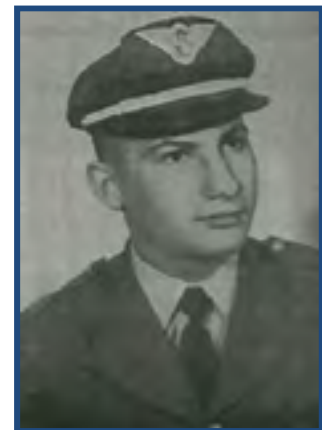
Queiroz



Carlos Chagas

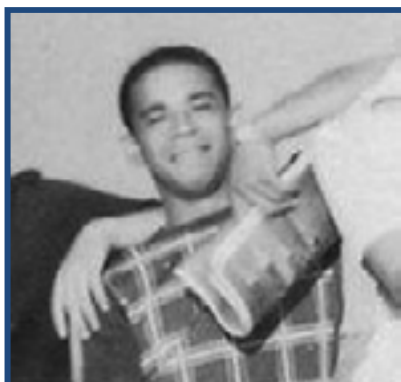


Aguiar



Almeida

Sales



Saboia



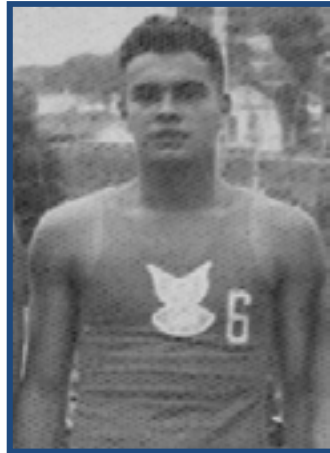


Turma Agora Vai
1962 - 1964 - 1965

Eternos Companheiros



Santos



Alcoforado



Bravo



Cavalcante



Gomes



Haddad



Rosas



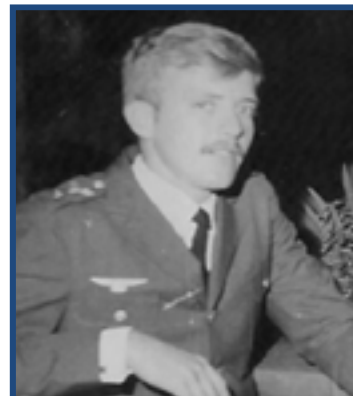
Andrade Neves



Floriano



Nogueira



Velloso



Eternos Companheiros



Cavalin



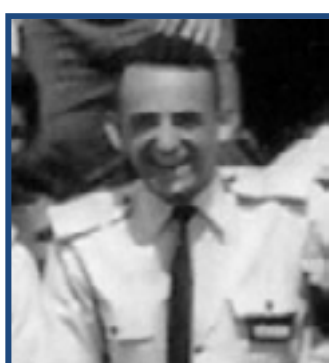
Moreira Lima



Nunes



Eduardo



Sá



Ronaldo



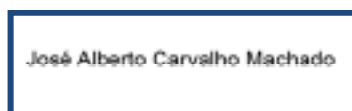
Tavares



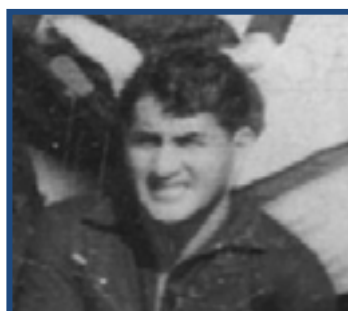
Daniel



Barrientos



"Pimpão"



Chacon



Espírito Santo



RELAÇÃO DO PESSOAL MATRICULADO NA TURMA AGORA VAI

MATRICULADOS EM 8 DE MARÇO DE 1962

62-02	JORGE SE SÁ - Civ
62-05	JOVAN MENDONÇA CAMPOS - Civ
62-06	SÉRGIO LEAL DA COSTA - Int
62-09	LUIZ ANTONIO DE MORAES RIBEIRO - Civ
62-11	MAURI CUNHA LIMA - Civ
62-12	LUIZ CARLOS CAMPOS COSTA - Civ
62-14	JORGE SCHMIDT - Av
62-15	JOSÉ AUGUSTO E SILVA - Civ
62-17	FERNANDES LIMA - PMRJ
62-18	LUIZ DE GONZAGA GARCIA BRANDÃO - Civ
62-19	WELLINGTON PEREIRA VAZ-CURADO - Int
62-20	FERNANDO MARQUES QUEIROZ - Int
62-21	LINCOLN LIRA GOMES - Civ
62-23	WANCLER RIOS FERREIRA - Int
62-24	NILTON PAZ DO NASCIMENTO - Int
62-25	WALTER MIGLORÂNCIA FILHO - Int
62-26	AUGUSTO CESAR BITTENCOURT PIRES - Civ
62-27	JOSÉ MONTGOMERI MELO REBOUÇAS - Av
62-28	JOSÉ AUGUSTO ALVES FARIA - Int
62-29	NELSON VITALI PAZZINI - Av
62-31	ALBERTO DOS SANTOS D'ALBUQUERQUE E CASTRO - Int
62-32	ADILSON DE ALMEIDA VASCONCELLOS - Civ
62-33	CARLOS ARI CESAR GERMANO DA SILVA - Av
62-34	BRENO LICURGO BARCANIAS CHIEZA - Civ
62-35	ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO DE ALMEIDA - Av
62-37	JAIR ANTONIO PIMENTA - Civ
62-38	JOSÉ DA ROCHA CAVALCANTE FILHO - Int
62-39	GERALDO GAIA - Av
62-41	FERNANDO NEPOMUCENO CERDEIRA - Av



62-43	IVO ANTONIO VELOSO DA SILVEIRA BATALHA - Av
62-44	CARLOS ÉDISON DOS SANTOS - Int
62-45	NELMAR REIS DE AGUIAR - Av
62-46	IVAN DE OLIVEIRA ALCOFORADO - Civ
62-48	SÉRGIO NEI PERLINGEIRO - Av
62-51	LUÍS ANÍSIO CAMARÃO CHAVES - Int
62-52	ALUÍSIO DE BARROS - Av
62-53	SÉRGIO SOTTO MAYOR - Av
62-54	HOMERO PEDRO DE ALCÂNTARA FILHO - Int
62-55	LUIZ FERNANDO PÓVOAS DA SILVA - Av
62-58	JOSÉ ORLANDO BELLON - Av
62-59	GILBERTO DE ALMEIDA GUIMARÃES - Int
62-60	WILSON DE QUEIROZ FILHO - Civ
62-61	PAULO ROBERTO RÖHRIG DE BRITTO - Av
62-62	MANOEL HENRIQUE - PMRJ
62-64	BOANERGES GURGEL DE ALBUQUERQUE E SILVA - Int
62-65	NEWTON SHUITI NARAHARA - Civ
62-66	FREDERICO PAULO RAMALHO CHAVES - Int
62-67	SÉRGIO ROBERTO VERGAS TAVARES DE MATTOS - Civ
62-68	JOSÉ CARLOS PINHO MAIA - Int
62-69	SELMAR LUIZ ALTOMAR - Av
62-70	JOSÉ MARIA BITTENCOURT LOPES - Av
62-72	SYLVIO DE SOUZA E ALMEIDA JUNIOR - Civ
62-73	LUIZ OTÁVIO VALGAS LÔBO - Int
62-74	ELIAS GOMES SABOIA - Int
62-75	MARCOS ANTONIO GOUVÊA - Faleceu como Cad Int - 1968
62-77	CARLOS CASADO LIMA - Int
62-78	TARCÍSIO ANTONIO NORA CORRÊA DE MATTOS - Civ
62-79	MARCO ANTONIO PIRES FERNANDES - Civ
62-80	VICENTE LUIZ PEREZ DO ROSÁRIO - Av
62-81	WALDYR RODRIGUES - Int
62-82	LUIZ FERNANDO BENINCASA CORRÊA - Int
62-83	DALTON DIAS NAZÁRIO - Civ



62-84	AIRTON DUQUE ESTRADA SERAPHIM - Int
62-85	ÁLVARO REIS DELGADO - Civ
62-86	PEDRO HÉLIO CAMPOS BRAVO - Civ
62-87	IVO VITALE MENEZES - Ex
62-88	FRANCISCO SALES FALCÃO - Int
62-89	JOSÉ LUIZ KRAEMER - Int
62-90	CARLOS TÔRRES CORRÊA MATT - Int
62-91	CLEBER GUSTAVO TÔRRES JORDÃO - Av
62-92	MAURO FLÁVIO GOMES BERTO - Av
62-93	AIRTON MARQUES DE SANTANA - Int
62-94	EDILBERTO DE SOUZA - Av
62-95	JOÃO CARLOS GOMES FERREIRA - Int
62-96	LUIZ SÉRGIO COUTINHO DO AMARAL - Civ
62-97	MARCO ANTONIO PEREIRA NOGUEIRA - Int
62-98	SÉRGIO JOÃO GALHARDO - Av
62-99	SÉRGIO MAURO BASTOS VITA - PMRJ
62-100	ABEL DOS SANTOS PIRES - Civ
62-101	ROBERTO JOSÉ LEITE LEAL - Int
62-103	ALBANO CESAR PEREIRA MARQUES - Civ
62-104	AMAURY FERNANDES ABUD - Int
62-105	MÁRIO ANTONIO DA SILVA - Int
62-106	FERNANDO OTÁVIO JARDIM - Civ
62-107	HUMBERTO ANTUNES TANCILLO - Av
62-108	HAROLDO PINHO DE FIGUEIREDO - Int
62-109	ALTAIR LEAL - Int
62-110	IVAN FONT DO VALLE - Civ
62-111	IÔNIO ESTEVES DE MELLO JUNIOR - Int
62-112	JOSÉ CARLOS MILLAN - PMRJ
62-113	NELSON SANTIAGO CERUTTI - Civ
62-114	DERLI STOPATO DA FONSECA - Int
62-115	EGÍDIO CERVELLINI - Mar
62-116	MARCO ANTONIO BARBOSA - Civ
62-117	SYLVIO IARMOLINSKI DOS REIS - Civ



62-118	LUIZ ANTONIO BARRETO ROSAS - Int
62-119	JOÃO BATISTA VINHOSA - Civ
62-120	ETRAUD DE FIGUEIREDO FILHO - Av
62-121	JOÃO BÔSCO AUGUSTO CORRÊA DE OLIVEIRA - Av
62-122	YEDO FLÁVIO BARROS SOUTO MAIOR - Civ
62-123	ROBERTO TAKASHI ITO - PMRJ
62-124	MAXIMINO MENDES DE OLIVEIRA JUNIOR - Int
62-125	RICARDO JOSÉ CLEMENTE - Int
62-126	ODIR DE SOUZA CARDOSO - Civ
62-127	JOSÉ LÚCIO DUARTE MARTINS - Civ
62-128	JOÃO FRANCISCO CANEVARI - Av
62-129	LUIZ EDMUNDO CAVALIN - Civ
62-130	JAIME RODRIGUES SANCHEZ - Av
62-131	PAULO ROBERTO PEREIRA LIMA - Av
62-132	EDUARDO DA SILVA JUNIOR - Civ
62-133	SÉRGIO RAIMUNDO PAESLER - Civ
62-134	ROBERTO BAPTISTA - Int
62-135	JOSÉ DE OLIVEIRA CARVALHO - PMRJ
62-136	ALBERTO MACHADO NETO - Civ
62-137	CELSO PIMENTA SOLEDADE - Av
62-138	SÍLVIO ALBERTO LOPES MADEIRA - Int
62-139	MAURÍCIO VICTOR DA SILVA - Int
62-140	ROBERTO SIQUEIRA HOOG - Av
62-141	SÉRGIO DÁRIO DAEMON DE OLIVEIRA - Av
62-142	ERNANI BARBOSA - Int
62-143	CEZAR NEY BRITTO DE MELLO - Av
62-144	ROBERTO MARCELINO DE SOUZA - Int
62-145	LUIZ FERNANDO REGNIER MARQUES - Int
62-146	JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA - Int
62-147	NELSON RAMOS DE MELLO - Av
62-148	EVANDRO RIBEIRO DA SILVA - Av
62-149	RICARDO COSTA OSOLINS - Civ
62-150	MILTON SALES DE BARROS - Av



- 61-198 JOSÉ ALBERTO CARVALHO MACHADO - Civ
61-230 ANTERO JOSÉ DE LIMA BASTOS SALES - Civ

MATRICULADOS EM 1964

- 63-11 NEIMAR DIEGUEZ BARREIRO - Av
63-34 NILVAN DE MOURA LIMA - Av
63-57 JOSÉ MOURÃO FILHO - Av
63-78 JOSÉ DANILO FRANKLIN DE SOUZA MAIA - Int
64-350 LUIZ CARLOS MACHADO E SILVA - Int
64-351 FERNANDO RIBEIRO DE CARAVELLAS - Int
64-352 JAIRO LÚCIO CAMPOS - Int
64-353 JOSÉ MAELSON GADELHA BARBOSA - Int
64-354 CESAR COSTA - Av
64-355 BERNARDINO ADAUTO DE PAIVA NETO - Av
64-356 SÉRGIO AUGUSTO COIMBRA MARQUES - Int
64-357 ARTUR ROBERTO DOS SANTOS GOMES - PMRJ
64-358 ABELARDO TEIXEIRA DE ARAGÃO - Av
64-359 FLORIANO MACHADO FERNANDES DA SILVA - Int
64-360 IVAN NUNES - Av
64-361 VIRGÍLIO AMÉRICO GENEROSO PORTO - Av
64-362 UBIRAJARA DA SILVA RAMOS - Int
64-363 JOSÉ MARIA RIBEIRO MENDES - Av
64-364 MARCOS LUÍS PEREIRA - Int
64-365 CARLOS GERALDO DOS SANTOS PORTO - Av
64-366 JORGE LUIZ VESCIA LUNKES - Int
64-367 LUIZ DE MELLO MAIA FILHO - Av
64-368 JOESSE DE PAULA - Int
64-369 LUIZ CARLOS CHAGAS - Int

MATRICULADOS EM 1965

- 65-100 ANTONIO PAULO MOREIRA LIMA - Av
65-101 ARMANDO AMARAL LOUREIRO - Int
65-102 CARLOS ALBERTO SOUZA FIGUEIREDO - Int



65-103	CLÁUDIO SEBASTIÃO DE REZENDE BASTOS - Int
65-104	HELDER MACHADO DE CARVALHO - Int
65-105	JOÃO PEREIRA NOVAES NETO - Av
65-106	JORGE AUGUSTO DE OLIVEIRA - Int
65-107	JOSÉ CARLOS BARRETO NEVES - Av
65-108	JOSÉ DOMINGOS TRINTA ALLEN - Civ
65-109	JOSÉ FRANCISCO GONTAN RITZEL - Av
65-110	LUIZ CARLOS RODRIGUES - Av
65-111	MARCO ANTONIO SILVEIRA DE SOUZA - Av
65-112	NORBERTO ANTONIO CECCONI - Av
65-113	ROBERTO JORGE DO ESPÍRITO SANTO - Int
65-114	CELESTINO CARLOS WANDERLEY NETO - Int
65-115	DONALD GEHRING - Av
65-116	JOSÉ MÁRCIO ELBERT DE CASTRO - Int
65-117	PEDRO AGNELO CHAVES DE BRITO - Int
65-118	RENATO DE OLIVEIRA BASTOS - Av
65-119	SÁLVIO AUGUSTO GUIMARÃES - Int
65-120	WASHINGTON CARLOS DE CAMPOS MACHADO - Av
65-121	JOSÉ REGINALDO BASTOS - Av
65-122	EURICO DE ANDRADE NEVES NETO - Av
65-123	DILSON RIBAS CABRAL DA SILVEIRA - Int
65-124	JOSÉ LUIZ DE ROSE - Civ
65-125	MAURÍCIO ANDRADE CORREA DA SILVA - Av
65-126	LUIZ CARLOS CHAGAS II - Av
65-127	VALDIR NEVES MAGALHÃES PIRES - Av
65-128	VILMAR RIVETTI HADDAD - Ex
65-129	HÉLIO JOSÉ RIBEIRO - Av
65-130	ARAKEN HIPÓLITO DA COSTA - Av
65-131	CARLOS ALBERTO MIRANDA - Civ
65-132	MARCO AURÉLIO CESAR MENEZES - Av
65-133	JOSÉ WALTER SOUZA TELLES - Av
65-134	DALTON MANOEL DE OLIVEIRA - Faleceu como Cad Av 1967
65-135	MARCO AURÉLIO SYRIO - Int



65-136	LUÍS OTÁVIO ROSSI DE VASCONCELLOS - Int
65-137	AMARO BAPTISTA FERREIRA - Av
65-138	JOSÉ AÉLIO MADUREIRA - Civ
65-139	ADHEMAR LUIZ BARBOSA PINTO - Av
65-140	FRANCISCO JOSÉ PREVITERA - Av
65-141	RONALDO DANIEL ARAÚJO - Av
65-142	CARLOS AUGUSTO LEAL VELLOSO - Av
65-143	HERY PAULO DE LIMA E SILVA - Av
65-144	JOÃO DANIEL DOS SANTOS - Civ
65-167	SÍLVIO LOPES DE ARAÚJO - Av
65-168	OTÁVIO DE OLIVEIRA - Int
65-169	ERNESTO COELHO TIMM - Civ
65-170	EVANDRO MUÑOZ BRAZ - Civ
65-171	EDUARDO VILLANOVA CORRÊA - Int
65-188	TÚLIO SILVIANO BRANDÃO - Av
65-189	ADNIR ABÍLIO JOAQUIM DE ARAÚJO - Int
65-190	MARCO AURÉLIO ANTUNES BEZERRA - Int

CADETES BOLIVIANOS

65-191	ENRIQUE CABRERA GUZMAN - Int
65-192	CARLOS BEJAR MOLINA - Av
65-193	MANUEL CHACON IBARRA - Int
65-194	ERNESTO PEREYRA TORRICO - Av
65-195	WALTER BARRIENTOS DE UGARTE - Av

CADETES MATRICULADOS COM DESTINO A OUTRA TURMA, O AUTO DENOMINADO "QUADRO-EXTRA"

65-158	AMAURY JOSÉ FERNANDES
65-159	JOAQUIM DOMINGUES DUARTE
65-160	JOSÉ ALBERTO DE BARROS GOMES
65-161	JORGE AUGUSTO CARNEIRO
65-162	MOISÉS CASTELO BRANCO DA SILVA
65-163	EUDO SANTOS COSTA



65-164	EBSTER CORREIA DA SILVA
65-165	ALBERI DUARTE MENDES
65-172	OTÁVIO FERREIRA GUERRA
65-173	SEBASTIÃO CAETANO DA SILVA JUNIOR
65-174	CARLOS ALBERTO RIBEIRO SANCHEZ
65-175	GERALDO LIMA PIRES
65-176	MARCO AURÉLIO DE CASTRO MONTEIRO
65-177	JOÃO LUIZ COUTO DA SILVA
65-178	SÉRGIO DA SILVA MAGALHÃES
65-179	ELISEU MENDES BARBOSA
65-180	CLAUDIONOR DE ALBUQUERQUE FILHO
65-181	JALBAS CORREIA MATOS
65-182	JOSÉ AIRO DOS SANTOS
65-183	MILTON PORTELA DO SACRAMENTO
65-185	WALTER GOMES DE SOUZA
65-186	YONE CASTILHO DE CAMPOS
65-187	WANDERLEY ALVES DOS SANTOS
65-188	ALFREDO MAGALHÃES NETO

Obs 1: deixou de ser lançada a matrícula do Cad. 65-166, LUIZ ANTONIO BARRETO ROSAS, cujo nome já consta da relação de 1962. O ROSAS saiu da AGORA VAI em 1964 e retornou em 1965, após ser desligado do voo na turma anterior à nossa.

2: o Cad. 65-172, João Luiz Couto da Silva, foi desligado em 1966.

3: os Cad. 65-162, Moisés Castelo Branco da Silva, e 65-186, Yone Castilho de Campos, foram desligados no início de 1965 e se matricularam na EOEIG.



PEQUENO E MODESTÍSSIMO GLOSSÁRIO

A seguir, a *tradução* livre de algumas expressões usadas nesta revista. Perdoem-me os amigos que já estão carecas de conhecer a conotação de tudo e muito mais, mas o alvo principal é a nossa descendência e alguns amigos que não foram da Força Aérea.

- AFONSOS (ou CAMPO DOS AFONSOS): campo de aviação histórico, situado em Marechal Hermes – Rio de Janeiro, berço da aviação militar brasileira. Abrigava a então Escola de Aeronáutica, que formava os oficiais aviadores e intendentes da FAB.

- ARATACAL (coletivo de aratacas): alunos/cadetes procedentes dos estados do norte e nordeste do Brasil.

- BANANEIRAS: alunos/cadetes que tinham residência perto da Escola e podiam passar os finais de semana em casa. Por exemplo: no Rio, os cariocas eram os bananeiras. Mesma acepção para BANANAL.

- BIZU: o mesmo que boato. “Informação” que poderia ou não ser confirmada.

- BOLACHA DA AGORA VAI: escudo representativo da turma, geralmente usado nos trajés de voo.

- BQ: designação, para fins aeronáuticos, de BARBACENA, sede da Escola Preparatória de Cadetes do Ar – EPCAr.

- CORPO DE ALUNOS: setor encarregado das atividades relativas aos alunos de todas as séries – ou “Esquadrilhas” – da EPCAr.

- CORPO DE CADETES: idem acima, mas em relação aos cadetes da Escola de Aeronáutica (EAer), situada no Campo dos Afonsos – RJ.

- COLOG: alusão “forçada” à expressão matemática conhecida como *cologaritmo*; traduz alunos que têm o mesmo número de matrícula, em anos diferentes, evidentemente. Por exemplo: Al 62-101 tem como COLOG o Al 63-101, sendo 62 e 63 representativos do ano de ingresso na EPCAr.

- CPOR AER: Curso de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica. Funcionou em Pirassununga em 1967, quando éramos cadetes aviadores.

- C-47: versão militar do antigo DC-3. Aeronave para transporte de passageiros e/ou carga, prestou inestimáveis serviços em todas e quaisquer circunstâncias, fosse no teatro de operações da segunda guerra mundial, fosse em ações de apoio em tempos de paz, em todo o mundo.

- D: designativo de punição disciplinar de DETENÇÃO. 2D = dois dias de detenção.

- EAer: Escola de Aeronáutica, situada no Campo dos Afonsos – RJ, sede do Corpo de Cadetes da Aeronáutica. Estabelecimento de ensino superior da Aeronáutica.

- EPCAr: Escola Preparatória de Cadetes do Ar, situada em Barbacena – MG. Estabelecimento de ensino médio da Aeronáutica.

- GINO’S: pizzeria famosa em Barbacena, muito frequentada pela sociedade local, por turistas e, obviamente, pelos alunos da EPCAr.

- GP (golpe de publicidade): atitude tomada pelo aluno/cadete para mostrar-se “importante” no meio que estava frequentando. Valia uso de fardamento, conversas sobre os mais variados temas, *inclusive* aviação, mesmo que não fizessem lá muito



sentido; o importante era impressionar, principalmente as moças, fossem de onde fossem.

- INTENDÊNCIA: serviço encarregado das atividades administrativas e de assessoramento no âmbito da Força Aérea.

- JARDIM DE ALÁ: como o nome diz, um *jardim* da EPCAr. Ponto de convergência de alunos, geralmente em busca de inspiração nas noites estreladas de Barbacena. E como inspirou...

- LAGO DO BRIGÔ: um lago modesto da EPCAr, mas que, a exemplo do Jardim de Alá, acalentou muitos sonhos adolescentes. BRIGÔ é a forma apocopada de BRIGADEIRO.

- LARANJAL: coletivo de LARANJEIRAS.

- LARANJEIRA: aluno ou cadete que, por morar longe da Escola, nela permanecia durante os finais de semana. Alguns laranjeiras moravam tão longe que chegavam a passar férias no quartel.

- LS: Licenciamento Sustado. Poderia ser LS-1 ou LS-2, em que o algarismo designava se o aluno/cadete deveria permanecer na Escola somente um dia ou durante dois dias, cumprindo uma punição disciplinar, a mais leve. Geralmente era cumprido durante os finais de semana ou em feriados, caso contrário não seria punição...

- MOLOTOV: esse é bom! Mistura de todos os ingredientes de uma refeição – vamos lá: arroz, feijão, bife, ovos, batata, leite, café, água, sobremesa (sorvete, por exemplo), e o que mais houvesse, numa caneca. Logicamente tudo bem amassado, formando uma pasta quase irreconhecível e intragável. E o “bicho” tinha de gostar. Logicamente, um trote, mas ninguém jamais ficou “indisponível” por causa de um “molotov”. Pior: tinha bicho que gostava!

- NAVAMAER: competição esportiva, nos moldes de uma olimpíada, que reunia os cadetes das três forças singulares – Exército, Marinha e Aeronáutica. Geralmente ocorria em setembro de cada ano. A designação vem de Escola NAVal, AMan e Escola de AERonáutica: NAVAMAER. Tempos bons!

- NOME DE GUERRA: nome pelo qual o militar é identificado/conhecido. Geralmente é o nome de família, embora isso nem sempre fosse possível.

- NPA: Norma Padrão de Ação. Neste trabalho se refere ao manual da aeronave a ser voada. Coletânea dos dados operacionais de uma determinada aeronave.

- PALACE: principal cinema de Barbacena nos idos de 1960. Também hotel e restaurante.

- PARA-SAR: esquadrão encarregado de busca e resgate de tripulações desaparecidas e/ou acidentadas. Tropa altamente operacional.

- PELERINE: agasalho, espécie de “sobretudo”, utilizado em épocas de frio intenso com o uniforme de passeio, o 5º A.

- PERUAÇÃO: ato de tentar arrumar “carona” em viagem de avião. Os laranjeiras eram os principais “peruadores”, claro!

- PINÓQUIO: bar onde os alunos da EPCAr se reuniam para degustar uma cerveja. Alguns companheiros tinham por hábito tomar a dita cuja em...colherinhas de café, para durar mais e, segundo eles, fazer um efeito mais prolongado. E para gastar menos, claro!



- PQD: aluno/cadete que entrou na turma após 1962, ou seja, no decorrer do curso.
- P: prisão. Punição para as faltas mais graves. Exemplo: 2P = 2 dias de prisão. Um dia de prisão equivalia a dois dias de detenção, ou 1 P = 2 D. É isso aí; conhecimentos rudimentares de álgebra são importantes até na hora de acumular punição.
- QUATRO-ESTRELAS: designação informal do mais alto posto na hierarquia militar; Tenente Brigadeiro na Força Aérea.
- RANCHO: designação do refeitório nas organizações militares.
- REBORREIA (também RETA): pessoal cuja "média", nas instruções científica e militar, ficava abaixo da média da turma. RABO DE TURMA. Pode adaptar outro substantivo no lugar de RABO.
- RECUPERA ou RECUPERAÇÃO: prova extra a que eram submetidos os alunos/cadetes que não alcançassem média superior a 6(seis) nos trabalhos anuais normais referentes a uma disciplina.
- REEMBOLSÁVEL: espécie de "supermercado" de alguns quartéis.
- RETA: linha da formatura composta pelos militares de menor estatura física, ou seja, os mais baixos. Termo usado, também, para definir a REBORREIA.
- SOLO: termo que caracteriza o primeiro voo em que o cadete é o único tripulante dentro da aeronave. Segundo alguns instrutores, momento em que o cadete está apto a ...quebrar a aeronave sozinho, sem a ajuda de um oficial.
- T-6: aeronave de 600 HP usada na instrução avançada dos cadetes. Fez história. Também chamada de NA (de NA T-6).
- T-21 FOKKER: aeronave de 125 HP usada na instrução básica dos cadetes, a partir do estágio para seleção de piloto militar, inclusive. Tinha a bequilha na cauda, o que dificultava sobremaneira o pouso e a decolagem.
- T-22 FOKKER: aeronave quase idêntica ao T-21, porém com uma diferença pequena, mas fundamental: sua bequilha ficava no nariz, o que tornava o pouso e a decolagem uma "moleza". Bem, a bequilha era a terceira roda do trem de pouso. É isso aí.
- VI (leia-se vê i): afastamento temporário do aluno/cadete da instrução prevista, às escondidas, sem autorização. Matar a instrução, cabular a aula, etc. Vem de "Voo por Instrumento". Uma bela adaptação aeronáutica para *uma fuga nem sempre fugaz*.
- X-1, X-2, X-3: avaliação do grau de aproveitamento do cadete na instrução aérea. O algarismo que se segue ao X indica a vez em que o cadete está sendo testado. Quem solava no X-1 geralmente tinha o melhor aproveitamento, teoricamente estaria sendo aprovado no menor número de horas.
- X-F: última avaliação prevista. Em caso de não aprovação, o cadete deveria ser submetido a Conselho de Voo, ocasião em que lhe poderia ser concedida nova chance, sob a forma de algumas horas de instrução.
- ZERO-UM: melhor aluno/cadete da turma no cômputo geral.

RESENHA DO CINQUENTENÁRIO DA TURMA AGORA VAI!

BARBACENA, 8 A 10 DE MARÇO DE 2012

Pra variar, cheguei a Barbacena de véspera, dia 7, por volta das seis da tarde, com minha esposa, e tive o prazer de ser recepcionado pelo Castro, que chegara antes e cuja primeira providência foi me mostrar o "Estandarte" da Turma (muito bonito, por sinal): a nossa "bolacha" ao centro de uma bandeira branco-gelo, à frente do hotel, o Grogotó, como a nos dar as boas-vindas. Gostaria de entender de heráldica e medalhística para melhor descrever a obra, mas fico por aqui.



Após o check-in, em que o atendimento não deixou reparos, ocupação dos aposentos. Nada constituiu surpresa, pois nos vários contatos com o Celestino fui informado de tudo que nos aguardava, mas, além de as acomodações estarem perfeitas, causou uma emoção gostosa encontrar, sobre a cama, as camisetas, os bonés, o DVD e a revista, além da programação do "Jubileu de Ouro", tudo alusivo aos nossos cinquenta anos como turma.



O Victor também já estava lá, ultimando os preparativos para os eventos, que teriam lugar no próprio hotel e nas dependências da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, a partir do dia seguinte, 8 de março de 2012. Tudo passou pelo crivo da comissão, caracterizada pelo Victor como "comissão dois-em-um." A dupla trabalhou bastante, e muito bem, em todas as fases, fossem do planejamento, da execução ou do acompanhamento da solenidade.



Como ocorrera em 2007, por ocasião da comemoração dos nossos 45 anos, também o Germano e sua esposa chegaram de véspera, e pudemos bater um longo papo, sobre diversos assuntos, após o jantar. Logicamente um dos assuntos foi o último livro do amigo, "AO VENTO, SOBRANCEIRO", divulgado na tarde do dia seguinte, com sucesso. Que venha mais por aí.

Na manhã de 8 de março, quinta-feira, o bandão começou a pintar logo cedo, e o Luiz Carlos (o Gaúcho, pra não usar um apelido mais significativo e condizente...) fez as vezes de mestre de cerimônias, parabenizando as senhoras pelo "Dia Internacional da Mulher" tão logo desembarcavam em frente à recepção.



Foi um prazer renovado reencontrar velhos – em quase todos os sentidos – camaradas, e ninguém dissimulava a alegria, muitos chegando às lágrimas. O grupo voltava à fase da adolescência ali, naquela mesma cidade que viu o início da carreira de tantos idealistas, ainda que imaturos. Quanto à ressalva ao adjetivo velhos, um esclarecimento: estamos muito bem, de modo geral, conforme já citado na revista, e não devemos nos considerar sexagenários, mas sessentões; embora sinônimos, este último termo dá ideia de algo romântico, sonhador, ao passo que aquele remete a uma conotação puramente biológica, a de idoso. Pode ser um eufemismo, mas fica o registro.



Por volta das cinco da tarde, o Celestino “arrebanhou” uma patota para homenagear um amigo que nos acompanhou durante os três anos de nossa vida na EPCAR: o Gino. Ele nos recebeu no Candelabro – a sua/nossa pizzaria –, estava acompanhado da filha, e a patota compunha-se de Celestino, Yedo, Vinhosa, Maia (Urso), Tancillo, Figueiredo e Miglorância. Novamente muita emoção quando da entrega de uma placa de reconhecimento ao Gino por tudo que representou e representa para a Agora Vai e para a FAB. Ele a nós se referiu, carinhosamente, como “a turma da briga”, logicamente pensando no episódio caracterizado como “Os Vândalos de Azul”, em 1963, e relembrou alguns fatos do entreviro entre alunos da EPCAR e jovens da cidade. Apesar de seus 86 anos, ostenta, ainda hoje, condição física e lucidez invejáveis, além da aparência de um autêntico galã do cinema italiano de outrora. Basta que se vejam as fotos da homenagem, nas quais ele se confunde conosco. O Brasil lhe fez bem, com certeza.



Também pra variar, o “Curupa-Móvel” pagou emoção, chegando ao hotel um pouco depois do previsto, mas nada que provocasse alterações na programação. Pronto: estávamos juntos, e a grande maioria com suas esposas. Alguns se deram ao luxo de levar filhos, outros esnobaram, com netos, e o nirvana: O Campos Costa, 62-12, mais conhecido como Lula (não confundir, por favor!), extrapou, dando-nos ciência de que já é bisavô! E por duas vezes! Eta cabra arretado!

Aliás, o Lula trouxe uma comitiva e está de parabéns pela linda família. O Caravellas foi outro que se fez acompanhar pelas duas gerações subsequentes: filho e neto. Se houve outros casos semelhantes, nossa escusas pela omissão.



Todos nos honraram com sua presença, e citamos o comparecimento da Henriqueta e do Bosco Júnior com destaque. O "Camarada" deixou saudade e foi muito bem representado pelos seus queridos – esposa e filho, respectivamente. Que retornem em outros eventos do gênero, e que o exemplo, se possível, frutifique e traga outros queridos de outros queridos companheiros que já se foram. Somos uma família.



No coquetel de boas-vindas – ou de conagraçamento –, às 20h30, todos reunidos no ambiente próprio, muito bem decorado, algumas homenagens. A primeira delas a entrega de um botão de rosa às mulheres, feita pelas moças do Grogotó; o Vasconcellos (Saparuga) reforçou a data – Dia Internacional da Mulher. O Póvoas lembrou o incansável trabalho da comissão dois-em-um à frente dos eventos envolvendo a Turma e pediu uma salva de palmas. O Porto e o Miglorância tentaram fazer uma apresentação sucinta do DVD e da revista e entregaram ao Victor e ao Celestino uma mensagem, na qual era registrado o reconhecimento da Agora Vai pelo excelente trabalho nos últimos anos e pelo apoio das respectivas esposas, Rosângela e Maria da Graça, sem cuja compreensão a luta teria sido, no mínimo, mais árdua. O Victor e o Celestino já haviam feito um breve relato das ações desenvolvidas, e esperamos poder continuar contando com seu empenho e seu entusiasmo sempre que necessário.



Após as homenagens, tome de papo e música. A reunião foi animadíssima, e tudo contribuiu: o ambiente, agradabilíssimo; o serviço, de primeira; a música; o clima e a temperatura, que satisfizeram a todos, mesmo porque quem quisesse poderia conversar mais tranquilamente na área externa, e até fumar. Muita gente aproveitou para matar a saudade dos "velhos tempos" (este, aliás, foi um dos temas musicais do DVD, de autoria do Porto). A se destacar, o fato de várias esposas terem procurado a Henriqueta para rememorar a época de Fortaleza e Rio, quando todos éramos tenentes ou capitães.



MADRUGADA. DESCANSO. A SEXTA-FEIRA SERIA LONGA.

A sexta-feira, 9 de março, começou com aquele café da manhã: como manda a tradição mineira, colonial, farto, valendo por todas as refeições de um dia. Fez-nos lembrar do café da manhã dos bons tempos de alunos... Bem, tínhamos que ser comidos.

Seguimos para a EPCAr e assistimos a uma palestra do seu comandante, Brigadeiro Peclat, que nos mostrou a atualidade da Escola. Realmente, os tempos são outros, e ficamos felizes por constatar que o nosso Poder Aéreo, a partir da sua nascente, evoluiu, e muito. Orgulhamo-nos de ter participado do processo e não temos dúvidas de que a marcha rumo a um futuro grandioso é inexorável, apesar de alguns obstáculos. Após a palestra, e feitos os agradecimentos, foram entregues ao Comandante a camiseta, o boné, o DVD e a revista.



Na sequência, cerimônia religiosa na capela, finalizada com a chamada nominal de todos os companheiros que já se foram, procedida pelo Sanchez e respondida, em uníssono, pelos amigos presentes. Emocionante! E considere-se o fato de estarem presentes a Henriqueta e o Bosco Júnior, cujo esposo e pai, respectivamente, foi alçado aos arcanos há quase quatro décadas.



Momento marcante para todos, principalmente para nossas esposas: o desfile militar junto aos alunos no Pátio da Bandeira, às 12h (ou quase...). Jamais imaginei que ficaria tão comovido em meio a um grupo de oitenta amigos de longa data! E junto a esses amigos uns seiscentos alunos, como nós nos idos de 1962. Quem nos comandou foi o Bellon, e a cerimônia foi presidida pelo Britto e pelo Dieguez. O palanque contava com os oficiais da Escola e, principalmente, com nossas esposas e demais familiares.



Quando o Bellon apresentou a "Turma Agora Vai", o Britto foi de uma rara felicidade em suas palavras, cuja maior mensagem incutia-se neste trecho: "Apresentado!... Bellon, você jamais deixará de ser o nosso zero-um!..." Nós, da turma, entendemos perfeitamente o intuito do Britto e a emoção que deve tê-lo tocado, assim como ao Dieguez e ao Bellon, e certamente nos tocou a todos que estávamos "em forma".



Após o desfile, muitas lágrimas das esposas, algumas das quais devem ter presenciado cerimônias semelhantes quando ainda éramos alunos e cadetes. Sim, pois provavelmente alguns casais ali presentes já namoravam em 1962, 1963... Fomos efusivamente aplaudidos pelas nossas companheiras, que formaram uma espécie de torcida organizada, com camisa e tudo. E ai de quem nos criticasse!



Evento seguinte: descerramento da placa comemorativa, feito pelo Bellon, autor dos dizeres, inspiradíssimos. Uma celebração à VIDA e à nossa história, e uma mensagem de otimismo. Que vivamos mais trinta, quarenta anos, com o espírito que temos hoje, de jovens, apesar dos quase setenta vencidos.



Ato final da manhã-início de tarde: foto do grupo. De novo, pra variar, agitação, mas o ambiente era festivo, e logo nos ajustamos às ordens do fotógrafo. Belíssimo o resultado: oitenta companheiros, felizes feito adolescentes, vestidos de azul-real, emoldurados pela fachada da nossa querida Escola Preparatória de Cadetes do Ar.



Retornamos ao hotel, onde almoçamos e demos continuidade ao papo de amigos de longa data. Interessante: apesar de nos encontrarmos, por via de regra, anualmente, as reuniões quinquenais nos marcam sobremodo, parecendo, a um observador desavisado, que "não nos víamos fazia décadas", tamanha a agitação feliz que tais reuniões desencadeiam. E uma reunião de cinquentenário, então!!!

A tarde foi livre, e a aproveitamos para prolongar a conversa e evocar lembranças de uma vida rica de experiências comuns, principalmente no que dizia respeito aos três anos passados em Barbacena. Algumas esposas se aventuraram pelas ladeiras da cidade, outras relembrou fases diversas da vida de "milicas", educação dos filhos e, agora, dos netos, e algumas poucas descansaram, pois logo haveria novo evento.

NOVE E MEIA DA NOITE, INÍCIO DO JANTAR DANÇANTE DO "JUBILEU DE OURO".

O ambiente estava maravilhoso, ricamente adornado, flores por todo lado, um verdadeiro regalo para os olhos! Panorama adequado à ocasião. Os organizadores – e novamente citamos Celestino e Victor – se esmeraram na preparação e execução dos eventos. O pessoal do Grogotó deu sequência ao trabalho que já vinha desenvolvendo desde a definição do hotel como sede da comemoração, ou seja: tudo em ordem, e na melhor ordem possível.

Não vamos nos deter no aspecto gastronômico. Digamos, em resumo, que tanto o coquetel de entrada quanto o jantar propriamente dito estiveram impecáveis, não somente no que diz respeito à qualidade dos comes e bebes, mas no que tange à dedicação do pessoal envolvido. Aqueles jovens do Grogotó se superaram em cortesia a ponto de, não raro, ficarmos constrangidos, tamanha a delicadeza e a presteza no atendimento.



Simultaneamente ao jantar e às conversas entre os componentes de cada mesa, foi projetado o DVD do Porto, que retrata as várias fases da nossa vida militar. Um verdadeiro túnel do tempo, no qual entramos ainda meninos, pródigos em esperanças e sonhos, e do qual saímos sessentões, ricos em experiências, quase todas felizes.

Em dado momento, sem que tivesse havido qualquer acerto prévio, todos se levantaram e passaram a entoar o Hino do Aviador, acompanhando o DVD. Emoção pura, de arrepiar, literalmente. E para solidificar o sentimento que nos invadia, um abraço coletivo, na medida do possível, entre tantos companheiros e esposas, uniu, ainda mais, a nossa querida Agora Vai.



A reunião teve sequência, e seu desfecho foi em ritmo de carnaval, altas horas da madrugada, sem quaisquer contratempos, num ambiente que só uma família muito bem estruturada pode proporcionar.



Dia 10, sábado, café da manhã, o pessoal da madrugada – os costumes não mudam, quem foi laranjeira jamais deixará de sê-lo – começou a dar as caras no rancho (para manter a tradição) logo cedo, apesar da noite/madrugada agitada. E havia os que iriam empreender viagem de retorno logo, para chegar com luz do dia às suas cidades de origem. Alguns permaneceram por mais tempo, mas creio que a maioria deixou Barbacena ainda no sábado, no decorrer da manhã. Na despedida, mais uma oportunidade para as... lágrimas. Bom seria se todas as lágrimas que vertêssemos traduzissem alegrias como as proporcionadas por aqueles momentos em Barbacena.

Momentos maravilhosos aqueles passados entre 8 e 10 de março de 2012! Quando se repetirão? Quantos estaremos presentes? Não podemos prever, os desígnios de Deus são insondáveis, mas o que conta é que nossas reuniões, principalmente as quinquenais, são uma celebração à vida, a mesma celebração à vida que o Bellon cantou na placa que foi descerrada no evento dos 50 anos.

Mais dez, vinte, trinta, quarenta anos? Só Deus sabe. A nós cabe vivê-los de forma a cultivar o espírito jovem que nos tem acompanhado, apesar de o corpo apresentar os sinais de fadiga próprios do uso continuado, tal como acontece com as aeronaves, com todo e qualquer equipamento, com todo e qualquer ser vivente, enfim, com tudo que há neste mundão de Deus.

Nossas reuniões têm sido um estímulo, e devemos mantê-las, para manter o estímulo que nos torna amigos da vida, e não seus detratores.

Até a próxima, sabe Deus quando e onde.

Miglorância - Aluno 62-25



Relação dos companheiros que estiveram em Barbacena, entre 7 e 10 de março de 2012, por ocasião dos eventos alusivos ao Cinquentenário da TURMA AGORA VAI

- 62-06 Sérgio Leal da Costa
- 62-11 Mauri Cunha Lima
- 62-12 Luiz Carlos Campos Costa
- 62-17 Fernandes Lima
- 62-18 Luiz de Gonzaga Garcia Brandão
- 62-23 Wancler Rios Ferreira
- 62-25 Walter Miglorância Filho
- 62-26 Augusto César Bittencourt Pires
- 62-27 José Montgomeri Melo Rebouças
- 62-31 Alberto dos Santos D'Albuquerque e Castro
- 62-32 Adilson de Almeida Vasconcellos
- 62-33 Carlos Ari César Germano da Silva
- 62-35 Antonio Carlos Figueiredo de Almeida
- 62-41 Fernando Nepomuceno Cerdeira
- 62-44 Carlos Édison dos Santos
- 62-53 Sérgio Sotto Mayor
- 62-55 Luiz Fernando Póvoas da Silva
- 62-58 José Orlando Bellon
- 62-59 Gilberto de Almeida Guimarães
- 62-60 Wilson de Queiroz Filho
- 62-61 Paulo Roberto Röhrig de Britto
- 62-62 Manoel Henrique de Amorim
- 62-65 Newton Shuiti Narahara
- 62-66 Frederico Paulo Ramalho Chaves
- 62-68 José Carlos Pinho Maia
- 62-69 Selmar Luiz Altomar
- 62-70 José Maria Bittencourt Lopes
- 62-77 Carlos Casado Lima
- 62-78 Tarcísio Antonio Nora Corrêa de Mattos
- 62-80 Vicente Luiz Perez do Rosário
- 62-81 Waldyr Rodrigues
- 62-82 Luiz Fernando Benincasa Corrêa
- 62-85 Álvaro Reis Delgado
- 62-91 Cléber Gustavo Tôrres Jordão
- 62-92 Mauro Flávio Gomes Berto
- 62-93 Airton Marques de Santana
- 62-96 Luiz Sérgio Coutinho do Amaral
- 62-98 Sérgio João Galhardo
- 62-100 Abel das Santos Pires
- 62-103 Albano César Pereira Marques
- 62-107 Humberto Antunes Tancillo
- 62-108 Haroldo Pinho de Figueiredo
- 62-109 Altair Leal
- 62-112 José Carlos Millan
- 62-114 Derli Stopato da Fonseca
- 62-119 João Batista Vinhosa
- 62-122 Yedo Flávio Barros Souto Maior

- 62-125 Ricardo José Clemente
- 62-130 Jaime Rodrigues Sanchez
- 62-134 Roberto Baptista
- 62-136 Alberto Machado Neto
- 62-138 Sílvio Alberto Lopes Madeira
- 62-139 Maurício Victor da Silva
- 62-141 Sérgio Dário Daemon de Oliveira
- 62-142 Ernani Barbosa
- 62-143 Cezar Ney Britto de Mello
- 62-148 Evandro Ribeiro da Silva
- 62-149 Ricardo Costa Osolins
- 63-11 Neimar Dieguez Barreiro
- 63-34 Nilvan de Moura Lima
- 63-78 José Danilo Franklin de Souza Maia
- 64-351 Fernando Ribeiro de Caravellas (Fernando D'Áustria e Caravellas)
- 64-352 Jairo Lúcio Campos
- 64-353 José Maelson Gadelha Barbosa
- 64-355 Bernardino Aduino de Paiva Neto
- 64-356 Sérgio Augusto Coimbra Marques
- 64-364 Marcos Luís Pereira
- 64-365 Carlos Geraldo dos Santos Porto
- 64-366 Jorge Luiz Vescia Lunkes
- 64-367 Luiz de Mello Maia Filho
- 64-368 Joesse de Paula
- 65-105 João Pereira Novaes Neto
- 65-108 José Domingos Trinta Allen
- 65-110 Luiz Carlos Rodrigues
- 65-114 Celestino Carlos Wanderley Neto
- 65-116 José Márcio Elbert de Castro
- 65-120 Washington Carlos de Campos Machado
- 65-136 Luís Otávio Rossi de Vasconcellos
- 65-183 Eduardo Villanova Corrêa
- 65-169 Carlos Alberto Ribeiro Sanchez